



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

WAGNER TEOBALDO LOPES DE ANDRADE

**VARIAÇÃO FONOLÓGICA DA LIBRAS: UM ESTUDO
SOCIOLINGUÍSTICO DE COMUNIDADES SURDAS DA
PARAÍBA**

João Pessoa

2013

WAGNER TEOBALDO LOPES DE ANDRADE

**VARIAÇÃO FONOLÓGICA DA LIBRAS: UM ESTUDO
SOCIOLINGUÍSTICO DE COMUNIDADES SURDAS DA
PARAÍBA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) como requisito parcial para obtenção do título de doutor, na área de concentração *Teoria e Análise Lingüística* e linha de pesquisa *Diversidade e Mudança Lingüística*, sob orientação do Prof. Dr. Dermeval da Hora e co-orientação da Prof^a. Dr^a. Marígia Ana de Moura Aguiar.

João Pessoa

2013

A553v Andrade, Wagner Teobaldo Lopes de.
 Variação fonológica da LIBRAS: um estudo sociolinguístico
 de comunidades surdas da Paraíba / Wagner Teobaldo Lopes de
 Andrade.-- João Pessoa, 2013.
 140f. : il.
 Orientador: Dermeval da Hora
 Coorientadora: Marígia Ana de Moura Aguiar
 Tese (Doutorado) – UFPB/CCHL
 1. Linguística. 2. Sociolinguística. 3. Língua de Sinais (LS). 4.
 LIBRAS - variação fonológica. 5. Comunidades surdas - Paraíba.

UFPB/BC

CDU: 801(043)

VARIAÇÃO FONOLÓGICA DA LIBRAS: UM ESTUDO SOCIOLINGUÍSTICO DE COMUNIDADES SURDAS DA PARAÍBA

Wagner Teobaldo Lopes de Andrade

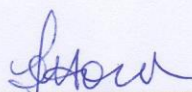
Prof. Dr. Dermeval da Hora Oliveira

Prof^a. Dr^a. Marília Ana de Moura Aguiar

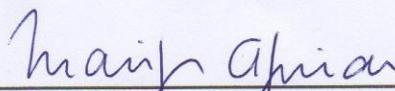
Tese de Doutorado submetida à banca examinadora como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística.

Data: 27/06/2013

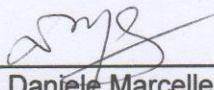
Banca examinadora:



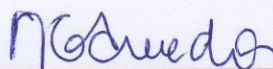
Prof. Dr. Dermeval da Hora Oliveira
Universidade Federal da Paraíba
Orientador



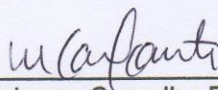
Prof^a. Dr^a. Marília Ana de Moura Aguiar
Universidade Federal de Pernambuco
Co-orientadora



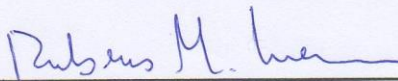
Prof^a. Dr^a. Daniele Marcelle Grannier
Universidade de Brasília
Examinadora Externa



Prof^a. Dr^a. Nadia Pereira da S. Gonçalves de Azevedo
Universidade Católica de Pernambuco
Examinadora Externa



Prof^a. Dr^a. Marianne Carvalho Bezerra Cavalcante
Universidade Federal da Paraíba
Examinadora Interna



Prof. Dr. Rubens Marques de Lucena
Universidade Federal da Paraíba
Examinador Interno

João Pessoa
2013

Às minhas matriarcas Zezé e Zenaide Teobaldo, sem cujo amor, eu nada seria.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. *Dermeval da Hora*, pelos ensinamentos valiosos que, com absoluta certeza, levarei para toda a minha vida profissional. Foi com um misto de privilégio e medo que me coloquei o desafio de escrever algo à sua altura, mas o aprendizado imensurável valeu toda a dedicação.

À Prof^a *Marígia Aguiar*, um exemplo de orientadora: carinhosa, exigente, disponível, atenciosa, compreensiva, extremamente humana... É confortante ouvir de todos (sem exceção, que sabem que sou seu orientando) que é maravilhosa, o que é a mais pura verdade. Obrigado por tudo!

Aos professores *Daniele Grannier*, *Nadia Azevedo*, *Marianne Cavalcante* e *Rubens Lucena*, pela cuidadosa leitura do trabalho durante o exame de qualificação e pelas excelentes sugestões durante a defesa. A escolha da banca examinadora não poderia ter sido mais apropriada.

Ao Prof. *Francisco Madeiro*, meu grande interlocutor científico, por todos os conhecimentos transmitidos até hoje e pela disponibilidade em fazer a revisão sempre atenta da tese.

Aos profissionais que fazem a FUNAD (Fundação Centro Integrado de Apoio ao Portador de Deficiência) e a EDAC (Escola de Audio-Comunicação), pela autorização para a realização da pesquisa e acolhimento durante a coleta de dados. Agradeço, em especial, a *Simone Jordão*, *Lenice Leal*, *Doriella Gouveia*, *Manuela Leitão*, *Maria Gerlane Moreira* e *Rosângela Ferreira* (FUNAD) e *Renata Frazão*, *Danilo Queiroz*, *Socorro* e *Francisca* (EDAC), pela atenção dispensada na seleção dos sujeitos.

A todos os *participantes* deste estudo, pela confiança depositada e pela contribuição para o engrandecimento dos conhecimentos no âmbito da Linguagem.

À coordenadora da Pós-Graduação em Linguística, *Regina Celi Mendes*, tão atenciosa em todas as minhas solicitações e dúvidas.

A *Neuber* e *Zilma Gonçalves*, queridos amigos, que tanto me incentivam e compreendem minhas frequentes ausências.

A *Jaims Ribeiro*, pela grande amizade e, especialmente, pela execução da análise estatística.

A *Ana Carla Vogeley* (minha Anita, *ne me quitte pas!*) que, desde a graduação, faz com que o tempo passe mais suavemente e as pressões do dia-a-dia se tornem cada vez menos penosas, além de ser minha grande incentivadora durante o doutorado, com valiosas contribuições ao projeto de pesquisa e à tese.

A *Flávia Rêgo, Ana Karênina Amaral, Marine Rosa, Hannalice Gottschalck e Luciana Pimentel*, pelo companheirismo diário e com quem dividi muitas das alegrias e angústias do doutorado.

A *Sandrinha, Morgana, Wanessa, Gabriela (Bibi), Ada (Tetê) e José Maria*, queridos amigos de tantos anos, de quem sempre recebo alegres e incentivadoras palavras.

À *Profª Ronice Quadros* (UFSC), que, gentilmente, me cedeu alguns dos livros de difícil acesso sobre línguas de sinais em língua inglesa.

Ao *Prof. Adam Schembri* (La Trobe University – Melbourne/AUS), pelas discussões realizadas virtualmente e pela cessão de seus artigos, um dos quais sequer foi submetido para publicação.

À *Profª Evani Viotti* (USP), que me indicou o maravilhoso acervo bibliográfico em língua inglesa da sua universidade, onde grande parte das minhas referências foram adquiridas.

Aos meus *alunos de Fonoaudiologia da UFPB*, com quem certamente mais aprendo do que ensino. Obrigado pela compreensão, especialmente com os lapsos de memória, nos momentos decisivos desta jornada.

A todos *aqueles que injustamente foram esquecidos*, porém, direta ou indiretamente, participaram da construção deste trabalho.

Finalmente, a *Deus*, por fazer com que, em pouco mais de três anos, tantas dúvidas e soluções tenham surgido... Obrigado pelas pedras colocadas no meu caminho... com elas, comecei a construir a minha escada.

“Línguas orais estão ao nosso redor; sons são, claramente, uma forma comum de representar significados. Mas eles são privilegiados?”

(WILCOX, 1992)

RESUMO

A língua de sinais (LS) é uma língua de modalidade viso-gestual independente do sistema de línguas orais. Pelo seu caráter de língua natural, assim como as línguas orais, é influenciada por fatores externos e sofre variação nos seus vários níveis linguísticos (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática). Este trabalho foca a variação (baseada nos pressupostos labovianos) no nível fonológico da LIBRAS, considerando seus parâmetros de configuração de mão, localização, movimento e orientação da palma da mão. Assim sendo, o objetivo desta tese é descrever a variação fonológica da LIBRAS realizada por comunidades surdas do Estado da Paraíba. O estudo observacional, descritivo e transversal foi realizado em duas instituições de educação de surdos, com a participação de 16 surdos das cidades de João Pessoa/PB e Campina Grande/PB, estratificados socialmente em função da idade, sexo e região geográfica. Os sujeitos foram solicitados a realizar os sinais de 60 palavras escritas em português individualmente em um *notebook*. Os parâmetros fonológicos da LIBRAS foram analisados de forma quantitativa em relação às variáveis complexidade do sinal, quantidade de mãos e localização e, de forma qualitativa, foi realizada a descrição da variação verificada nos sinais utilizados na pesquisa. Entre os principais resultados, verificou-se que os surdos mais velhos tendem a usar mais sinais unimanuais em relação aos mais jovens e que os surdos de João Pessoa tendem a realizar mais sinais superiores, enquanto que os de Campina Grande tendem a realizar mais sinais inferiores. Conclui-se que existe variação nos parâmetros fonológicos de configuração de mão, localização, movimento e orientação da palma da mão da LIBRAS realizada no estado da Paraíba, relacionadas à idade e à região onde o surdo reside. Não se verificou variação em relação ao sexo. Isto promove uma evidência adicional de que a variação linguística é característica de todas as línguas naturais, independentemente da modalidade em que é expressa. Além disso, assim como nas línguas orais, a variação das línguas de sinais se mostra não-aleatória, mas condicionada por fatores sociais.

Palavras-chave: Sociolinguística, LIBRAS, Surdo.

ABSTRACT

Sign language (SL) is a language of visual-gestural modality system independent of oral languages. By its character of natural language, like oral languages, is influenced by external factors and undergoes changes in its various linguistic levels (phonology, morphology, syntax, semantics and pragmatics). This work focuses on the variation (based on Labov's assumptions) at the phonological level of LIBRAS, considering its parameters of handshape, location, movement and orientation of the hand. The aim of this thesis is to describe the phonological variation of LIBRAS in deaf communities in the state of Paraíba. The observational, descriptive and transversal study was conducted in two deaf education institutions, with the participation of 16 deaf people from the cities of João Pessoa and Campina Grande/PB, socially stratified according to age, sex and geographic region. The subjects were asked to do the sign of 60 words written in Portuguese individually in a notebook. Phonological parameters of LIBRAS were analyzed quantitatively in relation to the variables complexity of the sign, quantity of hands and location and, in a qualitative way, it was described the variation in the signs used in the research. Among the main results, it was found that the older deaf tend to use more one-handed signs compared to younger people and deaf people of João Pessoa tend to perform more upper signs, while that from Campina Grande tend to perform more lower signs. We conclude that variation exists in phonological parameters of handshape, movement, location and orientation of the hand of LIBRAS held in the state of Paraíba, related to age and region where the deaf lies. No change was found in relation to sex. It promotes further evidence that linguistic variation is characteristic of all natural languages, regardless of the modality in which it is expressed. Moreover, just as in spoken languages, the change of LIBRAS is shown non-random but conditioned by social factors.

Key-words: Sociolinguistics, Brazilian Sign Language, Deaf.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Configurações de mão da LIBRAS (FERREIRA, 2010, p. 220).....	36
Figura 2 – Exemplo de sinal unimanual com configuração  (sinal de “eu”).....	37
Figura 3 – Exemplo de sinal unimanual com configuração  (sinal de “eu”).....	37
Figura 4 – Exemplo de sinal bimanual com mesma configuração de mão realizado na altura da cabeça (sinal de “céu”).....	39
Figura 5 – Exemplo de sinal com orientação da palma da mão para baixo (sinal de “nós”).....	43
Figura 6 – Exemplo de sinal com orientação da palma da mão para o corpo (sinal de “nós”).....	43
Figura 7 – Exemplos de pares mínimos que diferem em termos de configuração de mão, localização e movimento (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001).....	56
Figura 8 – Exemplo de configuração de mão em  (sinal do numeral um).....	58
Figura 9 – Exemplo de sinal simples (sinal de “peixe”).....	84
Figura 10 – Exemplo de sinal complexo (sinal de “peixe”).....	84
Figura 11 – Exemplo de sinal unimanual (sinal de “chuva”).....	85
Figura 12 – Exemplo de sinal bimanual (sinal de “chuva”).....	85

Figura 13 – Exemplo de sinal superior (sinal de “seis”)..... 86

Figura 14 – Exemplo de sinal inferior (sinal de “seis”)..... 87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pontos de articulação dos sinais da LIBRAS (FERREIRA; LANGEVIN, 2010).....	40
Quadro 2 – Tipos de movimento em sinais bimanuais (FRIEDMAN, 1976 <i>apud</i> WILBUR, 1979).....	42
Quadro 3 – Línguas de Sinais e suas influências.....	65
Quadro 4 – Códigos para descrição das células sociais, utilizados no estudo.....	72
Quadro 5 – Células sociais consideradas no estudo.....	73
Quadro 6 – Variáveis linguísticas (dependentes) consideradas na análise de dados.....	73
Quadro 7 – Variáveis linguísticas (dependentes) consideradas na lista das variantes.....	74
Quadro 8 – Variáveis extralinguísticas (independentes) consideradas no estudo.....	74

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição dos participantes em relação aos dados sociodemográficos e quantidade de palavras conhecidas entre as 60 palavras apresentadas (João Pessoa e Campina Grande, 2012).....	83
Tabela 2 – Relação entre sexo e variáveis dependentes de complexidade do sinal, quantidade de mãos e localização (João Pessoa e Campina Grande, 2012).....	88
Tabela 3 – Relação entre idade e variáveis dependentes de complexidade do sinal, quantidade de mãos e localização (João Pessoa e Campina Grande, 2012).....	91
Tabela 4 – Relação entre região e e variáveis dependentes de complexidade do sinal, quantidade de mãos e localização (João Pessoa e Campina Grande, 2012).....	97

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABRALIN	Associação Brasileira de Linguística
ASL	Língua de Sinais Americana
Auslan	Língua de Sinais Australiana
BANZSL	Língua de Sinais Britânica, Australiana e Neozelandesa
BSL	Língua de Sinais Britânica
CSL	Língua de Sinais Chinesa
DRSL	Língua de Sinais Dominicana
DSGS	Língua de Sinais Suíço-Germânica
ESL	Língua de Sinais Estoniana
FinSL	Língua de Sinais Finlandesa
FinSSL	Língua de Sinais Finlandeso-Sueca
HKSL	Língua de Sinais Hongconguesa
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ISL	Língua de Sinais Irlandesa
IcSL	Língua de Sinais Islandesa
JSL	Língua de Sinais Jamaicana
Lensegua	Língua de Sinais Guatemalteca
LESCO	Língua de Sinais Costo-Riquenha
LGP	Língua Gestual Portuguesa
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LIS	Língua Italiana de Sinais
LIS-SI	Língua de Sinais Suíço-Italiana
LS	Língua de Sinais
LSBK	Língua de Sinais Brasileira Kaapor
LSE	Língua de Sinais Espanhola
LSF	Língua de Sinais Francesa
LSF-SR	Língua de Sinais Suíço-Francesa
LSH	Língua de Sinais Hondurenha
LSM	Língua de Sinais Mexicana

LSN	Língua de Sinais Nicaraguense
LSP	Língua de Sinais Peruana
KSL	Língua de Sinais Coreana
MSL	Língua de Sinais Mongol
NS	Língua de Sinais Japonesa
NZSL	Língua de Sinais Neozelandesa
RSL	Língua de Sinais Russa
SLN	Língua de Sinais Holandesa
TID	Língua de Sinais Turca
TSL	Língua de Sinais Tailandesa
TwSL	Língua de Sinais Taiwanesa
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNICAP	Universidade Católica de Pernambuco

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
2 LÍNGUAS DE SINAIS E VARIAÇÃO.....	25
2.1 As línguas de sinais.....	25
2.1.1 Breve histórico das línguas de sinais.....	27
2.2 Fonologia das línguas de sinais.....	32
2.2.1 Configuração de mão.....	34
2.2.2 Localização.....	38
2.2.3 Movimento.....	41
2.2.4 Orientação da palma da mão.....	42
2.3 Sociolinguística Variacionista.....	46
2.4 Variação sociolinguística das línguas de sinais.....	50
3 MATERIAIS E MÉTODO.....	70
3.1 Área de estudo.....	70
3.2 População de estudo.....	71
3.3 Definição de variáveis.....	73
3.4 Método de coleta de dados.....	74
3.5 Método de análise de dados.....	78
3.6 Considerações éticas.....	80
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	82
4.1 Sexo.....	87
4.2 Idade.....	89
4.3 Região.....	95
5 CONCLUSÕES.....	105
6 REFERÊNCIAS.....	108
Apêndice A – Lista de palavras usadas na coleta de dados.....	124
Apêndice B – Lista das variantes dos parâmetros de cada palavra apresentada	

(João Pessoa/Campina Grande, 2012).....	125
Apêndice C – Termo de consentimento livre e esclarecido do participante.....	139
Anexo A – Parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa.....	140

1 INTRODUÇÃO

O estudo da variação social na língua é simplesmente um dos aspectos do estudo das estruturas linguísticas variantes (LABOV, 2008[1972]).

A história dos estudos sobre as línguas de sinais (LS) é bastante recente, tendo sido iniciada apenas na década de 1960, diferentemente dos estudos sobre as línguas orais que datam de séculos atrás. Desde o início, os estudiosos da Linguística se esforçavam para apresentar indícios que comprovassem o *status* de língua natural das línguas de sinais, algo desnecessário para as línguas orais.

Além disso, em comparação com as línguas orais, poucos são os pesquisadores que se dedicam ao estudo das línguas de sinais, o que faz com que o estudo dessas línguas seja mais restrito. E a Sociolinguística Variacionista acompanha essa tendência. É grande o *know-how* dessa área da Linguística no que se refere às línguas orais em relação às línguas sinalizadas. Assim, surgiu o interesse em conhecer o comportamento da variação sociolinguística na LIBRAS. Considerando a ampla possibilidade de estudos sociolinguísticos, optou-se por focar a fonologia em detrimento de outros níveis linguísticos não menos importantes.

Depoimentos informais de intérpretes de línguas de sinais e professores de surdos das cidades paraibanas de João Pessoa e Campina Grande, que relatavam a “enorme” diferença entre a LIBRAS realizada nessas duas cidades separadas por menos de 130 quilômetros, motivaram a escolha dessas duas cidades como áreas de estudo. Essas pessoas, imersas na cultura surda, ainda se mostravam sedentas por conhecimentos sobre a LIBRAS utilizada na Paraíba. A diferença entre a forma de sinalizar dos surdos de João Pessoa e Campina Grande, segundo os membros das comunidades surdas das duas cidades, deve-se ao pouco contato entre os surdos dessas localidades¹.

¹ Schermer (2003), em relação à língua de sinais holandesa (SLN), refere que o contato de surdos com sinalizadores de outras regiões da Holanda faz com que haja um fluxo constante de intercâmbio de sinais e, conseqüentemente, o aumento do vocabulário da língua de sinais, além de uma maior

Segundo Cavalcante *et al.* (não publicado), uma das grandes dificuldades encontradas pelos surdos de João Pessoa para se comunicar com outros usuários da LIBRAS se refere à variação dos sinais dessa língua em relação a outras regiões, o que mostra a relevância de um estudo de cunho sociolinguístico variacionista.

Na perspectiva da Sociolinguística Variacionista, considera-se que a mudança que se observa numa língua se relaciona com a mudança dos conceitos de vida de uma sociedade, com a mudança das artes, da filosofia, da ciência e até com a mudança da própria natureza. Pensar na língua em “uso” implica pensar mudanças.

Todo sistema linguístico, portanto, está permanentemente submetido à pressão de duas forças, que atuam no sentido da variedade e da unidade, por meio da interação e da tensão de impulsos opostos (o da variação e possível mudança, e o convergente, caracterizado por padrões estruturais), de forma que as línguas apresentam inovações, embora consigam, ainda assim, manter-se coesas.

Numa perspectiva estritamente linguística, as variedades se equivalem e não há diferenciação em termos de melhor ou pior, de certo ou errado. Todas têm organização própria e servem para articular as experiências dos grupos que as usam, enquanto forma de expressão, embora, segundo Labov (2006[1994]), a mudança linguística não seja algo recebido de forma agradável pelos falantes da língua.

Todas as línguas têm a mesma grandeza, visto que, em toda e qualquer língua, com um pequeno número de sons, as pessoas podem construir uma infinidade de expressões capazes de revelar, aos outros, o que pensam e o que sentem. Segundo Fasold (1984), quando se usa a linguagem para comunicar uma informação a alguém, usa-se também a linguagem para definir uma situação social, para tornar clara uma identidade social e cultural e para mostrar um grupo de pertencimento social.

Faraco (1991) destaca que a mudança gera alterações na configuração estrutural das línguas sem que seja perdido aquilo que se chama de plenitude

aproximação das variantes dessa língua. Tal situação não é referida pelos membros das comunidades surdas de João Pessoa/PB e Campina Grande/PB.

estrutural e potencial semiótico das línguas. Isso significa dizer que, ainda que estejam em movimento, as línguas nunca perdem o caráter sistêmico. Assume-se, com isso, que a língua, ainda que apresente especificidades estruturais, não pode ser considerada uma realidade totalmente autônoma, desligada da vida dos falantes.

Conforme Fernandez (1998), o falante controla a sua produção linguística e é responsável por ela, ainda que esteja sujeito a numerosas influências histórico-geográficas e sociolinguísticas. Além disso, deve-se considerar a parcela de relevância dos fatores psicológicos e das estratégias comunicativas de cada sujeito na sua produção de fala.

Considerando que a língua de sinais é uma língua natural², uma forma legítima de expressão e comunicação das comunidades surdas, com estrutura linguística complexa, que dispõe de todos os níveis linguísticos necessários, como fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática, é de se esperar que ela esteja também sujeita a variações nos diversos níveis.

Nesta tese, tomou-se como ponto de partida os estudos clássicos em LS, de Stokoe, Casterline e Cronenberg (1965) e Klima e Bellugi (1979), além do pioneiro estudo de Stokoe (1960), não sendo utilizada teoria fonológica de base. Todos esses estudos se referem a línguas de sinais de países de língua inglesa.

A língua de sinais é uma língua de modalidade viso-gestual, multicanal (uso da face, olhos, cabeça, corpo e mãos) e um sistema linguístico independente do sistema de línguas orais, ao qual se equivale em qualidade e importância. Pelo seu caráter de língua natural, como as línguas orais, é influenciada por fatores externos e sofre variação linguística.

A LIBRAS é a segunda língua oficial do Brasil, segundo a Lei Federal 10.436 de 24 de abril de 2002. De acordo com o Censo 2000 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2005), o Brasil tem cerca de 24,6 milhões de pessoas (14,5% da população total) que se consideram deficientes, seja visual, auditivo,

² Atualmente, a língua de sinais é considerada uma língua natural de forma consensual pelos pesquisadores (linguistas) da área. Dessa forma, tal discussão não será empreendida nesta tese.

mental, físico ou múltiplo. Destes, mais de 5,7 milhões são surdos, em quaisquer graus.

Se considerada a realidade local, a Paraíba tem uma das maiores populações de surdos da Região Nordeste. Juntamente com os estados da Bahia, Pernambuco e Maranhão, apresenta uma das maiores prevalências de surdez. Na Paraíba, aproximadamente 230 mil pessoas são surdas (qualquer grau de surdez), das quais mais de 6 mil afirmam não escutar (perda auditiva de grau profundo) e quase 42 mil apresentam grande dificuldade auditiva (perda auditiva de grau severo) (IBGE, 2010).

Com base nessas considerações, este estudo tem como ponto de partida a compreensão da surdez sob o ponto de vista sócio-antropológico, em que a língua de sinais é compreendida como um fator de união da comunidade surda. Nesta perspectiva, a “patologia”, a “falta” ou “perda de audição” não são vistos como essenciais. O que marca a surdez é uma diferença. Os surdos, dessa forma, são caracterizados como um grupo minoritário que tem em comum a mesma língua e os mesmos valores culturais.

A abordagem sócio-antropológica considera como fundamental o uso da língua de sinais desde o nascimento, em convivência com adultos surdos em uma comunidade surda. A criança desenvolve os conhecimentos por meio da língua de sinais e adquire os costumes, os valores, as condutas e a cultura pertencentes a esta comunidade, assim como acontece com sujeitos ouvintes em relação à língua padrão do país, predominantemente na modalidade oral.

No momento, percebe-se que há escassez de estudos brasileiros que abordem as características estruturais da LS³, ao contrário dos inúmeros estudos que a focam sob o prisma educacional⁴, que incluem a sua influência sobre a

³ Entre esses estudos, podem ser destacados os de Quadros (2004, 2007), Finau (2008), Quadros e Quer (2010), Resende (2012) e Araújo (2013).

⁴ Esses estudos focam, especialmente, questões relacionadas à inclusão de alunos surdos, ao ensino da LS e ao processo de interpretação/tradução da LIBRAS. Entre os diversos estudos publicados nos últimos cinco anos, podem ser destacados: Pereira e Vieira (2009), Andrade (2010), Lacerda (2010), Stumpf e Quadros (2010), Quadros e Santos (2010), Souza e Martins (2011) e Dorziat e Araújo (2012).

habilidade escrita de surdos, o processo de ensino-aprendizagem destes sujeitos, participação do intérprete em sala de aula e outras questões.

Além disso, os poucos estudos sobre a fonologia da LIBRAS, em geral, não valorizam os condicionamentos externos às mudanças de configuração interna a que essas línguas foram submetidas diacronicamente. Dessa forma, espera-se contribuir com um estudo sociolinguístico que valorize, especificamente, o aspecto fonológico da LS.

Levando em consideração a importância de se conhecer as variações linguísticas como forma de compreender o processo de desenvolvimento de uma língua e o uso social que dela se faz, este estudo está norteado pelas seguintes questões:

- A LIBRAS utilizada no estado da Paraíba está sujeita a variação fonológica?
- Quais as variáveis sociais relacionadas à variação fonológica da LIBRAS?
- Quais os aspectos da fonologia da LIBRAS que sofrem variação?

O presente trabalho se ancora na tese de que a variação linguística é um processo inerente a todas as línguas naturais. Assim sendo, este estudo apresenta como hipóteses às questões mencionadas acima, com base na literatura:

- A LIBRAS utilizada no estado da Paraíba está sujeita a variações;
- As variações ocorrentes na LIBRAS utilizada na Paraíba são condicionadas por sexo, idade e região em que vive o surdo (se João Pessoa ou Campina Grande) e
- Todos os parâmetros investigados da LIBRAS (configuração de mão, localização, movimento e orientação da palma da mão) apresentam variação.
- A complexidade do sinal (se simples – realizado com apenas um sinal – ou composto – realizado com dois sinais encadeados) e a quantidade de mãos utilizadas para a realização do sinal (se uma ou duas mãos) sofrem variação em função das variáveis sociais mencionadas anteriormente.

O estudo sociolinguístico contribui, de maneira mais eficaz, para testemunhar o caráter natural das línguas de sinais, pois, além de comprovadamente serem regidas por princípios, há a escolha de parâmetros que estão condicionados ao

tempo, ao lugar, à posição, tornando-as, indubitavelmente, heterogêneas e multidialetais.

Segundo Labov (2006[1994]), é importante saber quais são os falantes responsáveis pelo início da mudança linguística. Segundo o autor, se os fatores sociais estão diretamente relacionados com o desencadeamento e a continuação da mudança, é de extrema relevância conhecer as características sociais dos usuários das formas inovadoras.

Lucas (2003) afirma que tanto as línguas orais quanto as de sinais possuem variação, o que significa que nas duas modalidades linguísticas há formas diferentes de se dizer a mesma coisa com o mesmo grau de verdade. Além disso, considerando a importância da língua de sinais para o desenvolvimento psicossocial e comunicativo dos surdos, faz-se necessário realizar um levantamento das suas diferentes variedades linguísticas, o que pode revelar uma realidade linguística muito mais complexa e heterogênea, assim como a língua oral.

Desta forma, o objeto deste estudo é a LIBRAS analisada sob o ponto de vista de descrição e de variação, com base nos pressupostos labovianos (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]; LABOV, 2008[1972]; LABOV, 2006[1994]) e o objetivo da presente tese é descrever a variação fonológica da LIBRAS de comunidades surdas do Estado da Paraíba.

Como objetivos específicos, têm-se: identificar as características dos parâmetros fonológicos de configuração de mão, localização, movimento e orientação da palma da mão da LIBRAS utilizada na Paraíba; identificar os aspectos fonológicos que variam na LIBRAS utilizada na Paraíba e verificar a influência das variáveis extralinguísticas (sexo, idade e localização geográfica no estado da Paraíba) na variação da fonologia da LIBRAS.

A fim de embasar teoricamente a presente tese, é apresentado um capítulo sobre língua de sinais e variação, dividido em quatro seções: línguas de sinais, fonologia das línguas de sinais, sociolinguística variacionista e, finalizando, a variação sociolinguística das línguas de sinais, idealizadas em uma sequência por seu crescente grau de aproximação à temática central do estudo.

Na seção sobre línguas de sinais, é apresentada uma cronologia histórica do desenvolvimento dessas, finalizando com o seu desenvolvimento no Brasil, além das suas principais características. Os principais pilares teóricos desse estudo foram Padden (1980), Stokoe (1996), Brentari (1995), Liddell (2003), Baker e Padden (2005), Armstrong e Karchmer (2009), Wilcox (2009), Quadros e Campello (2010) e Pereira *et al.* (2011).

Posteriormente, são discutidas algumas questões relacionadas à fonologia da língua de sinais, especialmente tomando como base os estudos clássicos de Stokoe (1960), Stokoe, Casterline e Cronenberg (1965), Klima e Bellugi (1979) e Liddell e Johnson (1989), além dos escritos de Battison (1974, 1980), Frishburg (1975), Woodward e DeSantis (1977); Sandler (1993), Quadros (1997), Karnopp (1994), Brentari (2002), Quadros e Karnopp (2004), Ferreira (2010) e Johnson e Liddell (2010, 2011, 2012).

Na sequência, é apresentada a proposta teórica da sociolinguística variacionista, especialmente sob o ponto de vista dos seus iniciadores: Labov (2006[1994], 2008[1972]) e Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), enfocando a teoria da variação linguística, base para o estudo realizado.

Finalizando a seção teórica do trabalho, focalizando de forma direta o objeto de estudo central da tese, são apresentados os principais estudos que se voltam para a variação sociolinguística e, mais especificamente, fonológica das línguas de sinais. Há que se ressaltar que não foi encontrado qualquer estudo de natureza variacionista voltado à fonologia da LS no Brasil.

Foram levantados estudos como Battison (1974, 1978), Battison, Markowicz e Woodward (1975), Woodward (1980, 1996); Sutton-Spence, Woll e Allshop (1990), Bayley, Lucas e Rose (2000, 2002); Lucas, Bayley e Valli (2001); Lucas *et al.* (2001, 2002); Lucas (2003); Lucas e Bayley (2008, 2010), Mulrooney (2002), Schembri e Johnston (2004, 2007, 2012, 2013), Schembri *et al.* (2009, 2010), Schembri, Fenlon e Rentelis (2009), McKee, McKee e Major (2008, 2011), McKee e McKee (2011), McKee *et al.* (2011), Geraci *et al.* (2011) e Fenlon *et al.* (2013).

A seção de material e método descreve a caracterização da amostra pesquisada, incluindo os critérios de elegibilidade adotados, os procedimentos de coleta empregados e a análise realizada, incluindo os testes estatísticos aplicados. Na sequência, são apresentados os resultados e discussão, de acordo com a base teórica adotada, conforme discutido previamente na seção teórica e, finalizando, as conclusões, que buscam responder às questões norteadoras do estudo.

2 LÍNGUAS DE SINAIS E VARIAÇÃO

No coração de qualquer comunidade, está a sua linguagem (BAKER; PADDEN, 2005).

2.1 A língua de sinais

A língua de sinais é a língua natural das comunidades surdas e, contrariando o que muitos imaginam, as línguas sinalizadas não são apenas mímicas e gestos desmotivados utilizados pelos surdos para facilitar a comunicação.

É uma língua autêntica, com estrutura gramatical própria, com possibilidade de expressão em qualquer plano de abstração (SKLIAR, 2000) e promove uma comunicação tão eficaz quanto qualquer língua oral. Segundo Baker e Padden (2005), as unidades da língua de sinais são movimentos específicos e configurações de mão, braços, olhos, face, cabeça e postura corporal. Esses movimentos e posturas representam as palavras e a entoação da linguagem.

Estudos realizados no Brasil (QUADROS, 1997; FERREIRA, 2010) revelam que as línguas de sinais são adquiridas pelos surdos com naturalidade e rapidez, possibilitando o acesso a uma linguagem que permite uma comunicação eficiente e completa. Segundo Cruz e Lamprecht (2008), a complexidade linguística da LS é equivalente à das línguas orais, incluindo a dominância hemisférica cerebral esquerda para ambas.

Stokoe (1960) afirma que o surdo está incluído em um grupo único na sociedade por conta da sua relação não-usual com a comunicação e, consequentemente, da dificuldade de interação em um mundo social em que a comunicação interpessoal se dá pela língua oral. Isso faz com que o surdo tenda a se isolar dos ouvintes e a formar grupos minoritários unidos por propósitos sociológicos, dentre eles, o uso da língua de sinais. O mesmo autor (1978) afirma que a LS não deve ser vista como o oposto das línguas orais, mas como sua antecessora. Segundo Morales-López *et al.* (2005), a principal diferença entre as línguas de sinais e as línguas orais é o caráter visual das unidades linguísticas daquelas e o espaço neutro (em frente ao corpo) das línguas sinalizadas.

Já Johnson e Liddell (2010) afirmam que a diferença mais óbvia e imediata entre as línguas orais e as línguas sinalizadas reside na forma como são produzidas e percebidas. Falantes de línguas orais coordenam uma série de articuladores relacionados ao trato vocal e produzem grupos de sons reconhecíveis como palavras. Já os falantes de línguas sinalizadas coordenam atividades das mãos, braços, tórax, rosto e cabeça para produzir grupos de gestos físicos visíveis reconhecíveis como sinais. Crasborn (2008) refere que a diferença mais marcante entre as línguas orais e as de sinais é o uso de dois articuladores simétricos: dois braços e duas mãos.

Baker e Padden (2005) afirmam que a população desenvolve línguas de sinais para que um surdo se comunique efetivamente com outros. Assim como em qualquer comunidade linguística, a LS é a principal característica identificadora de pertencimento de seus membros à comunidade. Da mesma forma que as línguas orais, a LS é particular de cada comunidade e está diretamente relacionada à cultura do local. Além disso, de acordo com McCleary e Viotti (2011), assim como nas línguas orais, língua e gesto coexistem nas línguas de sinais.

Segundo Gesser (2008), não há dúvidas de que na comunidade surda, a LS confere ao surdo uma libertação dos moldes e visões até então patológicos, pois desvia a concepção da surdez como deficiência para uma concepção de diferença linguística e cultural. Padden (1980) acrescenta que se pode considerar uma “comunidade surda” quando os sujeitos surdos compartilham características, entre elas, a língua de sinais, e participam de eventos como grupo. Para ela, os valores do grupo cultural são representados nas atitudes e comportamentos que o grupo considera mais importantes.

Para que se compreenda o desenvolvimento observado atualmente no estudo das línguas de sinais, especialmente o motivo pelo qual essas línguas só foram efetivamente estudadas sob o ponto de vista estrutural no século XX, será empreendida uma breve discussão sobre uso das LS ao longo dos séculos.

2.1.1 Breve histórico da língua de sinais

Uma das primeiras referências à história dos surdos de que se tem conhecimento é a experiência realizada por Girolamo Cardano, no século XVI, que rompeu com o paradigma segundo o qual o surdo seria um sujeito incapaz de aprender. Este italiano entendia que a escrita poderia representar os sons da fala e as ideias, de forma que o surdo poderia adquirir conhecimento (SILVA, 2006).

No mesmo século, o monge beneditino Pedro Ponce de León se dedicou à educação de surdos filhos de nobres da corte espanhola para que eles tivessem acesso a herança (PEREIRA *et al.*, 2011). Aqueles que não pertencessem a este grupo seriam fadados a serem “vagabundos”, pela miséria, isolamento social e falta de trabalho. De acordo com Burnier (1981), Ponce de León ensinava os surdos a falar por acreditar que a falta da oralidade os condenaria eternamente.

Dois séculos após, o português Jacob Rodrigues Pereira foi à França e começou a ensinar a surdos. Seu método era iniciado com prática de articulação da fala e, mais tarde, ensinava a ler e escrever com a ajuda de um alfabeto⁵ manual de uma única mão⁶ (STOKOE, 1960).

Ainda no século XVIII, segundo Pereira *et al.* (2011), três homens desconhecidos entre si, fundaram escolas para surdos em diferentes países da Europa: o abade Charles-Michel de L'Épée (França), Thomas Braidwood (Inglaterra) e Samuel Heinicke (Alemanha). Os dois últimos privilegiavam a língua majoritária do país e, portanto, não obtiveram o sucesso esperado no processo educacional dos surdos.

Em Paris, o abade L'Épée, juntamente com um grupo de surdos considerados “vagabundos” iniciam um processo de transformação da concepção vigente sobre a surdez. O abade utilizou o alfabeto datilológico dos monges beneditinos e os sinais

⁵ Segundo Padden e Gunsauls (2003), o alfabeto manual de cada língua de sinais apresenta diferenças estruturais em relação às demais, no entanto, compartilham o fato de que cada letra é representada por uma configuração de mão e, em alguns casos, de um movimento.

⁶ A maioria dos alfabetos manuais são unimanuais, no entanto, Sutton-Spence e Woll (1993), Brennan (2001) e Cormier, Schembri e Tyrone (2008) mencionam a existência de alfabetos manuais bimanuais, como as línguas de sinais britânica (BSL), australiana (Auslan) e neozelandesa (NZSL), considerando que as duas últimas foram fortemente influenciadas pela primeira. Kubus e Hohenberger (2008) relatam ser a língua de sinais turca (TID) também composta por um alfabeto bimanual.

usados pelos surdos das ruas de Paris, que culminaram na Língua de Sinais Francesa – LSF (HORTÊNCIO, 2005), para que os surdos pudessem entrar em contato com a doutrina cristã (GARCIA, 1990).

L'Épée percebeu que os gestos cumpriam as mesmas funções das línguas orais e, portanto, permitiam uma comunicação efetiva entre os surdos. Segundo Silva (2006), esse é o estopim para o processo de reconhecimento das línguas de sinais no mundo, em discurso e na prática metodológica desenvolvida por L'Épée na primeira Escola Pública para Surdos em Paris. Percebe-se, desta forma, que as primeiras iniciativas de educação de surdos no mundo ocorreram no âmbito religioso, pois a concepção vigente na época era de que aprender a ler (e, se possível, falar), faria com que as almas dos surdos fossem salvas.

De acordo com Sanchez (1990), a divulgação dos trabalhos de L'Épée e a adoção do seu método pedagógico em muitas escolas, geralmente sob a coordenação direta de ex-alunos da Escola Pública para Surdos em Paris, permitiram aos surdos, não só da França, mas também em países como Rússia, Itália e Estados Unidos, além dos países escandinavos, a possibilidade de se destacarem e ocuparem cargos importantes na sociedade do seu tempo.

Segundo Baker e Padden (2005), no século XIX, Thomas Hopkins Gallaudet foi à Europa aprender sobre os métodos para educar crianças surdas. Ele estudou os sinais franceses e como ensinar usando uma língua sinalizada e retornou aos Estados Unidos com um de seus professores surdos franceses, Laurent Clerc. Em 1817, Gallaudet e Clerc iniciaram a primeira escola americana para surdos (*The Connecticut Asylum for the Education of the Deaf and Dumb*) (SHAW; DELAPORTE, 2010), que recebeu surdos de todas as regiões do país (GESSER, 2009) e teve como consequência o desenvolvimento de uma cultura surda.

De acordo com Woodward (1980), a Língua de Sinais Americana (ASL) nasceu da crioulização da LSF com sinais já realizados nos Estados Unidos na época. Wurtzburg e Campbell (1995) apresentam evidências favoráveis à existência de uma língua de sinais dos índios americanos, anterior ao desenvolvimento da ASL.

O filho de Thomas Gallaudet, Edward, fundou em 1864 a Gallaudet University (GESSER, 2009), outro marco importante na história das línguas de sinais. Esta é a única universidade de surdos do mundo e referência mundial no tocante aos estudos sobre LS e cultura surda.

Já no Brasil, a chegada do conde Edward Huet deu o pontapé inicial para a sistematização de uma língua de sinais em território brasileiro. Este educador surdo francês veio ao Brasil a convite de D. Pedro II e trouxe o alfabeto manual francês e alguns sinais que, combinados, culminaram no que seria reconhecido como LIBRAS⁷ (SOUZA, 2008). Há a hipótese de que a motivação de D. Pedro II para que se iniciasse o ensino de surdos no Brasil tenha sido a surdez de um neto (filho da Princesa Isabel) ou do genro (Conde D'Eu), ou seja, além da motivação política, talvez houvesse uma motivação pessoal para tal (QUADROS; CAMPELLO, 2010).

Huet fundou, em 1857, a primeira escola para surdos, na cidade do Rio de Janeiro (Imperial Instituto de Surdos-Mudos), atualmente, Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) (PEREIRA *et al.*, 2011). Segundo Burnier (1981), neste momento, os pais de surdos de todo o país traziam os seus filhos para a então capital federal para que fossem educados e preparados para a vida profissional. Ao concluir os estudos, os surdos voltavam para as suas cidades de origem e isso provocou a disseminação da língua de sinais e do alfabeto datilológico por todo o Brasil.

Desta forma, percebe-se que a LSF foi a grande influenciadora da LIBRAS, a ponto de um dos primeiros dicionários de língua de sinais do Brasil ter sido apenas uma tradução dos nomes franceses para o português (QUADROS; CAMPELLO, 2010).

Atualmente, no entanto, a LIBRAS não é uma representação idêntica da LSF, já que é influenciada pela cultura e identidade surda brasileira. Conforme Quadros e Campello (2010), os surdos brasileiros vêm adquirindo a LIBRAS por meio da interação com outros surdos e transmitindo-a de geração em geração, através do

⁷ Segundo Souza (2008), atualmente, além da LIBRAS, o Brasil possui outra língua de sinais: a Língua de Sinais Brasileira Kaapor (LSBK), usada por índios da tribo Urubu-Kaapor, na Amazônia. A LSBK é pertencente à família tupi-guarani e é utilizada por surdos e ouvintes.

convívio com adultos surdos. Além disso, segundo Sperb e Laguna (2010), alguns sinais são inventados por membros da comunidade surda (surdos, intérpretes ou familiares), o que diferencia ainda mais a LIBRAS das demais LS e provoca uma grande variação lexical.

O ano de 1880 foi um marco na história da educação de surdos. Nesse ano, aconteceu o II Congresso Internacional de Educação do Surdo, em Milão, conhecido como o Congresso de Milão, com a participação de 182 pessoas, na sua maioria ouvintes, provenientes de diversos países, com o objetivo de discutir a educação dos surdos. No momento da deliberação, sem a representação dos surdos, um grupo de ouvintes impôs que a língua oral deveria ser o único objetivo dos surdos (SILVA, 2006). Assim, os delegados do Congresso adotaram a recomendação de que o método oral deveria ser priorizado em detrimento do gestual (ARMSTRONG, 2008) já que, na perspectiva dos ouvintes, a fala era, indubitavelmente, superior aos gestos. Com isso, os professores de surdos foram destituídos dos seus cargos e a língua de sinais ficou proibida de ser usada no âmbito educacional (PEREIRA *et al.*, 2011).

Desde então, prevaleceu o oralismo como a filosofia educacional que deveria ser utilizada com os surdos. No entanto, no final da década de 1950, um novo paradigma em educação de surdos se iniciou com os estudos de William C. Stokoe, considerado o pai da Linguística das Línguas de Sinais.

Nos primeiros anos da segunda metade do século XX, ainda sob influência da determinação do Congresso de Milão, Stokoe percebeu que os sinais que os seus alunos surdos usavam na Gallaudet University constituíam uma linguagem (WILCOX, 2009) e, após observação sistemática dessa língua em uso, percebeu que ela apresentava todas as características importantes comuns às línguas orais e possuía o mesmo potencial para a comunicação humana (ARMSTRONG; KARCHMER, 2009). Ele iniciou, então, a descrição dessa língua e identificou, desde cedo, que a LS apresentava estruturas internas regulares e todos os níveis linguísticos (fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático).

Com a publicação de 1960 (*Sign Language Structure: an outline of the visual communication systems of the American deaf*), Stokoe trouxe à tona elementos que argumentavam a favor da ASL como língua natural e não pantomima, gestos ou uma simples representação visual do inglês (STOKOE, 1996; LIDDELL, 2003; ARMSTRONG; KARCHMER; 2009). Nas duas décadas seguintes, linguistas e psicólogos iniciaram a publicação de estudos que corroboravam a ideia de Stokoe. Segundo Padden (1980), a perspectiva de Stokoe sobre a linguagem e a cultura surda mostrou a sua preocupação em descrever os surdos não como anormais ou casos patológicos, mas como indivíduos com uma identidade cultural e linguística.

Da mesma forma como ocorre nas línguas orais, alguns sinais são arbitrários, ou seja, não apresentam qualquer relação com o seu significado. Alguns, no entanto, são icônicos, apresentando uma relação mais clara com o significado como, por exemplo, a palavra casa, que na ASL (PADDEN, 1980), assim como na LIBRAS, é representada por um sinal bimanual em que apenas todos os dedos estão estendidos e se tocam apenas na ponta, simbolizando o telhado da casa. Marshall (2011) esclarece que isso acontece pela facilidade de as línguas visuais representarem formas visuais, assim como é fácil para as línguas auditivas (orais) representar a forma auditiva das coisas, como as onomatopeias.

Bellugi e Klima (1976) e Klima e Bellugi (1979) afirmam que a iconicidade das LS facilita parcialmente a compreensão dos sinais, mas segundo Bellugi e Siple (1975), a iconicidade não desempenha papel importante na memorização dos sinais. Pietrandrea (2002) identificou, na Língua Italiana de Sinais (LIS), uma alta incidência de sinais icônicos. Esta autora considerou como icônicos os sinais cuja configuração de mão e movimento apresenta uma relação de similaridade com a realidade extralinguística a que se referem.

Duas das características mais gerais observadas nas línguas de sinais são a simultaneidade e a sequencialidade (WILCOX, 1992; BRENTARI, 1995; VALLI; LUCAS, 2000; LIDDELL, 2003; KIMMELMAN, 2012). Segundo Sandler (1991), a estrutura interna do sinal é apresentada na obra de Stokoe considerando a realização simultânea dos seus parâmetros fonológicos (configuração de mão,

localização e movimento⁸). Anos mais tarde, no entanto, surgiram evidências de que os sinais são ordenados de forma sequencial.

De acordo com Perlmutter (1991), até a década de 1970, as línguas orais eram consideradas sequenciais, enquanto as línguas de sinais eram consideradas simultâneas. Entretanto, a partir dos anos 1980, pesquisadores identificaram evidências de estrutura sequencial nas línguas de sinais.

Não se pode esquecer que várias línguas de sinais, muitas das quais ainda não foram descritas, são indígenas. Fox-Tree (2009) menciona um complexo de língua de sinais da América Central, chamado *Meemul Tzijj* (termo maia para “palavra muda”), usada especialmente em regiões multiétnicas do sul do México e da Guatemala. Como qualquer outra língua de sinais, os sinais do *Meemul Tzijj* são determinados pela cultura indígena, por exemplo, o sinal de “trabalho” é diferente se referido a um homem ou a uma mulher, tendo em vista que os trabalhos masculinos e femininos nas tribos são de naturezas diferentes. Por ser usada não só por surdos, mas também por ouvintes, este complexo é considerado uma língua franca não-verbal.

Considerando o foco da presente tese sobre a variação da fonologia da língua de sinais, a seguir, é realizada a descrição desse nível linguístico das línguas sinalizadas.

2.2 Fonologia das línguas de sinais

A língua de sinais, segundo Quadros e Karnopp (2004), Finau (2006) e Rosa (2008), de forma semelhante às línguas orais-auditivas, é estruturada segundo padrões fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. As autoras afirmam ainda que o que diferencia as línguas de sinais das línguas orais é a estrutura simultânea da organização dos elementos das línguas de sinais.

Segundo Brentari (2002), a fonologia é um nível de análise gramatical em que unidades estruturais primitivas sem sentido são combinadas para criar um infinito

⁸ Esses parâmetros foram os descritos por Stokoe. Os parâmetros de orientação da palma da mão e expressões não-manuais foram incluídos posteriormente, como será descrito a seguir.

número de sentenças repletas de significado. Para Battison (1974), a fonologia da língua de sinais é um nível estrutural sublexical análogo, mas não apresenta qualquer relação de dependência da fonologia das línguas orais.

McIntire (1977) afirma que a fonologia das línguas de sinais é, em muitos aspectos, diferente da fonologia das línguas orais, mas obedece aos mesmos princípios. De acordo com Sandler (1993), há similaridades entre a fonologia das línguas orais e de sinais, o que é esperado pelo fato de que as línguas de sinais apresentam, de forma subjacente, as mesmas funções cognitivas e sociais que as línguas orais, são processadas por um mesmo cérebro humano e apresentam relação similar com a memória e a atenção.

Segundo Battison (1980), Stokoe parte de uma concepção do sinal não como uma figura, mas como um símbolo concreto e complexo que pode ser analisado em partes.

De forma geral, Stokoe (1960) mostrou que os sinais possuem partes analisáveis, assim como as línguas orais. Segundo Fischer (2000), isso foi uma quebra de paradigma, tendo em vista que, até o momento, os sinais eram vistos como um sistema sem estrutura interna. A autora afirma, ainda, que outra semelhança entre as línguas orais e as de sinais é que todas apresentam tendência a apresentar elementos de linearidade e simultaneidade.

Stokoe (1960) e Stokoe, Casterline e Cronenberg (1965) revelam que não só a língua de sinais é um sistema organizado linguisticamente, mas sua estrutura difere da estrutura das línguas orais. De forma mais específica, estes autores descreveram a estrutura da língua de sinais americana, afirmando que a formação do sinal se dá a partir de três parâmetros simultâneos: a *configuração (formato) das mãos*, a *localização no espaço* e a sua *movimentação*⁹. Cada um dos parâmetros, segundo Liddell (1991) e Siedlecki Jr. e Bonvillian (1993), apresenta um conjunto limitado de elementos formacionais, corroborando Battison (1980), que afirma que as possibilidades dos elementos formacionais não são infinitas.

⁹ Após a publicação dos parâmetros, dois novos parâmetros foram propostos e é consensual a importância de ambos para a realização dos sinais: a orientação da mão (BATTISON, 1978) e os elementos não-manuais (LIDDELL, 1991).

De acordo com Liddell e Johnson (1989) e Marshall (2011), a língua de sinais, na perspectiva de Stokoe (1960) e Stokoe, Casterline e Cronenberg (1965), é formada a partir de “queremas”¹⁰, definidos como elementos sem significado que, quando combinados, formam sinais com significado, de forma análoga aos fonemas das línguas orais.

Battison (1974) mostra que as descrições da língua de sinais contem um nível de análise sub-lexical equivalente ao nível fonológico das línguas orais. Segundo Johnson e Liddell (2010), no sistema querêmico de Stokoe, cada sinal é composto, simultaneamente, de uma configuração de mão, um local e um ou mais movimentos.

A seguir, os parâmetros de (a) configuração de mão, (b) localização e (c) movimento serão descritos segundo Stokoe (1960) e Stokoe, Casterline e Cronenberg (1965). O parâmetro de (d) orientação da palma da mão será descrito segundo Battison (1978). As expressões não-manuais, consideradas o quinto parâmetro das línguas de sinais, por não se configurarem em uma variável a ser investigada no presente trabalho, não serão apresentadas.

É importante destacar que estes parâmetros não apresentam relação de dependência dos elementos da língua oral. Eventualmente, uma configuração de mão assemelha-se a uma letra do alfabeto, como as letras “c”, “v”, “i” e “m”. Os demais parâmetros não apresentam qualquer relação com a língua oral.

2.2.1 Configuração de mão

A configuração das mãos se refere à forma particular que a mão assume ao realizar o sinal, considerando os dedos a ser utilizados e o quão flexionados ou estendidos eles estão (MARSHALL, 2011).

Para cada sinal feito, uma ou as duas mãos podem assumir uma forma específica, caracterizando, respectivamente, os sinais unimanuais e bimanuais, e o

¹⁰ Durante muito tempo, se adotou a terminologia “querema” em relação aos componentes dos sinais, no entanto, com a entrada da Linguística nos estudos sobre as línguas de sinais, ela foi substituída por “fonema”, considerando-se a sua analogia em relação às línguas orais. Da mesma forma, o termo “querologia” foi substituído por “fonologia” das línguas de sinais. Isso, entretanto, ainda não é consensual na literatura.

fato de usar a mão direita ou esquerda não representa distinção de significado¹¹. Pode ocorrer apenas uma mão configurada, uma mão configurada sobre a outra que lhe serve de apoio, e a configuração espelhada das duas mãos. Segundo Ferreira e Langevin (2010), a LIBRAS apresenta 46 configurações de mão (Figura 1).

O sinal unimanual é produzido, em geral, pela mão dominante ou preferida (PADDEN; PERLMUTTER, 1987; RABELO, 2006). De acordo com Bonvillian, Richards e Dooley (1997), há uma maior preferência pelo uso da mão direita para a execução da língua de sinais entre os surdos. Exemplos de sinais unimanuais são expostos nas Figuras 2 e 3.

Karnopp (1999), Quadros e Karnopp (2004) e Pereira *et al.* (2011) afirmam que os articuladores primários das línguas de sinais são as mãos, que se movimentam no espaço em frente ao corpo e articulam sinais em determinadas locações no espaço.

Segundo Battison (1980), as LS apresentam restrições fonológicas na produção de sinais bimanuais¹², que excluem várias possibilidades de configurações de mão¹³:

- Restrição de lugar: Deve haver uma única grande área em que o sinal deve ser realizado (por exemplo, cabeça, tronco ou braço) e a mudança de local é permitida apenas dentro dessa grande área, como a mudança da articulação de um sinal na orelha para o queixo;

¹¹ Sandler (1993) afirma que uma das diferenças entre a fonologia das línguas de sinais e das línguas orais acontece pelo fato de que, nas línguas de sinais, as duas mãos podem ser articuladas de forma independente, resguardados apenas os limites da coordenação motora do falante. De forma diferente, o sistema fonador é único.

¹² De acordo com Kimmelman (2012), em relação à Língua de Sinais Russa (RSL), sinais bimanuais podem ser realizados de forma simultânea com outro sinal, sem uma sequência obrigatória entre eles.

¹³ Exceções a essa regra acontecem, segundo Battison (1980), quando sinais são inventados por crianças e as regras que os sinais naturais obedecem são violadas. O resultado dessa prática é a dificuldade, tanto de crianças como de adultos, em realizar os sinais (sinais complexos morfologicamente). Deve-se destacar, no entanto, que esta violação é algo natural em todas as línguas e é restrita pela comunidade. A criação de novos sinais a partir do alfabeto manual, segundo Wilbur (1979) contribui para a expansão e a mudança do vocabulário, no entanto, os novos sinais devem respeitar as restrições e ser produzidos a partir de combinações dos parâmetros já existentes. Brentari e Eccarius (2010) afirmam que apesar de as línguas de sinais e as línguas orais possuírem restrições nos seus sistemas fonológicos, elas diferem na forma como tais restrições estão distribuídas ao longo do léxico.

- Restrição de simetria x dominância: Os sinais bimanuais devem apresentar a mesma configuração de mão (simetria) ou, quando as configurações de mão são diferentes, apenas uma mão (geralmente, a mão dominante) deve se mover em direção à outra.

Figura 1 – Configurações de mão da LIBRAS (FERREIRA, 2010, p. 220).

1	2	3	4	5	6	
7	8	9	10	11	12	
13	14	15	16	17	18	19

Figura 2 – Exemplo de sinal unimanual com configuração  (sinal de “eu”).



Figura 3 – Exemplo de sinal unimanual com configuração  (sinal de “eu”).



Segundo Baker e Padden (2005), algumas configurações de mão não ocorrem em determinadas línguas de sinais. Por exemplo, na ASL, não há sinais cuja configuração de mão seja o dedo anelar ou o dedo médio estendido, no entanto, tais configurações são encontradas na Língua de Sinais Chinesa (CSL), diferenças que também acontecem nas línguas orais.

Além das configurações de mão apresentadas, Johnson e Liddell (2011) destacam a possibilidade de ocorrência do *skewing*, configuração em que a

articulação mais proximal dos dedos apresenta-se progressivamente mais flexionada em relação à do dedo anterior. Em geral, o dedo mínimo apresenta-se mais flexionado em relação ao dedo anelar, que é mais flexionado que o dedo médio. O dedo indicador é o menos flexionado. Segundo Tsay e Myers (2009), em relação à Língua de Sinais Taiwanesa (TwSL¹⁴), o grau de flexão dos dedos pode determinar a diferença entre os sinais. Além disso, Bayley, Lucas e Rose (2002) destacam que o polegar e os demais dedos podem se posicionar de forma independente uns dos outros.

2.2.2 Localização

A localização no espaço ou ponto de articulação do sinal refere-se ao local onde a mão já configurada é posicionada. A mão pode tocar, bater ou ser posicionada em um ponto inicial da qual deslizará para outro ponto do corpo. Pode, ainda, ser posicionada em um espaço neutro¹⁵ (sem contato com qualquer parte do corpo) à frente ou ao lado do corpo, seja na direita, esquerda, em cima, no meio ou abaixo.

Assim, o sinal pode ser localizado na região superior (cabeça ou pescoço), média (tronco) ou inferior (da cintura ao meio da coxa), onde serão articulados. Segundo Lacy (1974 *apud* WILBUR, 1979), poucos sinais são realizados acima da cabeça, atrás das orelhas ou abaixo da cintura. Exemplo de sinal realizado na altura da cabeça é exposto na Figura 4.

¹⁴ A Língua de Sinais Taiwanesa é representada internacionalmente pela sigla “TSL”, no entanto, aqui será representada por “TwSL” para diferenciá-la da Língua de Sinais Tailandesa.

¹⁵ Stokoe (1960) classifica, de forma genérica, a localização da mão em espaço neutro e localização no corpo.

Figura 4 – Exemplo de sinal bimanual com mesma configuração de mão realizado na altura da cabeça (sinal de “céu”).



De acordo com Souza (2008) e Rosa (2008), pode-se determinar um número limitado de locações, algumas exatas como a ponta do nariz e outras mais abrangentes como a frente do tórax. Valli e Lucas (2000) afirmam que muitos sinais têm uma sequência de pontos de articulação, iniciando em um e terminando em outro.

Segundo Baker e Padden (2005), não é comum que sinais sejam produzidos no pé, joelho ou atrás da cabeça do falante. Além disso, há uma tendência maior à realização dos sinais na região da cabeça e pescoço do que, por exemplo, no tronco ou na cintura. Segundo Karnopp (1999) e Siedlecki Jr. e Bonvillian (1997), as mãos e a face são os articuladores mais facilmente observáveis (o menor movimento dos músculos faciais pode ser mais facilmente visível do que o movimento de mão e braços), o que facilita a identificação do sinal pelo interlocutor. Battison (1978) identificou que, entre 606 sinais, 465 foram realizados na cabeça ou no pescoço, enquanto 141 foram realizados no tronco.

Baker e Padden (2005) referem, ainda, que há uma tendência a que sinais executados na região do tronco e da cintura, ao longo do tempo, sejam realizados em regiões mais superiores, havendo outra tendência, segundo Frishburg (1975), a que os sinais sejam executados tão próximos à face quanto possível.

Em relação à ASL, Baker e Padden (2005) identificam que os sinais realizados no tronco e na cintura, geralmente, são bimanuais, enquanto os executados mais superiormente, em geral, são unimanuais. Isto, provavelmente, acontece em função da maior dificuldade de percepção dos sinais realizados mais inferiormente: eles precisariam de mais informação visual (duas mãos) do que os sinais realizados na região da cabeça e do pescoço (FRISHBURG, 1975; WOODWARD; DESANTIS, 1977; BAKER; PADDEN, 2005). Woodward e DeSantis (1977) atestam, ainda, a mudança histórica dos sinais bimanuais realizados na face em sinais unimanuais.

Os pontos de articulação dos sinais da LIBRAS, de acordo com Ferreira e Langevin (2010, p. 216), estão expostos no Quadro 1. Esta classificação, publicada inicialmente em 1995, apresenta pequenas alterações da proposta de Friedman (1977).

Quadro 1 – Pontos de articulação dos sinais da LIBRAS (FERREIRA; LANGEVIN, 2010).

CABEÇA	TRONCO	BRAÇOS	MÃO	ESPAÇO NEUTRO
Topo da cabeça Testa Rosto Parte superior do rosto Parte inferior do rosto Orelha Olhos Nariz Boca Bochechas Queixo Zona abaixo do queixo	Pescoço Ombros Busto Estômago Cintura	Braço Antebraço Cotovelo Pulso	Palma Costas da mão Lado do indicador Lado do dedo mínimo Dedos Ponta dos dedos Nós dos dedos (junção entre os dedos e a mão) Nós dos dedos (primeira junta dos dedos) Dedo mínimo Anular Dedo médio Indicador Polegar Interstícios entre os dedos Interstício entre o polegar e o indicador Interstício entre o indicador e médio Interstício entre o médio e o anular Interstício entre o anular e o mínimo	

Segundo Uyechi (1996) e Kyle e Woll (1998), muitas vezes, uma configuração de mão pode estar relacionada a determinadas qualidades. Kyle e Woll (1998) afirmam que um grupo de sinais realizados com a configuração de mão em “A” está relacionado a coisas boas (sinais de bom, melhor, ouvinte, correto, concordar, aprovar, amigo, prosperidade, saúde e outros), enquanto um grupo de sinais realizados com a configuração de mão em “I” está relacionado a coisas ruins, a exemplo dos sinais de ruim, pior, vergonha, terrível, sujo, veneno, doente, rejeitar, feio e outros.

2.2.3 Movimento

O parâmetro de movimento se refere ao deslocamento específico realizado para expressar o significado do sinal, podendo ser o abrir, o bater, o deslizar, o apertar, o girar etc. Este parâmetro pode envolver uma grande gama de formas, desde movimentos internos da mão, movimentos do pulso e movimentos direcionais no espaço (KLIMA; BELLUGI, 1979) e direções, com linhas retas, curvas, sinuosas ou circulares (FERREIRA, 2010). Segundo Baker e Padden (2005), este é considerado o parâmetro-chave do sinal.

Battison (1974) refere duas condições para a execução do movimento nas LS: (1) se as duas mãos se movem, geralmente, elas apresentarão a mesma configuração de mão (imagens-espelho) e (2) se as mãos apresentam configurações diferentes, a mão dominante se moverá e a outra mão permanecerá imóvel. Ainda segundo o autor, isso acontece por questões fisiológicas, pois, se as duas mãos estão se movendo, é fisicamente mais fácil que o façam igualmente, ou seja, com a mesma configuração de mão. Já nos sinais em que as configurações são diferentes, a mão não-dominante realizaria a tarefa que menos demandaria trabalho, ou seja, seria passiva.

Friedman (1976 *apud* WILBUR, 1979) apresenta os tipos de movimento bimanuais em relação à interação, contato e direção das mãos e modo de movimentar (Quadro 2).

Quadro 2 – Tipos de movimento em sinais bimanuais (FRIEDMAN, 1976 *apud* WILBUR, 1979).

Tipos de movimento			
Interação	Contato	Direção	Modo
1) Alternada	1) Contínuo	1) Para cima	1) Em linha reta
2) Aproximação	2) Holding	2) Para baixo	2) Espiralado
3) Distanciamento	3) No fim	3) Para cima e para baixo	3) Circular
4) Cruzamento	4) No início	4) Para a direita	4) Dedos dobrados
5) Ligação	5) Duplo	5) Para a esquerda	5) Pulso dobrado
6) Sem interação ¹⁶	6) Sem contato	6) Para os lados	6) Abertura
		7) Em direção a algo	7) Fechamento
		8) Fugindo de algo	8) Contorção
		9) Não direcional	

2.2.4 Orientação da palma da mão

A orientação é a direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal (QUADROS; KARNOPP, 2004): voltada para cima, para baixo, para o corpo, para a frente, para a esquerda ou para a direita (FERREIRA, 2010). Exemplos de sinais realizados com diferentes orientações da palma da mão (para baixo e para o corpo) são expostos nas Figuras 5 e 6.

¹⁶ Sinais sem interação são aqueles em que as mãos se movimentam paralelamente ou quando o sinal é unimanual.

Figura 5 – Exemplo de sinal com orientação da palma da mão para baixo (sinal de “nós”).



Figura 6 – Exemplo de sinal com orientação da palma da mão para o corpo (sinal de “nós”).



Os quatro parâmetros (configuração de mão, localização, movimento e orientação da palma da mão) são considerados as unidades mínimas das línguas de sinais e a combinação dos quatro produz um sinal (BAKER; PADDEN, 2005; TEN HOLT; VAN DOORN; DE RIDDER, 2009). Segundo Valli e Lucas (2000), sinais podem compartilhar um ou mais de um parâmetro e é a mudança em um deles que levará à modificação do significado do sinal.

Os parâmetros têm sido sistematicamente considerados em numerosos estudos que abordam a fonologia da LS. Alguns consideram apenas os três primeiros (REHFELDT, 1981; WILBUR, 1987; COULTER; ANDERSON, 1993;

SIEDLECKI JR.; BONVILLIAN, 1993, 1996, 1997) e outros consideram os quatro ou incluem também as expressões faciais e corporais (VALLI; LUCAS, 2000; BAKER; PADDEN, 2005; TEN HOLT; VAN DOORN; DE RIDDER, 2009; HEIN, 2010; PEREIRA *et al.*, 2011).

Siedlecki Jr. e Bonvillian (1993) e Bonvillian e Siedlecki Jr. (2000) afirmam que, no processo aquisicional da língua de sinais, a localização é o parâmetro mais facilmente realizado pela criança (realizado corretamente em 83,5% das vezes), seguido pelo movimento (61,4%). Já a configuração da mão foi o aspecto em que as crianças apresentavam menor percentual de realização correta (49,8%). Segundo os autores, isso provavelmente acontece porque a localização não requer uma motricidade fina para ser realizada adequadamente, ao contrário da configuração de mão, além do que a localização do sinal parece ser mais fácil para recordar do que a sua configuração de mão e o seu movimento. Da mesma forma, na LIBRAS, Karnopp (1999) identificou que a localização é o primeiro aspecto a ser produzido corretamente pela criança.

As línguas de sinais, como quaisquer outras línguas, sofrem influência das línguas orais. Um exemplo típico dessa relação é o uso da primeira letra da palavra na composição do sinal (GARCIA, 1990; HEIN, 2010), o que, segundo Kyle e Woll (1998), McKee e Kennedy (2006) e Quinto-Pozos (2008), é chamado de inicialização. Em muitos casos, palavras soletradas no alfabeto manual^{17,18,19} podem ser usadas no lugar dos sinais (KYLE; WOLL, 1998).

Na NZSL, a inicialização acontece em 46,8% dos sinais (MCKEE; KENNEDY, 2006). Na Língua de Sinais Mexicana (LSM), Guerra-Currie, Meier e Walters (2002) mencionam uma relativa alta ocorrência de sinais em que acontece a inicialização.

¹⁷ Johnston (1989, 1998) refere que o alfabeto manual é utilizado especialmente para representar nomes próprios e palavras para as quais não existe sinal.

¹⁸ Segundo Padden (1996) e Valli e Lucas (2000), o alfabeto manual é o único ponto de contato entre as línguas orais e as línguas sinalizadas, pois representam a ortografia da escrita da língua com a qual os surdos se deparam no seu dia-a-dia no mundo de ouvintes.

¹⁹ Duarte (2010) afirma que, embora o alfabeto manual represente a ortografia da língua, ele pode representar, em determinadas línguas de sinais, um silabário, como acontece na Língua de Sinais Etíope.

Ainda em relação à LSM, Faurot *et al.* (1999) afirmam que a inicialização, geralmente, é considerada um sinal elaborado por ouvintes.

Já Fox-Tree (2009) afirma que, na Língua de Sinais Guatemalteca (Lensegua), é usada a marcação de gênero (“o” e “a”) como influência do espanhol oral. Sperb e Laguna (2010) afirmam que este é um processo de empréstimo de uma segunda língua (oral) para facilitar a compreensão do sinal.

Essa característica, no entanto, não é comum no já mencionado complexo *Meemul Tzijj*. Segundo Fox-Tree (2009), as línguas que o compõem exibem pouca influência do alfabeto manual em relação às línguas de sinais europeias e americanas.

Embora a língua de sinais seja produzida basicamente pelas mãos, os movimentos do corpo e da face também desempenham funções. As expressões faciais e corporais são, portanto, consideradas o quinto parâmetro da fonologia das línguas de sinais. Fischer (2000) considera tais expressões como o equivalente aos elementos suprasegmentais da língua oral.

É amplamente sabido que não há uma unidade na LIBRAS falada no Brasil²⁰ (GESSER, 2009), assim como as línguas de sinais dos outros países também apresentam variações regionais. Como já referido, o fato de a LIBRAS não ter uma referência, como a grande maioria das línguas orais têm, permite aos sujeitos, segundo Sperb e Laguna (2010), a criação de sinais de forma que, em uma mesma comunidade haja sinais diferentes para a mesma “palavra”, o que é alvo de enorme variação. Torigoe e Takei (2002) mencionam a existência de sinais realizados no ambiente caseiro dos surdos (comunicação gestual espontânea desenvolvida por

²⁰ É importante destacar que a recente criação dos cursos de Licenciatura em Letras com habilitação em LIBRAS é um marco para os surdos e estudiosos da língua de sinais, tendo em vista que é um importante *locus* para o início de uma proposta de unidade da LIBRAS em nível nacional. Este curso é oferecido, segundo Cavalcante *et al.* (não publicado), pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na modalidade à distância. Na UFSC, é oferecido curso de graduação presencial. A proposta de registro e unidade da LIBRAS tem sido objetivo de pesquisadores da USP, por meio da publicação de vários volumes do “Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira”, sob coordenação do Prof. Dr. Fernando Capovilla, e da UFPB/UNICAP, por meio dos “Estudos Preliminares para o Inventário Nacional da Diversidade Linguística” (em que foram registrados sinais de João Pessoa e Recife), coordenado pela Prof^a Dr^a Marianne Cavalcante.

crianças surdas que não possuem uma língua de sinais convencional), o que também contribui para a variação das línguas de sinais.

A variação e a mudança linguística são o alvo de estudos da Sociolinguística Variacionista e, sendo esse o modelo teórico adotado para este estudo, a seguir, são discutidos os principais aspectos desta teoria.

2.3 Sociolinguística Variacionista

Este estudo parte da perspectiva da Sociolinguística Variacionista, também chamada de Sociolinguística Quantitativa, para a compreensão das mudanças ocorridas nas línguas. Na perspectiva de Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), é a comunidade de fala, e não o idioleto, o objeto primário de investigação linguística. Labov (1994, 2006, 2008[1972]) afirma que o contexto social é anterior à fala, é global, duradouro e funciona como sistema de referência explicativo dos usos individuais da linguagem. Por isso, as características coletivas dos sujeitos (sexo²¹, idade e escolaridade, por exemplo) são unidades de medida relevantes.

A Sociolinguística Variacionista estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, correlacionando aspectos linguísticos e sociais, focalizando os empregos linguísticos concretos, em especial, os de caráter heterogêneo. A Sociolinguística Quantitativa tem o objetivo de descrever a língua e seus determinantes sociais e linguísticos, levando em conta seu uso variável. A visão de língua como um sistema que possui heterogeneidade sistemática prioriza uma análise linguística voltada para explicar modos semanticamente equivalentes de se dizer a mesma coisa.

Até a década de 1960, não havia preocupação em explicar/descrever os processos de variação linguística. As explicações eram mais linguísticas que sociais, já que os teóricos buscavam respostas dentro da própria estrutura da língua para a mudança, sem investigar os condicionantes. Compreendia-se a língua como um

²¹ Segundo Fasold (1991), os falantes do sexo masculino tendem a utilizar variantes desfavoráveis, enquanto as mulheres tendem a usar variantes sociolinguísticas de prestígio. No entanto, a variável sexo não é definitiva, pois muitas vezes, a diferença é discreta. O mesmo autor afirma, ainda, que a diferença entre o falar do homem e da mulher é mais destacado em contextos mais formais.

sistema estruturado e havia o interesse de conhecer como funciona tal sistema enquanto a estrutura muda. Durante muitos anos, a variação linguística era considerada pelos linguistas como algo que deturpava a estrutura da língua, ou seja, apesar de inevitáveis, seriam aberrações que acometiam as línguas de forma destrutiva (LABOV, 2006[1994]).

A partir da década de 1950, o tipo de ciência realizado em relação à linguagem começa a ser questionado sistematicamente, e as relações entre língua e fatores socioculturais já vinham sendo observadas principalmente por antropólogos de orientação linguística.

Na tentativa de romper com a associação de estruturalidade e homogeneidade, Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) propõem um modelo que trata dessas questões de mudança no sistema, a partir de fatos sociais e com alicerce em fundamentos empíricos. Eles estabelecem, como ponto fundamental de investigação histórica, o fenômeno em processo de mudança, tanto no contexto estrutural (interno) quanto no contexto social (externo), pois, para eles, os estudos empíricos revelam a língua como um sistema que muda de acordo com as mudanças na estrutura social.

De forma geral, Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) assumem como pressuposto de sua discussão o fato de a língua ser normalmente heterogênea e, ao mesmo tempo, argumentam contra a ideia tradicional entre os linguistas de que sistematicidade e variabilidade se excluem. Segundo os autores, nem toda variação e heterogeneidade envolvem mudança, mas toda mudança envolve variação e heterogeneidade.

A teoria da variação linguística proposta por Labov (2008[1972]) estuda a estrutura e a evolução de uma dada língua dentro do contexto social de uma comunidade linguística. Ela se define como um modelo teórico e metodológico que busca explicar empiricamente como as estruturas internas de uma determinada língua são submetidas a variações desencadeadas por fatores externos no uso linguístico real.

Labov (2008[1972]), em seus primeiros estudos (sua dissertação de mestrado sobre a variação linguística na ilha de Martha's Vineyard, Massachusetts/EUA, e sua tese de doutorado sobre a variação linguística em lojas de departamento de Nova Iorque/EUA), argumenta que aquilo que era considerado como uma oscilação caótica ou intensa variação livre, na realidade, apresentava relações de regularidade, o que possibilitou a postulação de princípios sociolinguísticos.

De acordo com Labov (2008[1972]), a maioria das variações ocorre uma vez, embora algumas possam ser recorrentes e, numa segunda etapa, imitadas, mais ou menos extensamente. Essas variações podem se difundir a ponto de novas formas contrastarem com as formas mais antigas, de modo que, finalmente, uma das formas triunfa, alcançando a regularidade. O mesmo autor afirma, ainda, que o desenvolvimento de uma mudança linguística necessariamente leva em consideração as pressões sociais que estão operando de forma contínua sobre a língua, como a ação de uma força social.

Desta forma, pode-se considerar, segundo a proposta de Sturtevant (1947 *apud* LABOV, 2008[1972]), que o processo de mudança linguística aconteça em três estágios: na *origem*, em que há o uso de variantes restrito a algumas pessoas; na *propagação*, esta variante é adotada por um número amplo de falantes e passa a contrastar com a forma mais antiga; e no *término*, a mudança torna-se regular pela eliminação das variantes concorrentes. A instalação de uma nova variante é progressiva e, entre dois dos estágios de transição, podem-se perceber questões sobre a forma como a variante passa de um indivíduo para outro e de um contexto para outro.

De acordo com Labov (2006[1994]), as mudanças linguísticas geralmente se iniciam nas classes intermediárias da hierarquia social (classe média baixa). Os líderes da mudança linguística não inventam uma variante, mas em função da sua história social e padrão de comportamento, fazem avançar a mudança com mais força.

Segundo Souza e Segala (2009), a proposta laboviana é, também, uma reação às dicotomias encontradas em Saussure e Chomsky. Enquanto para

Saussure, a *langue* é um sistema abstrato (coletivo) e um fato social, a *parole* é o uso (individual) desse sistema. Segundo Labov (2008[1972]), Chomsky enfatizou essa dicotomia, opondo *competência* (conhecimento abstrato de regras linguísticas) à *performance* (a seleção e execução dessas regras linguísticas).

Diferentemente, Labov (2008[1972]) assevera que o estudo da *parole/performance* (uso linguístico do indivíduo) só pode ser feito pela observação da *langue/competence* em seu contexto social. Para Labov, a habilidade do ser humano em aceitar, preservar e interpretar regras com condicionamentos variáveis é um aspecto importante de sua competência linguística e somente um estudo cuidadoso da língua em uso demonstrará a existência dessa capacidade de operar com regras variáveis.

A variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas diferentes denominadas variantes. As variantes são diversas formas alternativas que configuram um fenômeno variável²², chamado de *variável dependente*, concebida como tal no sentido de que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores de natureza social²³ ou estrutural (as *variáveis independentes*). Essas variáveis independentes podem ser de natureza interna ou externa à língua e podem exercer pressão sobre os usos linguísticos, aumentando ou diminuindo sua frequência de ocorrência.

No conjunto de variáveis internas, encontram-se os fatores de natureza fonomorfo-sintático, os semânticos, os discursivos e os lexicais, que dizem respeito a características da língua em várias dimensões.

No conjunto de variáveis externas à língua reúnem-se os fatores inerentes ao sujeito (como etnia, sexo e idade), os propriamente sociais (escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva).

²² Fischer (1958), um dos precursores dos estudos sociolinguísticos, afirma que, em geral, a escolha de uma ou outra variante não interfere na compreensão de atos, estados ou eventos.

²³ Foulkes e Docherty (2006) introduzem o termo variação sociofonética, neste contexto, se referindo à variação na fala relacionada a fatores sociais, como gênero/sexo, idade e classe social do falante. Os autores afirmam ainda, que a sociofonética investiga o impacto da variação na percepção da fala e os efeitos da variação na aquisição de primeira e segunda língua e na identificação forense de falantes.

Assim como as línguas orais, as línguas de sinais sofrem variação e mudança linguística relacionadas a fatores internos e externos. No entanto, como já explicitado, o histórico dos estudos sobre a língua de sinais e a sua proibição de utilização durante o Congresso de Milão, quando se determinou que todas as ações educacionais de surdos deveriam ser realizadas sob os princípios oralistas, fez com que, por vários anos, os sinais fossem negligenciados. No entanto, vários estudos (a exemplo de BAYLEY; LUCAS; ROSE, 2000, 2002; LUCAS; BAYLEY, 2008, 2010; SCHEMBRI; JOHNSTON, 2004, 2007, 2012, 2013, entre outros) têm, nos últimos anos, mostrado sistematicamente que as línguas de sinais apresentam a mesma complexidade em relação ao aspecto sociolinguístico.

2.4 Variação sociolinguística das línguas de sinais

A língua de sinais, assim como a língua oral, não é única em todo o mundo e, em geral, cada país possui a sua. No entanto, pode-se ter mais de uma língua de sinais em países que possuem uma ou mais de uma língua oficial, a exemplo da Suíça, que possui três línguas de sinais (Língua de Sinais Suíço-Germânica – DSGS, Língua de Sinais Suíço-Francesa – LSF-SR e Língua de Sinais Suíço-Italiana – LIS-SI) e da Finlândia, que possui duas línguas de sinais (Língua de Sinais Finlandesa – FinSL e Língua de Sinais Finlandeso-Sueca – FinSSL), usadas em diferentes partes do país (BOYES-BRAEM; RATHMANN, 2010; BERGMAN; ENGBERG-PEDERSEN, 2010), refletindo a realidade linguístico-cultural de cada região.

Segundo Souza e Segala (2009), a maioria das investigações em língua de sinais foi influenciada por teorias estruturalistas e inatistas, cujo objetivo era descrevê-las, como sistemas homogêneos, com base nos pressupostos de uma Gramática Universal (CHOMSKY, 1966), a fim de comprovar o seu *status* de línguas naturais. Dessa forma, buscava-se descrever os princípios internos, identificando uma regularização estrutural das línguas de sinais em comparação às línguas orais, centrada na competência linguística dos indivíduos ou nas comunidades isoladas que desenvolveram, sem contato com outras línguas de sinais, uma língua com

propriedades semelhantes às anteriormente estudadas. Só a partir da década de 1970 se iniciou a preocupação em resgatar os dados concernentes à emergência e desenvolvimento de línguas sinalizadas dentro de uma metodologia sociolinguística.

A variação sociolinguística das línguas de sinais tem sido descrita sistematicamente em diversos países, a exemplo de Estados Unidos (BATTISON, 1974, 1978; FRISHBURG, 1975; WOODWARD; ERTING; OLIVER, 1976; WOODWARD; DeSANTIS, 1977; BATTISON; MARKOWICZ; WOODWARD, 1975; WOODWARD, 1980; BAYLEY; LUCAS; ROSE, 2000, 2002; LUCAS; BAYLEY; VALLI, 2001; LUCAS *et al.*, 2001, 2002; LUCAS, 2003; LUCAS; BAYLEY, 2008, 2010; MULROONEY, 2002; QUINTO-POZOS, 2008), Austrália (SCHEMBRI; JOHNSTON, 2004, 2007, 2012, 2013; SCHEMBRI *et al.*, 2009, 2010), Costa Rica (WOODWARD, 1991), Filipinas (APURADO; AGRAVANTE, 2006), Grã-Bretanha (SUTTON-SPENCE; WOLL; ALLSHOP, 1990; SCHEMBRI; FENLON; RENTELIS, 2009; FENLON *et al.*, 2013), Holanda (SCHERMER, 2003), Itália (RADUTZKY, 1987; GERACI *et al.*, 2011), Nova Zelândia (MCKEE; MCKEE; MAJOR, 2008, 2011; MCKEE; MCKEE, 2011; MCKEE *et al.*, 2011), Peru (PARKS; PARKS, 2010), Tailândia (WOODWARD, 1996) e Taiwan (CHEN; TAI, 2009), entre outros.

No entanto, segundo Fenlon *et al.* (2013), os estudos realizados ainda são pequenos em quantidade e em grandeza, quando comparados aos estudos sociolinguísticos das línguas orais, o que é esperado, em função do nível em conhecimento de que se dispõe sobre as LS.

Segundo Lucas *et al.* (2001, 2002), estudos sobre variação em línguas de sinais são desenvolvidos desde a década de 1960, no entanto, a maioria enfocava a variação lexical. Bayley, Lucas e Rose (2002) e Lucas *et al.* (2002) afirmam que os estudos sobre variação fonológica da LS se iniciaram na década de 1970, parcialmente em resposta aos estudos de mesma natureza nas línguas orais. Um dos primeiros estudos de que se tem relato é o de Battison, Markowicz e Woodward (1975), que estudaram a variação na extensão do dedo polegar.

Pouco tempo depois, Woodward, Erting e Oliver (1976) publicaram um estudo sobre a variação dos sinais realizados na face e na mão, pelos moradores de Nova

Orleans e Atlanta (EUA), e verificaram que os sinalizadores de Nova Orleans tendem a realizar os sinais na face, enquanto os de Atlanta tendem a fazê-lo nas mãos.

Em um estudo acerca da mudança linguística na ASL e na LSF, Woodward e DeSantis (1977) afirmam que a língua francesa apresenta um processo de mudança significativamente mais lento que a americana. Além disso, referem que, apesar da tendência de os sinais bimanuais realizados na face estarem em processo de mudança para sinais unimanuais, os sinalizadores mais velhos tendem a manter a realização dos sinais bimanuais. Deuchar (1981 *apud* SCHEMBRI *et al.*, 2010) afirma ser possível, na BSL, o “apagamento” da mão não-dominante nos sinais bimanuais, fazendo com que se tornem unimanuais, algo que Battison (1974) refere ser frequente na ASL.

Woodward e DeSantis (1977) realizaram pesquisa sobre a mudança linguística de sinais bimanuais em unimanuais na LSF e na ASL (duas LS historicamente relacionadas) nas cidades estadunidenses de Nova Orleans e Atlanta (75 sujeitos, dos quais 40 brancos e 35 negros) e nas cidades francesas de Paris, Toulouse, Albi e Marselha (60 sujeitos, sem menção a etnia), incluindo as variáveis sociais de etnia e região da cidade em que os sujeitos residem.

Entre seus principais resultados, identificaram que (1) os sinais realizados na região mais visível da face mudam antes dos sinais realizados em outras partes do corpo; (2) os sinais realizados na área mais inferior da face mudam mais rápido do que os realizados na área mais superior; (3) os sinais com movimentos complexos apresentam maior tendência a mudança do que os sinais com movimentos simples; (4) os surdos negros tendem a manter a realização do sinal bimanual em relação aos surdos brancos; e (5) os sulistas também tendem a manter a realização do sinal bimanual em relação aos não-sulistas. Desta forma, pode-se perceber a tendência a que os sinais se tornem superiores (realizados na região da face) e unimanuais.

Schembri e Johnson (2012) destacam que, tanto nas línguas orais quanto nas línguas de sinais, os fatores que conduzem à variação linguística podem ser agrupados em três categorias: fatores linguísticos ou internos, fatores sociais ou

intersujeitos e fatores estilísticos ou intrasujeitos, que formam uma complexa interrelação em que cada um influencia o uso da linguagem de forma distinta.

De acordo com os mesmos autores (2012, 2013), os fatores linguísticos se referem aos processos fonológicos²⁴. A variação estilística envolve, por exemplo, a alternância entre um estilo formal e um estilo casual de fala por um sujeito a depender da situação. Já os fatores sociais, foco do presente estudo, envolvem questões como idade, sexo, região de origem, etnia, *background* linguístico²⁵ e nível socioeconômico. Além disso, Schembri e Johnston (2012) reiteram que nenhum fator linguístico ou social pode explicar completamente a variação linguística.

Segundo Lucas *et al.* (2001), desde o trabalho pioneiro de Stokoe, publicado em 1960, os linguistas reconheceram que as LS são sistemas linguísticos autônomos, estruturalmente independente das línguas orais e com quem coexistem em qualquer comunidade. Este reconhecimento foi seguido por extensa pesquisa em diferentes aspectos da estrutura das LS e, considerando que este sistema é, da mesma forma, compartilhado em comunidades de usuários, a sociolinguística das LS pode ser descrita de forma paralela à descrição das línguas orais. Isto significa que as LS podem sofrer variação de forma similar à observada nas línguas orais (SCHEMBRI; JOHNSTON, 2013).

Antes de adentrar em questões mais específicas da variação na LS, é importante destacar a dificuldade em obter uma amostragem ampla para estudos dessa natureza, da forma como acontece nos estudos sobre variação nas línguas orais. Em geral, há uma série de critérios a que os sujeitos surdos devem atender para que façam parte do estudo, por exemplo, ter fluência na LS, ter pais surdos, ter iniciado o uso de LS em uma determinada idade, possuir conhecimento na língua-padrão do país.

²⁴ Da mesma forma que as línguas orais, as línguas de sinais estão susceptíveis a sofrer processos fonológicos, como epênteses, apagamentos, metáteses e assimilações em quaisquer dos seus parâmetros (WILBUR, 1979; VALLI; LUCAS, 2000; RESENDE, 2012).

²⁵ Variável referente ao fato de a família do sujeito ser surda e, portanto, usuária de língua de sinais no ambiente familiar, ou não.

Patrick e Metzger (1996), em uma revisão de 50 estudos sociolinguísticos com LS realizados entre 1971 e 1994, observaram que mais da metade envolveram dez sujeitos ou menos e um terço dos estudos incluiu apenas um ou dois sujeitos.

Atualmente, tem-se conhecimento de apenas dois estudos com grande população sobre a variação na LS, conduzidos pelos pesquisadores Ceil Lucas, da Gallaudet University (EUA) e Adam Schembri²⁶, da La Trobe University (AUS), que culminaram em diversos estudos (BAYLEY; LUCAS; ROSE, 2000, 2002; LUCAS; BAYLEY; VALLI, 2001; LUCAS *et al.*, 2001, 2002; LUCAS; BAYLEY, 2008; SCHEMBRI; JOHNSTON, 2004, 2007, 2012, 2013; SCHEMBRI *et al.*, 2009, 2010; SCHEMBRI; FENLON; RENTELIS, 2009; MCKEE *et al.*, 2011, FENLON *et al.*, 2013, entre outros).

Bayley, Lucas e Rose (2002) partem do pressuposto de que as correlações entre as formas linguísticas, os ambientes linguísticos e os fatores sociais observados nas línguas orais também podem ser observados nas línguas de sinais. Os autores afirmam, de forma mais específica, que as línguas de sinais também estão suscetíveis a análises que levem em consideração a função gramatical e os segmentos precedente e seguinte, assim como fatores sociais como idade, região geográfica em que está inserido e seu contexto linguístico.

De forma geral, são vários os fatores sociais possíveis de interferir na escolha de uma variante. Nos estudos com LS, é comum a estratificação social em função do sexo, idade, região geográfica, etnia, *background* linguístico e classe socioeconômica (LUCAS *et al.*, 2001; BAYLEY; LUCAS; ROSE, 2002).

Fenlon *et al.* (2013) afirmam que tais fatores sociais e a extensão da sua influência variam entre as línguas de sinais. Como exemplo, os autores referem estudos que mostram que, em relação à variação da localização do sinal na Auslan e na NZSL, apenas nessa última percebeu-se influência da etnia e do *background* linguístico. Além disso, estes fatores sociais apresentaram impacto diferente sobre a

²⁶ Este pesquisador investiga questões relacionadas ao complexo conhecido como BANZSL (British, Australian and New Zealand Sign Language). Segundo Schembri *et al.* (2010) e Schembri e Johnston (2012), as Línguas de Sinais Britânica, Australiana e Neozelandesa são consideradas três dialetos de uma mesma língua, dada a semelhança entre os seus sinais.

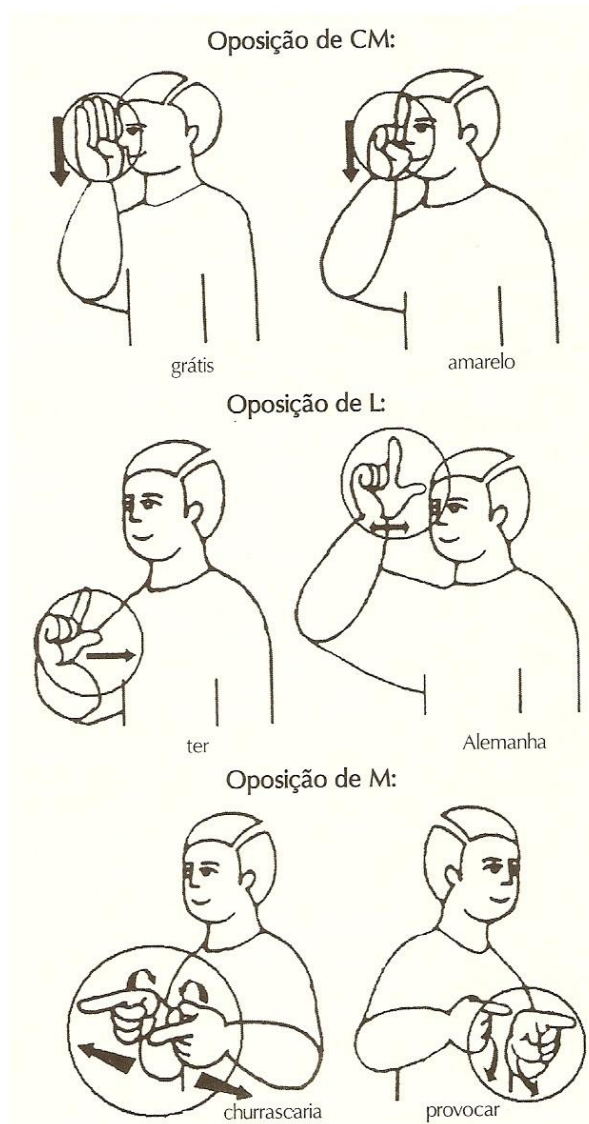
escolha da variante na NZSL e na ASL. Na ASL, os sujeitos tendem a priorizar a forma canônica²⁷ do sinal, enquanto na NZSL há o uso de mais variantes.

Os parâmetros da língua de sinais podem ser considerados traços distintivos, assim como ocorre nas línguas orais. Da mesma forma que as palavras “faca” e “vaca” podem ser considerados pares mínimos por apresentar um único fonema que difere em termos de vozeamento (/f/ é desvozeado e /v/ é vozeado), a mudança de um parâmetro da LIBRAS pode provocar uma mudança no sentido da palavra. No entanto, segundo Cormier *et al.* (2012), a diferença em um único parâmetro do sinal pode ser considerada variação fonológica, dependendo dos sinais a que se refere.

Exemplos de pares mínimos estão expostos na Figura 7. Nas duas primeiras imagens, percebe-se a realização de diferentes configurações de mão, com mesmo movimento e mesma localização. Nas duas imagens centrais, há a realização de sinais com mesma configuração de mão e mesmo movimento, mas com localização diferente. Já nas duas últimas imagens, os sinais são realizados com mesma configuração de mão e localização, mas com movimento diferente.

²⁷ Bayley, Lucas e Rose (2000) e Lucas *et al.* (2001) definem duas categorias, “*citation form*” e “*non-citation form*”, que podem ser traduzidas, respectivamente, como forma canônica e forma não canônica do sinal. A forma canônica seria a forma como o sinal aparece nos dicionários e como é mais comumente ensinada aos aprendizes de L2.

Figura 7 – Exemplos de pares mínimos que diferem em termos de configuração de mão, localização e movimento²⁸ (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001).



Segundo Lucas (2003), Gesser (2009) e Schembri e Johnson (2012, 2013), a variação na LS pode acontecer nos níveis fonológico, morfológico e sintático e pelas mesmas variáveis sociolinguísticas das línguas orais: idade, sexo, raça, grau de escolaridade e situação geográfica. Considerando que grande parte dos estudos sociolinguísticos envolve mais de uma das variáveis sociais mencionadas, que se relacionam entre si para descrever ou explicar a variação, a seguir, serão descritos

²⁸ Esses sinais estão dicionarizados, segundo uma proposta de referência (padronização) e unidade da LIBRAS, como já mencionado anteriormente.

os principais resultados de tais estudos, que, eventualmente, se referem a mais de uma variável.

Os fatores sexo e idade têm sido os mais amplamente utilizados em pesquisas sociolinguísticas em LS (LUCAS; BAYLEY; VALLI, 2001; MULROONEY, 2002; SCHEMBRI *et al.*, 2009). Sutton-Spence, Woll e Allshop (1990) e McKee e McKee (2011) sugerem que o sexo é um dos fatores que menos interfere na escolha da variante linguística. Schembri *et al.* (2010) e Schembri e Johnston (2012) afirmam que não há, ainda, estudos que mostrem variação lexical sistemática no complexo BANZSL relacionada ao sexo, no entanto, sugerem que a mudança linguística, na Auslan é comandada pelas mulheres e não pelos homens, como acontece na ASL, conforme descrito por Lucas, Bayley e Valli (2001) e Lucas *et al.* (2002).

Entre os fatores sociais, a depender do fenômeno que se está investigando, alguns se mostram mais contundentes na relação com a escolha de determinada(s) variante(s). No que se refere à configuração de mão²⁹ em “1”³⁰ (dedo indicador estendido – Figura 8), Bayley, Lucas e Rose (2002) identificaram maior relação com os fatores região geográfica (o fator mais impactante), idade, classe social e status audiológico dos pais. Além disso, os autores perceberam que a idade apresentou efeito maior sobre os sinalizadores de determinadas cidades.

Estudando a mesma variável (configuração de mão em “1”) na BSL, Fenlon *et al.* (2013) verificaram que o único fator social que interfere na escolha da variante é a região: os sinalizadores de Cardiff, Belfast e Bristol tendem a usar mais formas não-canônicas em relação aos sinalizadores de Manchester, Birmingham, Glasgow e Londres.

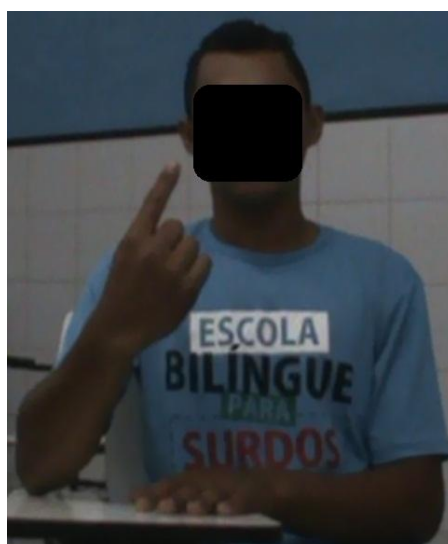
Liddell e Johnson (1989) afirmam que um grande número de sinais na ASL são produzidos a partir de mudanças da configuração da mão. Kyle e Woll (1998) afirmam que a variação na LS acontece por uma modificação da configuração ou da localização da mão durante a realização de um sinal. A mudança da configuração

²⁹ Johnson e Liddell (2010, 2011, 2012) afirmam que a configuração de mão é um parâmetro contrastivo na ASL.

³⁰ Essa configuração de mão é equivalente à “G1”, de acordo com a classificação das configurações de mão da LIBRAS proposta por Ferreira (2010).

pode envolver, por exemplo, letras diferentes do alfabeto manual, e a mudança da localização pode envolver mudança de alguma parte do corpo para o espaço neutro. Kyle e Woll (1998) e Schembri e Johnston (2013) referem à possibilidade de redução de duas configurações de mão em uma, dois locais em um, ou dois movimentos em um.

Figura 8 – Exemplo de configuração de mão em  (sinal do numeral um).



Metzger (1993 *apud* LUCAS *et al.*, 2001) investigou a variação da configuração de mão dos sinais referentes aos pronomes de 2ª e 3ª pessoa, que podem ser produzidos com o indicador estendido ou com mão configurada em “S”, com o polegar estendido. Um dos resultados inesperados observados pela pesquisadora foi a realização da palavra soletrada através do alfabeto manual.

Em relação à variação do parâmetro “localização”, Lucas *et al.* (2002) observaram que os fatores sociais de idade, sexo, região geográfica, língua usada no âmbito familiar e etnia interferiram significativamente na escolha das variantes. No mesmo estudo, os autores afirmam que as mulheres tendem a ser mais conservadoras e desfavoreceram as formas inovadoras, enquanto o oposto aconteceu com os homens. Schembri, Johnson e Goswell (2006) referem, também em relação ao parâmetro “localização”, que os sinais refletem a influência de fatores

linguísticos e sociais. Bayley, Lucas e Rose (2000) identificaram, em relação ao sinal “deaf”, maior influência dos fatores idade e localização geográfica.

Neste estudo, Bayley, Lucas e Rose (2000) identificaram que sinalizadores dos estados do Kansas, Missouri e Virginia usam a forma não-canônica³¹ do sinal em 85% do tempo, mais que o dobro do percentual dos sinalizadores de Boston. Os autores afirmam, ainda, que os sinalizadores mais jovens de Boston usam bem mais a forma (variante) canônica do que os sinalizadores com idade superior a 55 anos. Dessa forma, mostram que um fator não atua de forma isolada na escolha da variante, mas os fatores se combinam entre si.

Em relação à variável etnia, Aramburo (1989) afirma que, além das variações normalmente percebidas nas comunidades surdas, há a evidência da existência de comunidades surdas negras, caracterizadas por algumas peculiaridades, como o uso de “sinais negros”, sinais conhecidos apenas pelos surdos negros e utilizados apenas quando conversam entre si. Quando conversam com surdos brancos, os surdos negros costumam utilizar a língua de sinais (neste caso, a ASL) padrão³². Além disso, Lucas, Bayley e Valli (2001) observaram que os surdos negros tendem a favorecer variantes mais antigas da LS.

Lucas e Valli (1989) afirmam que os usuários da ASL tendem a ser muito sensíveis ao status audiológico (se é ouvinte ou surdo). Essa sensibilidade pode se manifestar pela substituição da ASL pelo inglês sinalizado ou pelo pidgin na presença de um ouvinte para que ele compreenda.

Rudner e Butowski (1981) e Kleinfeld e Warner (1996, 1997) referem, ainda, diferença entre os sinais realizados pelos surdos gays e heterossexuais, provavelmente, relacionada à intenção em desenvolver uma identidade gay.

Schembri e Johnston (2007), em relação à variação sociolinguística relacionada ao alfabeto manual, observaram que o fator mais fortemente relacionado

³¹ Lucas e Bayley (2008) propõem o termo “forma canônica” para se referirem ao que é costumeiramente ensinado nas aulas de língua de sinais. Assim sendo, “forma não-canônica” se refere à formação do sinal que difere da “forma canônica”.

³² Situação semelhante acontece com algumas tribos indígenas, em que os índios, ao interagir com os brancos, utilizam a língua padrão do país, no entanto, utilizam sua língua indígena para a comunicação entre si.

foi a idade. Surdos com idade superior a 51 anos tendem a usar mais frequentemente o alfabeto manual do que os sujeitos com 50 anos ou menos e isto acontece, de forma mais clara, entre os sujeitos com mais de 71 anos. Os autores afirmam, no entanto, que a região geográfica onde vive o sujeito também exerceu influência.

Lucas *et al.* (2001) afirmam que a idade é uma variável que pode apresentar diferentes efeitos na variação linguística, por conta da diferença na política linguística das escolas de surdos ocorrida nos diversos países no século XX. Dessa forma, a diferença na sinalização de um surdo idoso e um surdo jovem pode acontecer por conta do grupo etário em si, mas também por conta da mudança nas políticas educacionais, como a mudança do oralismo para a comunicação total ocorrida nos EUA e a obrigatoriedade de adoção do oralismo que perdurou durante várias décadas no Brasil. McKee (2007) e McKee, McKee e Major (2008) referem que sinalizantes neozelandeses mais velhos usam o movimento da boca como principal meio de referência, o que mostra a influência de um passado oralista na educação destes sujeitos.

McKee, McKee e Major (2008, 2011) afirmam também que a variação nos numerais na NZSL é sistematicamente condicionada por características sociais, em especial, a idade (a geração mais jovem tende a favorecer o uso de apenas uma mão, enquanto os mais velhos usam as duas mãos). Em relação à região, os autores identificaram que os sujeitos de Auckland (maior centro urbano do país) são mais inovadores, enquanto os sujeitos de Wellington e Christchurch são mais conservadores.

Fischer (2000) afirma que algumas línguas de sinais apresentam semelhanças com línguas crioulas ou em processo de criouliização³³. Alguns estudos têm confirmado que, da mesma forma que acontece nas línguas orais, há condicionadores sociais nas línguas de sinais que atuam na mudança da estrutura linguística (LUCAS; BAYLEY; VALLI, 2001; MCKEE; MCKEE; MAJOR, 2008). Além

³³ Segundo Fernández (1998), as línguas crioulas se devem ao desenvolvimento característico de certos tipos de contatos linguísticos e sociais, combinando o vocabulário de uma língua com a gramática de outra.

disso, segundo Baker e Padden (2005), as línguas de sinais nascem sob influência de outros países, de onde vieram alguns de seus membros.

Um estudo conduzido na língua de sinais israelense por Meir *et al.* (2008) mostra que, em relação à concordância verbal, uma primeira geração de sinalizadores (média de 65 anos de idade) demonstra variações individuais consideráveis em termos de vocabulário, fraseado e dispositivos gramaticais. Sinalizantes da faixa de 40 a 50 anos utilizam verbos com concordância única, ou seja, partem do corpo e concordam com o objeto. Por outro lado, numa camada mais jovem (30 anos ou menos) verificou-se a existência de flexão de verbos que concordam sujeito e objeto.

Engberg-Pedersen (1993) descreve uma tendência similar na Língua de Sinais Dinamarquesa (DSL): sinalizadores mais velhos tendem a utilizar verbos de concordância única, concordando apenas com o argumento-objeto (indireto). Sinalizadores jovens, ao contrário, utilizam formas verbais em que a concordância é marcada com o sujeito e objeto. Entretanto, eles também utilizam o padrão anterior. Em relação à LIBRAS, segundo Sperb e Laguna (2010), entre grupos de surdos, os mais antigos se apoiam em sinais visuais e icônicos, enquanto os acadêmicos se apoiam em sinais com o uso da datilologia³⁴.

McKee, McKee e Major (2008), estudando a variação nos numerais na NZSL, identificaram uma relação entre a produção linguística dos sujeitos e suas características sociais. O fator idade foi o efeito mais influente nas variantes lexicais utilizadas, seguido, na ordem, pelos fatores região e gênero. McKee e McKee (2011), estudando a variação lexical na NZSL, observaram uma interação entre os fatores idade e região, considerando que a maior parte dos sinalizadores do sul da Nova Zelândia e mais idosos favoreciam a realização de sinais tradicionais, enquanto os sinalizadores do norte do país e mais jovens favoreciam a realização de formas inovadoras, confirmando estudos de variação na língua oral que mostram que os sulistas são mais conservadores.

³⁴ Padden (1991) afirma que a datilologia consiste no posicionamento de uma mão ao lado do corpo e execução de configurações de mão, cada uma das quais correspondente a uma letra do alfabeto.

Sutton-Spence, Woll e Allshop (1990) analisaram o uso do alfabeto manual nos sinais e verificaram que a variável idade foi significativa, tendo em vista que mais de 80% dos sujeitos com mais de 45 anos e menos de 40% dos sujeitos com menos de 45 anos utilizaram algum elemento do alfabeto. Johnston (1989) identificou o maior uso do alfabeto manual pelos surdos mais velhos (especialmente com mais de 50 anos) e pelos homens. Kelly (1991) corrobora esses achados, sugerindo que os surdos mais velhos tendem a usar mais o alfabeto manual do que os jovens.

Já Schermer (2003), em um estudo sobre a padronização do léxico da Língua de Sinais Holandesa (SLN), considerando as cidades de Groninger (norte), Amsterdam, Rotterdam e Voorburg (oeste) e Eindhoven (sul), observou que a proximidade entre as cidades não determina a similaridade no léxico da língua de sinais. O autor verificou que regiões geograficamente mais próximas (Rotterdam e Voorburg) apresentavam menor quantidade de sinais comuns entre si quando comparado às regiões dos arredores de Amsterdam.

Apesar da diferença entre as regiões, Schermer (2003) afirma que foram observadas diferenças lexicais nas cinco regiões, mas tal diferença está mais relacionada à idade dos falantes do que à distância geográfica entre as cidades. Além disso, a diferença lexical não representa um problema, tendo em vista que os usuários da SLN em uma região se compreendem bem com os sinalizadores das outras regiões. O autor identificou maior variação no vocabulário básico em relação a termos específicos de áreas científicas, cujo ensino acontece na escola, a exemplo da geografia, linguística, matemática e história.

Ainda em relação ao léxico, Temóteo (2008), em estudo sobre a diversidade léxico-cultural da LIBRAS, investigou a variação lexicológica em uma comunidade de surdos do Ceará e identificou que estes sujeitos possuem regionalismos características da comunidade e sua produção de sinais é, em grande parte, icônica.

Schembri e Johnston (2007) afirmam que, na Auslan, a variação no alfabeto manual está fortemente relacionada à idade (sujeitos com mais de 51 anos tendem a usar mais o alfabeto do que os sujeitos entre 15 e 50 anos) e à região em que vive o sinalizador (o uso do alfabeto é maior em Perth, Brisbane e Melbourne e menor em

Adelaide e Sydney). Neste estudo, os fatores sexo, classe social e *background* linguístico não foram significantes.

Schembri *et al.* (2009), em estudo sobre a variação da localização na Auslan e na NZSL identificaram variação na localização do sinal em função de diferentes variáveis. Em relação à Auslan, se sobressaíram as variáveis idade, sexo e região em que vive o surdo. O fator mais impactante foi idade: os surdos de idade superior a 51 anos se mostram mais conservadores ao desfavorecer a forma inovadora. O segundo fator mais importante foi região: sujeitos de Adelaide, Brisbane e Perth se mostram mais conservadores do que os de Sydney e Melbourne e, finalmente, os homens tendem a ser mais conservadores do que as mulheres.

Já na NZSL, Schembri *et al.* (2009) verificaram que os fatores que interferem na localização do sinal são região, sexo, *background* linguístico e etnia. A região foi o fator mais impactante: sujeitos de Auckland e Christchurch se mostraram mais inovadores do que os sujeitos de cidades menores. As mulheres, da mesma forma que na Auslan, também se mostraram mais inovadoras que os homens. Além disso, os sujeitos que adquiriram a NZSL entre 7 e 12 anos também se mostraram mais inovadores em relação aos que adquiriram a NZSL antes dos 7 anos de idade. Em relação à etnia, os autores verificaram que os Pakeha (de origem europeia) tendem a ser mais inovadores do que os índios Maori.

Estes dados, confrontados aos de Lucas *et al.* (2001, 2002), mostram que não há um padrão universal em termos de que variável social é mais conservadora ou mais inovadora, já que nos estudos sobre a ASL, as mulheres tendem a ser mais conservadoras e, nos estudos sobre a Auslan e NZSL, acontece o oposto. No entanto, na ASL e na Auslan, a idade parece ser o fator mais fortemente relacionado à variação linguística.

Toom (2002 *apud* HEIN, 2010) acrescenta que a diversidade na linguagem usada pelos surdos é influenciada por diversos fatores, como a LS dos países vizinhos³⁵, a língua usada em casa e os métodos de ensino aplicados na escola.

³⁵ Além disso, a interação entre surdos e ouvintes em uma dada comunidade pode contribuir para a produção de um pidgin (LUCAS; VALLI, 1989, 1990).

Como exemplo da influência da língua de sinais de países vizinhos, Geer (2011) afirma que, apesar de a Língua de Sinais Mongol (MSL) ter sido fortemente influenciada pela Língua de Sinais Russa (RSL), atualmente, apresenta maior aproximação com a Língua de Sinais Chinesa (CSL).

Considerando a influência tanto de línguas orais quanto de línguas de sinais para o estabelecimento de outras LS, o Quadro 3 apresenta algumas línguas de sinais e a(s) língua(s) (oral(is) ou de sinais) que a influencia(m).

Quadro 3 – Línguas de Sinais e suas influências

Língua de Sinais	Influência	Fonte
Americana (ASL)	LSF e sinais indígenas ³⁶	Woodward e DeSantis (1977) Baker e Padden (2005) Gesser (2009)
Australiana (Auslan)	Língua de Sinais Britânica	Schembri <i>et al.</i> (2009, 2010)
Brasileira (LIBRAS)	LSF e ASL	Burnier (1981)
Coreana (KSL)	Língua Japonesa de Sinais (NS)	Fischer e Gong (2010)
Costo-riquenha (LESCO)	ASL, Língua de Sinais Espanhola (LSE) e sinais indígenas	Woodward (1991)
Dominicana (DRSL)	ASL e sinais indígenas	Garcia (1990)
Estoniana (ESL)	FinSL e RSL	Hein (2010)
Holandesa (SLN)	LSF	Schermer (2003)
Hondurenha (LSH)	ASL	Garcia (1990)
Hong Kong (HKSL)	CSL	Fischer e Gong (2010)
Irlandesa (ISL)	BSL e ASL	Kyle e Woll (1998)
Islandesa (IcSL ³⁷)	DSL	Aldersson e McEntee-Atalanis (2008)
Jamaicana (JSL)	BSL e ASL	Garcia (1990)
Mexicana (LSM)	LSF	Faurot <i>et al.</i> (1999)
Mongol (MSL)	RSL	Geer (2011)
Neozelandesa (NZSL)	BSL	Schembri <i>et al.</i> (2009, 2010)
Peruana (LSP)	LSE	Parks e Parks (2010)
Tailandesa (TSL)	ASL	Woodward (1996)
Taiwanesa (TwSL)	NS e CSL	Chen e Tai (2009)

³⁶ As línguas indígenas, segundo Woodward e DeSantis (1977), provavelmente, contribuíram para o desenvolvimento das línguas de sinais por meio do processo de crioulização.

³⁷ A Língua de Sinais Islandesa é representada internacionalmente pela sigla “ISL”, no entanto, aqui será representada por “IcSL” para diferenciá-la da Língua de Sinais Irlandesa.

Parks e Parks (2010), em relação à Língua de Sinais Peruana (LSP), afirmam que a falta de padronização da LSP aliada à influência de outras línguas, como a ASL em áreas de formação, como escolas de surdos e locais religiosos, faz com que a variação seja ainda mais ampla. Além disso, Quinto-Pozos (2008) afirma que a língua de sinais pode ser influenciada por uma segunda língua do país.

Conforme Garcia (1990), a Língua de Sinais Dominicana (DRSL) passou por um processo claro de mudança linguística desencadeado, entre outros fatores, pela língua espanhola falada na ilha. Como exemplo, a autora cita os dias da semana, cujos sinais sempre incluem a primeira letra da palavra na língua oral. Dentre eles, a 2ª feira, a 5ª feira e a 6ª feira possuem influência do espanhol (são iniciadas, respectivamente, por “L”, “J” e “V”³⁸), enquanto a 3ª feira é realizada a partir da primeira letra do inglês (“T”, considerando a influência da ASL) e a 4ª feira encontrava-se, na época, em processo de transformação, podendo ser realizada a partir da primeira letra do espanhol (“M”) ou do inglês (“W”).

Bayley, Lucas e Rose (2000), em um estudo sobre a variação do sinal “deaf”, verificaram que o principal fator que influenciou a variação foi a sua função gramatical e não o contexto seguinte, como sugeriram Liddell e Johnson (1989). O papel da função gramatical na variação linguística foi reiterado por McKee *et al.* (2011).

Já Geraci *et al.* (2011), em estudo sobre a variação sociolinguística observada na fonologia da Língua Italiana de Sinais (LIS), verificaram que, de forma geral, a idade se mostrou a variável mais fortemente relacionada ao uso de variantes nacionais. De acordo com os autores, os surdos idosos tendem a usar mais variantes regionais em relação aos adultos jovens, e estes tendem, da mesma forma, a usar mais variantes regionais em relação aos jovens (adolescentes). Além da idade, a variável sexo também se mostrou significativa, tendo as mulheres um maior percentual de uso de variantes nacionais. Isso pode mostrar a tendência de o

³⁸ Os dias da semana em espanhol citados são: *lunes* (2ª feira), *miércoles* (4ª feira), *jueves* (5ª feira) e *viernes* (6ª feira). Já a 3ª feira e a 4ª feira em inglês são denominadas, respectivamente, *tuesday* e *wednesday*.

sujeito jovem e do sexo feminino conduzir a mudança linguística na língua de sinais, assim como acontece nas línguas orais.

Radutzky (1987) e Chen e Tai (2009) afirmam que as mudanças linguísticas tendem a facilitar a produção e a percepção do sinal, um princípio de economia articulatória. Segundo Ann (2006, 2008), alguns sinais são mais fáceis de produzir do que outros em função da fisiologia da mão e do antebraço. Com o passar do tempo, os sinais perdem muito da sua iconicidade original e são influenciados por restrições peculiares às línguas sinalizadas, tornando-as mais arbitrários (FRISHBERG, 1975).

A sociolinguística das línguas de sinais considera, ainda, as línguas desenvolvidas por comunidades, que funcionam, em algumas situações, como dialetos e tem seu funcionamento permeado pela cultura de seus falantes e eventualmente, por línguas orais ou de sinais. Nessa perspectiva, segundo Zeshan (2006), o uso da língua de sinais pode se dar em decorrência de algum fator específico, como a alta ocorrência de surdez hereditária.

Como exemplos destes agrupamentos, tem-se a vila Yucatan Mayan (México), a vila Adamorobe (Gana), Providence Island (Caribe), a já citada tribo Urubu-Kaapor (Amazônia), a vila Ban Khor (Tailândia) e a tribo Al-Sayyid (Israel). A autora afirma, ainda, que a língua de sinais nesses contextos, sofre pouca influência externa pelo contato limitado com pessoas surdas de fora das vilas/tribos e, em geral, é uma língua de sinais completamente desenvolvida por ser antiga e apresentar uma comunidade estável que a utiliza.

Nesse contexto, estão incluídas as línguas de sinais indígenas. Fox-Tree (2009) estudou as LS que compõem o complexo *Meemul Tziji*, que apresentam uma profunda relação com outras LS indígenas centro-americanas, compartilhando todos ou muitos dos seus padrões, de forma que, aparentemente, pertencem a uma mesma família linguística.

Ainda na América Central, Woodward (1991) menciona a existência de quatro línguas de sinais indígenas na Costa Rica, além da Língua de Sinais Costo-Riquenha (LESCO): a Língua de Sinais Brunca (utilizada pela tribo Boruca) e a

Língua de Sinais Bribri (utilizada pela tribo homônima), ambas na região setentrional da Costa Rica, além de línguas de sinais usadas na região de Limon (costa leste do país, fortemente influenciada pela população negra vinda do Caribe) e de Guanacaste (noroeste do país, perto da fronteira com a Nicarágua, influenciada pela Língua de Sinais Nicaraguense – LSN).

Ainda assim, percebe-se que as línguas de sinais têm sido negligenciadas no que se refere aos seus aspectos sociolinguísticos. Supalla (2008, p. 25) declara que:

essa negligência pode ser atribuída à crença de que as Línguas de Sinais em desenvolvimento eram frequentemente “contaminadas” por práticas pedagógicas opressivas que tentavam moldar a língua com base na maioria das línguas faladas [...] essa noção de Língua de Sinais “impuras” significou que os pesquisadores de linguística histórica se depararam com o fato de que processos históricos “naturais” eram provavelmente ofuscados ou destruídos pelo imperialismo linguístico. Entretanto, tal visão equivocadamente nega a origem natural do contato entre línguas na história da humanidade, em todo o mundo. O estudo da gênese e evolução da língua será considerado como um “voo cego”, se tais interações humanas naturais não forem levadas em consideração na pesquisa de linguística histórica.

Entretanto, não basta essa constatação se o pesquisador não faz uso de instrumentos metodológicos capazes de comprovar, com estudos reais, como essa história social pode condicionar as mudanças linguísticas. Com essa preocupação, trabalhos sociolinguísticos estão sendo desenvolvidos, com a colaboração dos estudos labovianos aplicados e conduzidos nas línguas orais. Segundo Zeshan (2006, p. 46):

Ao mapear o território de diferentes Línguas de Sinais, é importante considerar os parâmetros sociolinguísticos dos variados contextos onde existem comunidades que utilizam Línguas de Sinais. Tais parâmetros incluem, entre outros:

- a idade da Língua de Sinais
- o tamanho da comunidade usuária
- a situação de contato com outras línguas (faladas/escritas/sinalizadas)
- o grau de ameaça de extinção
- o número relativo de usuários de língua materna (L1) versus usuários de segunda língua (L2) (!).

Nessa passagem, pode-se observar a mudança de foco do indivíduo para a comunidade, além do estabelecimento de parâmetros sociolinguísticos para delimitar os diferentes locais e contexto de uso dessas línguas.

Assim sendo, considerando a proposta sociolinguística variacionista, sob os pressupostos labovianos, a seguir, são apresentados os procedimentos metodológicos que subsidiaram os dados empíricos da pesquisa em questão.

3 MATERIAIS E MÉTODO

Antes que um fenômeno possa se difundir de palavra para palavra [...] é necessário que uma das formas rivais adquira algum tipo de prestígio (STURTEVANT, 1947 *apud* LABOV, 2008[1972], p. 21).

3.1 Área de Estudo

O estudo, de natureza observacional, descritiva e transversal, foi realizado em duas instituições de referência em educação de surdos localizadas em João Pessoa e Campina Grande. João Pessoa é a capital da Paraíba e localiza-se no litoral, enquanto Campina Grande localiza-se no agreste do estado. As duas cidades tem uma distância aproximada de 125 km uma da outra.

Segundo o IBGE (2007), João Pessoa apresenta área territorial de 211 km² e população de 674.762 habitantes. Já a cidade de Campina Grande conta com área territorial de 621 km² e população de 371.060 habitantes.

A primeira instituição onde a pesquisa foi desenvolvida é um centro de reabilitação, vinculado ao Governo do Estado da Paraíba, localizado na cidade de João Pessoa/PB, que promove acompanhamento multiprofissional aos portadores de vários tipos de deficiência (física, auditiva, visual e mental), síndromes e transtornos do comportamento, da linguagem e da aprendizagem, com o objetivo de habilitar, reabilitar, profissionalizar e inserir o sujeito com necessidades educativas especiais no mercado de trabalho. Na instituição, são desenvolvidos, ainda, programas de prevenção e orientação familiar quanto ao aprimoramento das habilidades linguísticas e das atividades de vida diária e, especificamente com os surdos, são realizadas atividades de orientação familiar, fonoterapia e oficinas de desenvolvimento da leitura e da escrita.

A segunda instituição é uma escola de referência para surdos, também vinculada ao Governo do Estado da Paraíba, localizada na cidade de Campina Grande/PB, que oferta turmas do 3º ano do Ensino Fundamental ao 3º ano do Ensino Médio.

Os sujeitos foram recrutados nessas instituições, mas poderiam residir nas regiões metropolitanas de João Pessoa e Campina Grande. Os sujeitos recrutados em João Pessoa residiam na própria capital paraibana ou na cidade de Bayeux. Todos os sujeitos recrutados em Campina Grande residiam na própria cidade.

3.2 População de estudo

Fizeram parte da pesquisa 16 sujeitos surdos, com idade entre 14 e 36 anos de idade, inseridos em comunidades surdas e que utilizam a Língua Brasileira de Sinais como L1.

O tamanho da amostra foi definido considerando as variáveis eleitas e a estratificação social típica de pesquisas sociolinguísticas. Cada célula social foi formada por dois sujeitos. Além disso, o universo de participantes é restrito em função dos critérios de inclusão adotados. De forma semelhante a Lucas *et al.* (2002) e Schembri *et al.* (2009), não foram incluídos ouvintes na população de estudo.

Como critérios de inclusão, foram considerados:

- (1) a utilização, com fluência, da LIBRAS como L1;
- (2) residência nos municípios mencionados anteriormente;
- (3) ausência de deficiência visual (tendo em vista que a língua é viso-gestual), física (em função da dificuldade em articular os sinais) ou intelectual;
- (4) não ter morado fora da região de investigação;
- (5) não conviver intensamente com pessoas surdas de outra região e/ou pessoas de outra naturalidade;
- (6) possuir conhecimento da língua portuguesa, já que a coleta de dados foi realizada por meio de palavras escritas.

Os participantes com menos de 20 anos apresentaram média de idade pouco superior a 17 anos (média de tempo de utilização da LIBRAS em torno de 11 anos), enquanto que os sujeitos com mais de 20 anos apresentaram média de idade pouco superior a 27 anos (média de tempo de utilização da LIBRAS em torno de 16 anos).

A estratificação social da amostra foi realizada seguindo os parâmetros variacionistas, segundo sexo (masculino e feminino), mesorregião em que reside na Paraíba (litoral – João Pessoa – e agreste – Campina Grande) e idade (inferior a 20 anos e superior a 20 anos). Estratificação semelhante foi realizada por Woodward e DeSantis (1977), Sutton-Spence, Woll e Allshop (1990), Bayley, Lucas e Rose (2000, 2002), Lucas *et al.* (2002), Lucas (2003), Lucas e Bayley (2008), McKee, McKee e Major (2008), Apurado e Agravante (2006), Schembri e Johnston (2004, 2007), Cormier, Schembri e Tyrone (2008), Schembri *et al.* (2009), Schembri, Fenlon e Rentelis (2009), McKee e McKee (2011), Geraci *et al.* (2011), Cavalcante *et al.* (não publicado) e Delgado (2012), em estudos sociolinguísticos envolvendo línguas de sinais³⁹.

De acordo com Labov (2006[1994]), métodos menos rigorosos (amostra não aleatória, por exemplo) são suficientes para mostrar os padrões regulares de estratificação de classes, a diferenciação dos papéis sexuais e a diversidade étnica. O mesmo autor afirma, ainda, que amostras pequenas e menos cuidadosamente constituídas não são consideradas, por si sós, uma inadequação metodológica e permitem a análise sociolinguística.

Para a descrição das células sociais utilizadas na pesquisa, foram utilizados os seguintes códigos (Quadro 4).

Quadro 4 – Códigos para descrição das células sociais, utilizados no estudo.

Sexo		Mesorregião da Paraíba		Idade	
Categoria	Código	Categoria	Código	Categoria	Código
Masculino	M	João Pessoa	JP	De 10 a 20 anos	10
Feminino	F	Campina Grande	CG	Mais de 20 anos	20

³⁹ Alguns desses estudos incluem, nos critérios de estratificação da amostra, outros fatores sociais, como etnia, classe socioeconômica e língua utilizada no âmbito familiar, não considerados no presente trabalho.

Dessa forma, contou-se com as seguintes células (Quadro 5), compostas, cada uma, por dois sujeitos, totalizando 16 sujeitos. No Quadro 5, são considerados os códigos apresentados no Quadro 4.

Quadro 5 – Células sociais utilizadas no estudo.

M – JP – 10	F – JP – 10
M – JP – 20	F – JP – 20
M – CG – 10	F – CG – 10
M – CG – 20	F – CG – 20

3.3 Definição de variáveis

Na intenção de determinar os fatores que condicionam e regulam a heterogeneidade linguística, princípio básico da Teoria da Variação Linguística, faz-se necessário, inicialmente, identificar as dimensões linguísticas e extralinguísticas que podem interferir na escolha de uma ou de outra variante de uma determinada variável. Foram consideradas as seguintes variáveis:

Quadro 6 – Variáveis linguísticas (dependentes) consideradas na análise de dados.

VARIÁVEL	DEFINIÇÃO	CATEGORIZAÇÃO
Complexidade do sinal	Representação de uma palavra por apenas um sinal ou dois sinais combinados.	Simple (um sinal); Composto (dois sinais).
Quantidade de mãos	Quantidade de mãos utilizadas para a representação do sinal.	Unimanual (uma mão); Bimanual (duas mãos).
Localização	Local onde a(s) mão(s) configurada(s) é(são) posicionada(s).	Superior (acima da linha média do queixo); Inferior (abaixo da linha média do queixo)

Quadro 7 – Variáveis linguísticas (dependentes) consideradas na lista das variantes.

VARIÁVEL	DEFINIÇÃO	CATEGORIZAÇÃO
Configuração da mão	Forma específica assumida pela(s) mão(s) quando o sinal é feito.	A categorização descrita por Ferreira (2010), apresentada anteriormente.
Localização	Local onde a(s) mão(s) configurada(s) é(são) posicionada(s).	A categorização descrita por Ferreira e Langevin (2010), apresentada anteriormente.
Movimento	Movimento realizado pela(s) mão(s) para expressar o significado do sinal.	A categorização descrita por Friedman (1976 <i>apud</i> WILBUR, 1979)
Orientação da palma da mão	Direção assumida pela palma da mão durante a execução do sinal	Para cima; Para baixo; Para as extremidades; Para o corpo; Para o centro.

Quadro 8 – Variáveis extralinguísticas (independentes) consideradas no estudo.

VARIÁVEL	DEFINIÇÃO	CATEGORIZAÇÃO
Sexo	Aspecto relacionado ao sexo dos sujeitos	Masculino Feminino
Região geográfica	Região da Paraíba em que se localizam as cidades onde será realizada a coleta de dados	João Pessoa Campina Grande
Idade	Tempo, em anos, decorrido desde a data de nascimento até o momento da coleta de dados	Abaixo de 20 anos Mais de 20 anos

3.4 Método de coleta de dados

Anteriormente à coleta dos dados, foi realizado um estudo piloto, com dois sujeitos surdos com idade superior a 10 anos e residentes na cidade de João

Pessoa/PB, para testagem do material e do procedimento de avaliação. Estes sujeitos não fizeram parte da amostra final da tese.

De forma semelhante a Woodward (1978, 1991, 1993, 1996), no presente estudo, foi utilizada parte da Lista de Swadesh⁴⁰. A lista, publicada por Swadesh (1959), é composta por vocábulos básicos, de referência universal, abrangendo partes do corpo, cores, pronomes e outras categorias. Segundo Petter (2008), esta lista se configura em um instrumento para estabelecer uma comparação mensurável entre o léxico de duas línguas, com o objetivo de identificar o grau de divergências ao longo do tempo. Ainda segundo Petter (2008), a primeira versão da lista de Swadesh possuía uma centena de termos e a última continha 207 vocábulos.

Woodward (1991, 1993, 1996) afirma que não é indicado o uso da mesma lista para a comparação lexical em línguas orais e sinalizadas. No caso destas, é recomendável a seleção de alguns vocábulos.

Para o estudo piloto, foram selecionadas 133 palavras constantes na Lista de Swadesh, que foram dispostas, uma a uma, em slides do Microsoft Powerpoint 2007. A seleção levou em consideração o fato de a palavra ser de uso cotidiano dos surdos, já que foram apresentadas na língua portuguesa e não em LIBRAS.

Inicialmente, cada palavra foi apresentada em um *slide* com um desenho representativo do vocábulo, a fim de facilitar a compreensão do participante acerca da palavra apresentada. Alguns slides continham mais de uma palavra quando eram antônimas, a exemplo de “frio” e “quente”.

No primeiro momento do estudo piloto, os sujeitos estavam realizando o sinal da imagem apresentada e não da palavra. Por exemplo, as palavras “grande” e “pequeno” estavam em um mesmo *slide*, com uma imagem com um cachorro grande e um pequeno, e o participante, ao invés de realizar o sinal das palavras selecionadas, sinalizava apenas “cachorro”. Além disso, pode-se perceber que várias palavras não eram conhecidas pelos sujeitos e outras apresentavam sinais

⁴⁰ Diversos estudos também utilizaram a Lista de Swadesh para estudos sobre as línguas de sinais, como McKee e Kennedy (2000), Currie, Meier e Walters (2002), Al-Fatyani e Padden (2008), Delgado (2012) e Cavalcante *et al.* (não publicado), além de Woodward (1978, 1991, 1993, 1996).

diferentes em diferentes contextos, a exemplo da palavra “casca”, cujo sinal é diferente se estiver relacionado a “laranja”, “ovo” e “banana”.

Um segundo dificultador da metodologia inicialmente empregada foi a policomponencialidade dos sinais (SCHEMBRI, 2003; SCHEMBRI; JONES; BURNHAM, 2005; MCCLEARY; VIOTTI, 2011). A policomponencialidade se refere ao fato de que o sinal de determinada palavra pode ser modificado em função do contexto em que está sendo empregado. Segundo McCleary e Viotti (2011), a realização dos sinais policomponenciais é flexível, apresentando características que são dependentes de toda a organização que o sinalizador escolheu para o seu discurso. Por exemplo, o sinal de pesado, quando apresentado em associação a uma imagem de um halterofilista era realizado de forma diferente em relação à apresentação exclusiva da palavra.

Finalmente, um terceiro dificultador da metodologia se referiu aos sinais em que o surdo sinaliza apenas com o apontar, especialmente em relação a partes do corpo, assim como afirmam Woodward (1993) e Aldersson e McEntee-Atalianis (2008). Além disso, foram excluídas palavras que apresentavam múltiplo sinal, de forma semelhante a Woodward e DeSantis (1977) e que eram soletradas com uso do alfabeto manual, assim como Faurot *et al.* (1999).

As imagens inicialmente utilizadas foram retiradas, a fim de evitar distorções da compreensão pelos surdos, especialmente os verbos e, na sequência, as palavras foram novamente apresentadas a três surdos a fim de identificar o nível de compreensão das palavras pelos sujeitos. Nessa fase, várias palavras (a exemplo de grama, corda, barriga, morder, levantar, voar, congelar e fumaça) foram eliminadas. Outras, ainda, foram eliminadas por apresentarem mais de um sentido e possibilitarem diferentes sinais, como “terra” (que poderia se relacionar ao solo ou ao planeta) e “língua” (órgão fonoarticulatório ou idioma).

Na sequência, o instrumento, composto por 62 palavras (entre pronomes pessoais, numerais, animais, partes do corpo, verbos, representações da natureza, adjetivos, cores e outros), foi aplicado aos 16 sujeitos da pesquisa. Após essa etapa, foram excluídas duas palavras: “pequeno”, por ser desconhecida por alguns sujeitos,

e “beber” (verbo) pela semelhança com o vocábulo “bebê” (criança pequena). Assim sendo, finalmente, o instrumento de coleta de dados foi formado por 60 palavras (Apêndice A). De forma geral, foram obtidos 952 sinais.

A coleta de dados propriamente dita foi iniciada a partir de visitas às instituições. Uma vez selecionados os sujeitos dentro dos critérios de inclusão e com o perfil desejado para a pesquisa (de acordo com os parâmetros variacionistas estabelecidos), os sujeitos foram contatados pessoalmente pelo pesquisador (acompanhado por um intérprete de LIBRAS da instituição), para serem informados acerca dos objetivos da pesquisa e solicitados a participar do estudo. Foi realizado o agendamento do procedimento com os sujeitos que aceitaram participar da pesquisa (e, no caso dos sujeitos menores de 18 anos, com os responsáveis legais).

No dia agendado, anteriormente à coleta de dados propriamente dita, o participante foi questionado em relação à idade e ao tempo em que estava inserido na LIBRAS. No caso dos sujeitos menores de 18 anos, a informação sobre o tempo em que estava inserido na LIBRAS foi realizada ao responsável legal.

Os *slides* com as palavras foram apresentados por meio de um *netbook* (Marca Acer, modelo Aspire One, monitor LED de 10.1”). O experimento foi conduzido pelo mesmo pesquisador e foi videogravada, através de uma filmadora (marca Sony, modelo DCR-SR47) com tripé. A câmera ficou localizada ao lado do *netbook*, tendo em vista que o sujeito deveria estar, necessariamente, de frente para o computador.

Assim que o sujeito se posicionava em frente ao computador, o pesquisador ajustava a direção da câmera, de forma a enquadrar toda a sua região cefálica e torácica, a fim de captar detalhes da fonologia da LIBRAS do sujeito. Anteriormente à execução dos sinais, o participante era questionado sobre a adequada angulação do monitor do *netbook*, a fim de evitar reflexos da luz da sala e, consequentemente, sua dificuldade em ler as palavras. É importante destacar que este não foi um procedimento laboviano clássico, mas foi baseado nos pressupostos labovianos.

3.5 Método de análise de dados

Após a coleta de dados, os vídeos foram analisados segundo as variáveis configuração de mão, localização, movimento e orientação da palma da mão. A descrição dos parâmetros foi realizada no *software* ELAN versão 4.4.0. e registrados em uma planilha do Microsoft Excel 2007.

Na sequência, os dados gerados (descrição dos parâmetros) foram reanalisados em relação às variáveis complexidade do sinal, quantidade de mãos e localização.

Cada variável foi quantificada em termos de mínimo e máximo de sua ocorrência dentro de cada grupo. Por exemplo, quando considerada a quantidade de mãos usadas para a realização do sinal em função do sexo, foi verificado o número mínimo e máximo de sinais unimanuais realizado pelos homens e pelas mulheres. O mesmo foi realizado em relação aos sinais bimanuais e com as demais variáveis dependentes.

Estes dados referentes ao mínimo e máximo estão expostos em cada tabela, assim como a mediana da variável. Segundo Doria Filho (1999), mediana é um valor que divide a amostra em um igual número de resultados de cada lado. Considerando a amostra desse estudo, a mediana é uma medida mais representativa da população do que a média.

A análise dos dados aconteceu de forma quantitativa (estatística), por meio do *software* SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*) versão 16 for Windows, em que as informações referentes às variáveis complexidade do sinal, quantidade de mãos e localização (com a nova categorização) foram confrontadas às variáveis extralinguísticas da pesquisa, a fim de se verificar a relação entre os sinais em função da idade, sexo e região geográfica.

Optou-se pelo uso da estatística não-paramétrica pelo fato de que a distribuição das variáveis na amostra estudada mostrou-se não-gaussiana, de acordo com os resultados advindos da aplicação do teste Shapiro-Wilk. Foi utilizado o teste de Mann-Whitney para a relação entre as variáveis linguísticas e extralinguísticas.

O p-valor fornecido ao final da aplicação do teste de Mann-Whitney se refere à probabilidade de o resultado ter sido absolutamente casual e será inversamente proporcional à diferença entre os grupos. O p-valor igual a 0,05 indica uma probabilidade de 5% de que o resultado seja casual e esta é a probabilidade máxima considerada neste estudo para que se possa afirmar que há diferença estatisticamente significativa entre os grupos. Assim sendo, considerou-se diferença estatisticamente significativa quando $p < ,05$, ou seja, a probabilidade de o resultado ser casual é menor do que 5%.

O p-valor analisa a diferença verificada entre os dois grupos pesquisados (surdos do sexo masculino x surdos do sexo feminino, surdos com menos de 20 anos x surdos com mais de 20 anos, surdos de João Pessoa x surdos de Campina Grande) e dentro de cada grupo. Quando a diferença intergrupos for maior do que a diferença intragrupos, maior será a probabilidade de a variável linguística estar, de fato, relacionada à variável extralinguística e, portanto, o p-valor será pequeno.

Se forma resumida, como já descrito, em cada tabela foram incluídos os seguintes dados: mediana, quantidade mínima de sujeitos que realizaram aquela forma do sinal e quantidade máxima de sujeitos que o fizeram.

Nessa análise, não foram considerados dados relacionados à orientação da mão, tendo em vista que o fato de o sujeito ser destro ou canhoto mudaria totalmente a orientação da mão e o fato de usar a mão direita ou esquerda, segundo Sandler (1993), não é considerado distintivo nas línguas de sinais.

Além disso, foram listadas as variantes identificadas em cada um dos sinais utilizados na pesquisa apenas para fim de facilitar a compreensão em relação às formas de realização de cada sinal. Foi considerada variação a diferença em qualquer um dos parâmetros por qualquer um dos sujeitos da pesquisa. Tal descrição está sintetizada no Apêndice B e não apresenta caráter de análise de dados.

Na ausência de variação (quando todos os sujeitos realizaram o parâmetro da mesma forma), foi utilizado o termo “forma canônica”, assim como proposto por

Lucas e Bayley (2008), que se refere ao que é costumeiramente ensinado nas aulas de LIBRAS. Assim, nessa lista, foi considerado:

- O uso de configurações de mão diferentes para compor um sinal;
- O local onde o sinal foi realizado;
- O fato de um sinal ser realizado com diferentes movimentos;
- O fato de um sinal poder apresentar mais de uma orientação da mão, desconsiderando-se, como já mencionado, as diferenças relacionadas à lateralidade do participante (se destro ou canhoto).

Finalizando, foi realizada a lista das variantes possíveis em relação a cada parâmetro e, conseqüentemente, a variação identificada nas 60 palavras utilizadas (Apêndice B).

Alguns sinais apresentaram parâmetros realizados de forma idêntica por todos os sujeitos da pesquisa. De acordo com Lucas e Bayley (2008), tais sinais são apresentados em uma forma padrão, que aparece nos dicionários e são ensinadas em aulas de línguas de sinais. A essa forma-padrão, dá-se o nome de “forma canônica”, que indica que o parâmetro não apresentou variação entre os participantes.

A orientação da mão para as laterais foi indicada como “para a esquerda/direita”, considerando que o destro orientará para um lado e o canhoto para outro, no entanto, isto não se configura como variação.

A nomenclatura dos dedos em polegar, indicador, médio, anelar e mínimo segue a proposta de Johnson e Liddell (2011, 2012). As indicações apresentadas entre parênteses e aspas se referem às configurações de mão da LIBRAS de acordo com Ferreira (2010), apresentadas previamente (Figura 1).

3.6 Considerações Éticas

O projeto de tese foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Hospital Universitário Lauro Wanderley sob o número 393/10, com o compromisso do pesquisador em cumprir a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e manter a identidade dos participantes sob total sigilo.

Mesmo sabendo que os dados serão utilizados para um trabalho científico, o que, segundo Silva (2008), pode interferir na produção linguística, essa informação foi fornecida aos sujeitos segundo os preceitos bioéticos dispostos na Resolução supracitada, de que os sujeitos devem ser adequadamente informados sobre os objetivos da pesquisa para que possam decidir sobre sua participação ou não no estudo.

Todos os participantes da pesquisa foram solicitados a ler e, caso concordassem com o seu conteúdo, assinar o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE – Apêndice C). No caso dos sujeitos com idade inferior a 18 anos, o TCLE foi assinado por um responsável pelo participante. Este termo informou os sujeitos sobre a ausência de custos e desconfortos para a sua integridade física e moral, assim como a possibilidade de ter suas informações retiradas do estudo no momento em que desejassem, sem que fossem, de qualquer forma, penalizados por isso.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os seres humanos produzem sinais de duas formas: sinais para serem vistos e sinais para serem ouvidos (STOKOE, 1996).

Neste capítulo, são apresentados os resultados obtidos no estudo, considerando as variáveis dependentes (complexidade do sinal, quantidade de mãos e localização) em função das variáveis independentes (sexo, idade e região). Estas são as variáveis extralinguísticas mais relacionadas à variação nas línguas de sinais de diversos países (WOODWARD; ERTING; OLIVER, 1976; WOODWARD; DESANTIS, 1977; SUTTON-SPENCE; WOLL; ALLSHOP, 1990; FAUROT *et al.*, 1999; BAYLEY; LUCAS; ROSE, 2000, 2002; LUCAS *et al.*, 2001, 2002; MCKEE; MCKEE; MAJOR, 2008, 2011; SCHEMBRI; JOHNSTON, 2007; SCHEMBRI *et al.*, 2009; MCKEE; MCKEE, 2011; GERACI *et al.*, 2011; FENLON *et al.*, 2013; STAMP *et al.*, submetido)

Além disso, é realizada a discussão dos dados com os achados dos principais estudos sociolinguísticos em língua de sinais, a fim de verificar semelhanças e diferenças em relação à realização da LIBRAS.

É importante destacar que alguns surdos referiram não conhecer alguma(s) das palavras apresentadas, no entanto, todos reconheceram mais de 90% das palavras. Assim, teve-se a produção de 952 sinais (99,16% das palavras apresentadas) e, dessa forma, 3.808 *tokens* relacionados aos parâmetros foram analisados (Tabela 1).

Tabela 1 – Distribuição dos participantes em relação aos dados sociodemográficos e quantidade de palavras reconhecidas entre as 60 palavras apresentadas (João Pessoa e Campina Grande, 2012).

	Idade	Sexo	Região	Palavras conhecidas	%
Sujeito 1	14	M	JP	60	100
Sujeito 2	15	M	JP	60	100
Sujeito 3	19	F	JP	60	100
Sujeito 4	17	F	JP	59	98,33
Sujeito 5	26	M	JP	60	100
Sujeito 6	33	M	JP	60	100
Sujeito 7	36	F	JP	60	100
Sujeito 8	35	F	JP	60	100
Sujeito 9	18	M	CG	58	96,66
Sujeito 10	17	M	CG	56	93,33
Sujeito 11	19	F	CG	60	100
Sujeito 12	19	F	CG	60	100
Sujeito 13	21	M	CG	60	100
Sujeito 14	21	M	CG	59	98,33
Sujeito 15	25	F	CG	60	100
Sujeito 16	23	F	CG	60	100

A variável complexidade do sinal foi avaliada em função de o sinal ser simples (em que foi usado apenas um sinal) ou composto (em que foram usados dois sinais combinados). Exemplos desses sinais estão expostos nas Figuras 9 e 10.

Figura 9 – Exemplo de sinal simples (sinal de “peixe”).

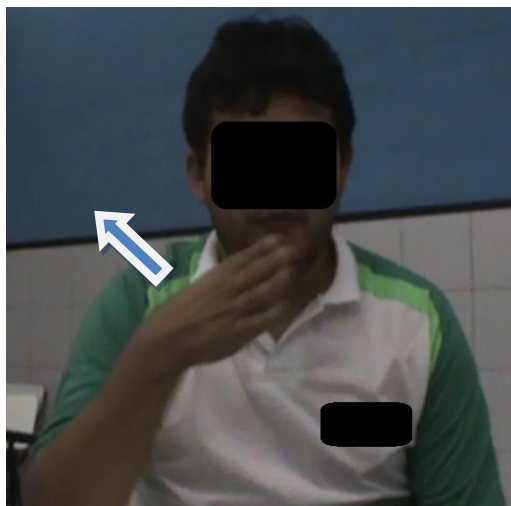
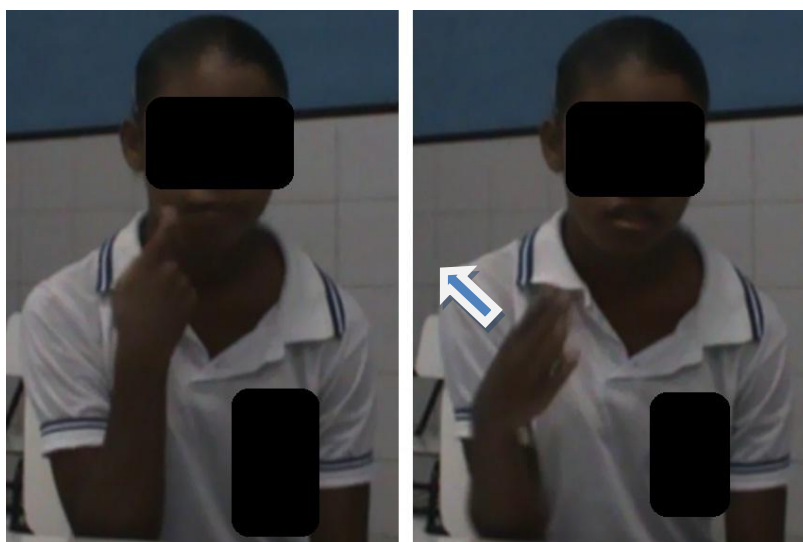


Figura 10 – Exemplo de sinal composto (sinal de “peixe”).



Na Figura 9, o participante realiza apenas um sinal, com a mão configurada em 🖐️ (dedos indicador, médio, anelar e mínimo estendidos e dedo polegar flexionado) com um movimento em direção ao corpo.

Já na Figura 10, a participante realiza dois sinais: inicialmente, com a mão configurada em 🖐️ na bochecha, próximo à boca com a palma da mão orientada para o corpo e, posteriormente, o mesmo sinal realizado pelo sujeito anterior.

A variável quantidade de mãos considerou o fato de o sujeito utilizar uma mão (sinal unimanual) ou as duas mãos (sinal bimanual) para a realização de um sinal. Exemplos desses sinais estão expostos nas Figuras 11 e 12.

Figura 11 – Exemplo de sinal unimanual (sinal de “chuva”).

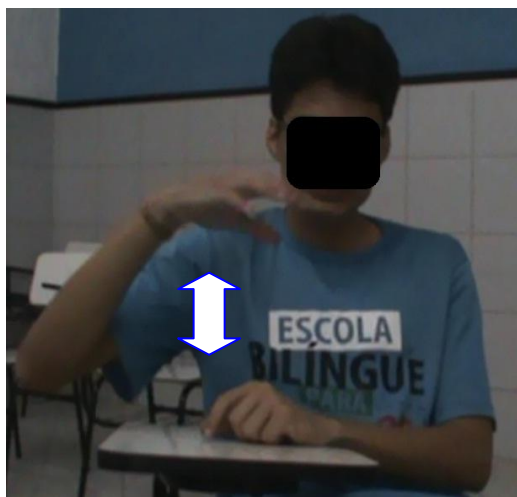
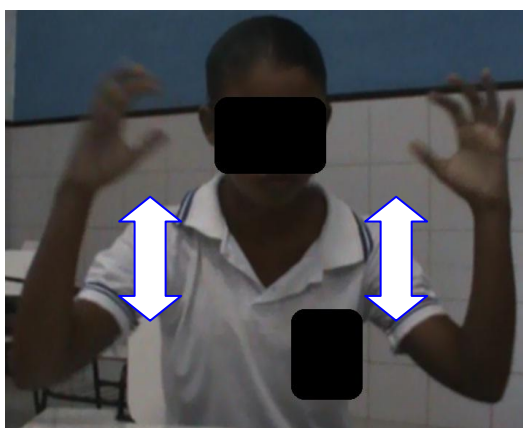


Figura 12 – Exemplo de sinal bimanual (sinal de “chuva”).



Nas Figuras 11 e 12, os sujeitos realizam o mesmo sinal (“chuva”), porém, o primeiro usa apenas uma das mãos e o segundo usa as duas mãos espelhadas. Nas duas situações, a(s) mão(s) é(são) configurada(s) em garra e realizam movimento de cima para baixo.

A variável localização foi avaliada em função de o sinal ser superior (realizado até a linha média do queixo) ou inferior (abaixo da linha média do queixo). Exemplos desses sinais estão expostos nas Figuras 13 e 14.

Figura 13 – Exemplo de sinal superior (sinal de “seis”).

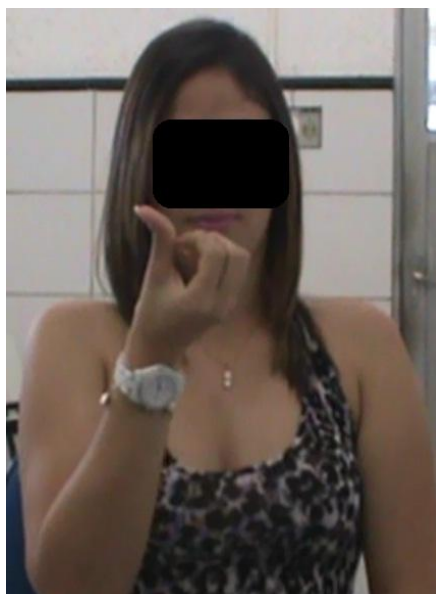


Figura 14 – Exemplo de sinal inferior (sinal de “seis”).



Na Figura 13, a participante realiza o sinal configurando a mão na altura da linha média do queixo, enquanto que, na Figura 14, o participante realiza o mesmo sinal na altura do busto.

4.1 Sexo

De forma geral, não foi verificada diferença estatisticamente significativa entre a variável sexo e as variáveis dependentes consideradas (Tabela 2). Assim sendo, na presente amostra, não se pode atribuir a variação fonológica ao sexo.

A análise em relação à complexidade do sinal revelou grande semelhança entre a produção de sinais pelos participantes do sexo masculino e feminino. Entre as 60 palavras apresentadas, os homens realizaram um mínimo de 46 e um máximo de 53 sinais simples, enquanto que as mulheres realizaram um mínimo de 44 e um máximo de 51 sinais simples. Os homens realizaram ainda, entre 7 e 13 sinais compostos, enquanto que as mulheres realizaram entre 8 e 16 sinais compostos.

As medianas dos dados mostram que as mulheres apresentam uso maior (49,5) de sinais simples do que os homens (48,5). A relação entre a variável complexidade do sinal e o sexo mostrou $p > ,05$ em todas as comparações realizadas. O sinal simples apresentou $p = ,851$ e o sinal composto, $p = ,365$ quando comparada a sua realização pelos sujeitos do sexo masculino e feminino (Tabela 2).

A realização dos sinais unimanuais também foi extremamente semelhante em função do sexo. Entre as 60 palavras apresentadas, tanto os homens quanto as mulheres realizaram um mínimo de 38 e um máximo de 42 sinais unimanuais. Os homens realizaram, de 17 a 20 sinais bimanuais, enquanto que as mulheres realizaram de 18 a 22 sinais bimanuais.

As medianas dos dados mostram que os dois grupos foram muito semelhantes em relação ao uso de sinais unimanuais (40,5 nos dois grupos) e bimanuais (19,0 nos dois grupos). Assim sendo, verificou-se que não houve diferença estatisticamente significativa entre a quantidade de mãos e o sexo, revelado através do $p > ,05$ em todas as comparações realizadas. O sinal unimanual apresentou $p = ,963$ e o sinal bimanual, $p = ,273$ na relação entre sexo masculino e feminino (Tabela 2).

A análise dos sinais, em relação à localização, revelou, da mesma forma, semelhança entre a produção dos sinais pelos sujeitos do sexo masculino e feminino. Dentre as 60 palavras apresentadas, os homens realizaram entre 22 e 35

sinais superiores, enquanto as mulheres realizaram entre 21 e 30 sinais superiores. Os homens realizaram, ainda, entre 25 e 37 sinais inferiores e as mulheres, 29 a 39 sinais inferiores.

As medianas dos dados mostram que mulheres apresentam uma discreta maior utilização de sinais inferiores (35,0) em relação aos homens (33,5), no entanto, não se pode atribuir tal realização apenas ao sexo, considerando que a relação entre a localização do sinal e o sexo mostrou $p > ,05$ em todas as comparações realizadas. O sinal superior apresentou $p = ,897$ e o sinal inferior, $p = ,453$, quando comparada a sua realização pelos sujeitos do sexo masculino e feminino (Tabela 2).

Tabela 2 – Relação entre sexo e variáveis dependentes de complexidade do sinal, quantidade de mãos e localização (João Pessoa e Campina Grande, 2012).

	Masculino	Feminino	P
	Mediana [Mínimo-Máximo]	Mediana [Mínimo-Máximo]	
Sinal simples	48,5 [46-53]	49,5 [44-51]	,851*
Sinal composto	10,0 [7-13]	9,5 [8-16]	,365*
Sinal unimanual	40,5 [38-42]	40,5 [38-42]	,963*
Sinal bimanual	19,0 [17-20]	19,0 [18-22]	,273*
Sinal superior	25,0 [22-35]	25,0 [21-30]	,897*
Sinal inferior	33,5 [25-37]	35,0 [29-39]	,453*

*Valor de p em Teste U de Mann-Whitney.

A variável sexo tem sido referida, pela maioria dos estudos como sendo a mais fraca entre as três variáveis independentes consideradas neste estudo, concordando com os dados deste estudo, em que não foi verificada qualquer diferença estatisticamente significativa nos grupos de variáveis linguísticas (complexidade do sinal, quantidade de mãos e localização do sinal). McKee, McKee e Major (2008) concordam que a variável sexo parece ser a menos determinante

entre as três variáveis independentes do seu estudo, concordando com os resultados da tese.

Segundo Schembri e Johnston (2013), não há, até o momento, estudos que mostrem sistematicidade de variação em relação ao sexo. Em nenhum dos estudos analisados, tal variável foi considerada a mais fortemente relacionada à variação linguística. Em relação à ASL, Lucas, Bayley e Valli (2001) e Lucas *et al.* (2002) observaram que as mulheres tendem a ser conservadoras e favorecedoras da forma canônica, enquanto os homens se mostram discretamente favorecedores da forma não-canônica.

Para Schembri *et al.* (2009) e Schembri e Johnston (2013), os dados relacionados à Auslan e NZSL sugerem que a mudança linguística é liderada pelas mulheres na Auslan. Na sua população, os homens se mostraram mais favorecedores da forma canônica do sinal (mais conservadores), apesar de não terem observado diferença estatisticamente significativa na realização dos sinais por homens e mulheres (SCHEMBRI; JOHNSTON, 2007).

O mesmo resultado foi verificado na presente pesquisa, em que não foi identificada, na amostra em questão, diferença entre os sinais produzidos por surdos do sexo masculino e feminino no que se refere à complexidade do sinal, quantidade de mãos utilizadas para a realização do sinal e localização do sinal.

4.2 Idade

A variável complexidade do sinal apresentou grande semelhança entre a produção de sinais pelos participantes com menos de 20 anos e com mais de 20 anos. Entre as 60 palavras apresentadas, os sujeitos com menos de 20 anos realizaram um mínimo de 44 e um máximo de 53 sinais simples, enquanto que os sujeitos com mais de 20 anos realizaram um mínimo de 47 e um máximo de 50 sinais simples. Os sujeitos com menos de 20 anos realizaram ainda, entre 7 e 16 sinais compostos, enquanto que os com idade superior a 20 anos realizaram entre 10 e 13 sinais compostos.

As medianas dos dados mostram que os sujeitos com menos de 20 anos apresentam uso pouco maior de sinais simples (49,5) do que os sujeitos com mais de 20 anos (48,5). A relação entre a complexidade do sinal e a idade também mostrou $p > ,05$ em todas as comparações realizadas. O sinal simples apresentou $p = ,513$ e o sinal composto, $p = ,101$ quando comparada a sua realização pelos sujeitos com menos de 20 anos e acima de 20 anos (Tabela 3).

A análise dos dados, em relação à quantidade de mãos, revelou diferença entre os dois grupos etários (menos de 20 anos e mais de 20 anos). Entre as 60 palavras apresentadas, os sujeitos com menos de 20 anos realizaram entre 38 e 41 sinais unimanuais, enquanto que os sujeitos com mais de 20 anos realizaram entre 40 e 42 sinais unimanuais. A diferença entre quantidade de sinais unimanuais realizados pelos dois grupos se mostrou grande, o que consequentemente, revelou diferença estatisticamente significativa ($p < ,05$).

Já os sinais bimanuais aconteceram em 17 a 22 sinais pelos sujeitos com menos de 20 anos e em 18 a 20 sinais pelos sujeitos com mais de 20 anos.

A mediana dos dados revelou que os surdos com idade superior a 20 anos utilizam mais sinais unimanuais (41,0) do que os surdos com idade inferior a 20 anos (40,0) com uma já referida diferença estatisticamente significativa ($p < ,05$). Já a utilização de sinais bimanuais não mostrou diferença estatisticamente significativa entre os surdos dos dois grupos etários ($p = ,381$) (Tabela 3).

A análise geral dos dados relacionados à localização e idade revelou grande semelhança entre a produção de sinais superiores e inferiores pelos sujeitos das duas faixas etárias analisadas. Os sujeitos com menos de 20 anos realizaram, entre as 60 palavras apresentadas, de 22 a 35 sinais superiores e os sujeitos com mais de 20 anos, de 21 a 30 sinais superiores. Os sujeitos com menos de 20 anos realizaram, ainda, de 25 a 38 sinais inferiores, enquanto que os sujeitos com mais de 20 anos, realizaram de 30 a 39 sinais inferiores.

As medianas dos dados mostram que os sujeitos com menos de 20 anos realizam mais sinais inferiores (34,5), em relação aos sujeitos com mais de 20 anos (34,0) e os sujeitos com mais de 20 anos realizam mais sinais superiores (26,0) em

relação aos mais jovens (24,5), no entanto, não se pode atribuir a localização do sinal apenas à variável idade, considerando o $p > ,05$ em todas as comparações realizadas. O sinal superior apresentou $p = ,857$ e o sinal inferior, $p = ,519$ quando comparada a sua realização pelos sujeitos com menos de 20 anos e acima de 20 anos (Tabela 3).

Tabela 3 – Relação entre idade e variáveis dependentes de complexidade do sinal, quantidade de mãos e localização (João Pessoa e Campina Grande, 2012).

	Abaixo de 20 anos	Acima de 20 anos	P
	Mediana [Mínimo-Máximo]	Mediana [Mínimo-Máximo]	
Sinal simples	49,5 [44-53]	48,5 [47-50]	,513*
Sinal composto	10,0 [7-16]	11,0 [10-13]	,101*
Sinal unimanual	40,0 [38-41]	41,0 [40-42]	< ,05*
Sinal bimanual	19,5 [17-22]	19,0 [18-20]	,381*
Sinal superior	24,5 [22-35]	26,0 [21-30]	,857*
Sinal inferior	34,5 [25-38]	34,0 [30-39]	,519*

*Valor de p em Teste U de Mann-Whitney.

Entre os principais resultados da tese, verificou-se que a idade se mostrou relacionada à variável quantidade de mãos: os sinais unimanuais foram mais utilizados pelos surdos com mais de 20 anos. Em todos os estudos sociolinguísticos, a idade vem sendo sistematicamente identificada como a variável que mais influencia a variação linguística, a maioria dos quais indicando a tendência a que os surdos mais jovens sejam inovadores, comandando o processo de variação. McKee e McKee (2011), em relação à NZSL, afirmam que os surdos mais jovens tendem a usar variantes “modernas” em relação aos surdos mais velhos. Esta tendência, no entanto, não foi identificada no presente estudo.

Há que se ressaltar, no entanto, que a faixa etária dos participantes da maioria dos estudos em geral é mais ampla do que a dos participantes deste trabalho. Acredita-se que, se analisada uma amostra de sujeitos com idade mais

avançada, a ocorrência de variação na LIBRAS poderá ser ainda maior do que a observada no momento, tendo em vista a possibilidade de maior ocorrência de variação entre os sujeitos jovens e os idosos, como afirmam vários estudos (WOODWARD; DESANTIS, 1977; JOHNSTON, 1989; SUTTON-SPENCE; WOLL; ALLSHOP, 1990; BAYLEY; LUCAS; ROSE, 2000; LUCAS *et al.*, 2001, 2002; BAYLEY; LUCAS; ROSE, 2002; SCHEMBRI; JOHNSTON, 2007; MCKEE; MCKEE; MAJOR, 2008, 2011; SCHEMBRI *et al.*, 2009; GERACI *et al.*, 2011; STAMP *et al.*, submetido). A dificuldade de encontrar sujeitos com maior idade impossibilita uma discussão mais ampla com a literatura, no entanto, tais achados da literatura serão descritos a fim de se verificar a relação da variação na LS com a idade.

Geraci *et al.* (2011) e Stamp *et al.* (submetido), em estudos sobre a variação sociolinguística no léxico da LIS e da BSL, respectivamente, verificaram que os surdos mais velhos tendem a usar mais variantes locais do que os surdos mais jovens, que tendem a usar mais variantes nacionais. De acordo com Geraci *et al.* (2011), há evidências de que os surdos, aos poucos, aumentam a escolha por sinais compartilhados pela comunidade nacional.

O fato de não haver, ainda, uma padronização nacional da LIBRAS, apesar das iniciativas em andamento, não permite concluir o uso de variantes nacionais ou regionais na população brasileira. Considerando o rápido avanço das pesquisas sobre a LIBRAS em nível nacional, acredita-se que em pouco tempo seja possível realizar inferências a esse respeito.

McKee, McKee e Major (2008, 2011) apresentam resultados de estudos de variação sociolinguística em numerais da NZSL e identificaram diferença entre a sinalização de sujeitos na faixa etária de 45 anos e de sujeitos na faixa etária de 65 anos. Os autores verificaram que sinalizadores mais velhos usam mais o movimento da boca como principal meio de referência em relação aos mais jovens.

Entre os voluntários participantes da presente pesquisa, alguns realizavam, simultaneamente ao sinal, a vocalização da palavra apresentada, muitas das vezes, de forma distorcida. Informalmente, os componentes da equipe escolar (professores, coordenadores ou intérpretes) relatavam que esses sujeitos haviam sido submetidos

a reabilitação em direção à oralidade e, mesmo que o tenham feito há muito tempo, permaneciam com resquícios de oralização que, no entanto, não eram utilizados para a comunicação interpessoal. Apenas uma surda da pesquisa, de 36 anos de idade, é bilíngue, tendo sido exposta à língua de sinais ainda na infância.

Sutton-Spence, Woll e Allshop (1990) identificaram que 80% dos surdos com idade igual ou superior a 45 anos usaram algum elemento do alfabeto manual na sua fala, enquanto apenas 40% dos surdos com menos de 45 anos o fizeram. Johnston (1989) e Schembri e Johnston (2007) afirmam que o uso do alfabeto manual é feito de forma mais costumeira pelos surdos mais velhos, especialmente acima de 50 anos. Pode-se hipotetizar que o fato de oralização ser o método de educação de surdos vigente desde 1880, quando aconteceu o Congresso de Milão, até a segunda metade do século XX, seja a razão pela qual os surdos mais velhos usam mais elementos do alfabeto manual do que os surdos mais jovens, que cresceram em um ambiente de língua de sinais e não de oralização.

Schembri *et al.* (2009), objetivando investigar a variação e mudança fonológica relacionada ao parâmetro localização na Auslan e NZSL, afirmam que a variável idade se mostrou a mais fortemente relacionada entre os fatores sociais relacionados à variação. Os autores categorizaram os sujeitos em menos de 51 anos e mais de 51 anos e referem que a variação observada em função da idade pode indicar uma mudança em progresso na Auslan. Em relação à LIBRAS, ainda são desconhecidos relatos deste processo, considerando que há pouco tempo começaram as iniciativas de registro dessa língua.

Bayley, Lucas e Rose (2002) verificaram que os surdos jovens (até 54 anos) tendem a desfavorecer a forma canônica do sinal, ou seja, inovar, enquanto os surdos mais velhos favoreceram-na, embora tal relação não tenha sido estatisticamente significativa. Lucas *et al.* (2002) concluíram, na mesma direção, que surdos mais jovens tendem a desfavorecer a forma canônica do sinal. Já Bayley, Lucas e Rose (2000) e Lucas *et al.* (2001) observaram que as variáveis idade e região não necessariamente interferem isoladamente para a escolha da variante,

mas também interagem entre si. A falta de uma padronização da LIBRAS, mais uma vez, impede a realização de inferências acerca da inovação/estabilização do sinal.

Woodward e DeSantis (1977) identificaram que a idade é um fator interveniente na escolha de sinais uni ou bimanuais. Segundo os autores, os surdos mais velhos tendem a usar mais sinais bimanuais em relação aos mais jovens, que tendem a usar mais sinais unimanuais.

Nos resultados da presente tese, percebeu-se diferença estatisticamente significativa entre o uso de sinais uni e bimanuais em relação à idade, no entanto, a tendência foi oposta à identificada por Woodward e DeSantis (1977), tendo em vista que os surdos de maior idade (acima de 20 anos) demonstraram usar mais sinais unimanuais do que os mais jovens (abaixo de 20 anos).

No entanto, há que se considerar que a faixa etária considerada aqui é mais restrita do que a dos demais estudos. Esta é uma razão para que os “mais velhos” sejam inovadores, já que estes aqui considerados “mais velhos”, em geral, fazem parte dos “mais jovens” das outras pesquisas, que envolvem amostragem mais ampla no que se refere à idade. Assim, é necessário um aprofundamento dos estudos da LIBRAS com surdos de faixa etária superior para que se possa vislumbrar um panorama mais preciso sobre a relação entre quantidade de mãos e idade.

O tempo de utilização da LIBRAS pelos sujeitos é um dado compatível com o momento histórico de transição no Brasil, de uma educação oralista para uma educação calcada em bases naturais para o surdo, em que era estimulado o uso da LIBRAS para o desenvolvimento cognitivo e afetivo-emocional dos sujeitos.

Os participantes do grupo etário mais avançado (mais de 20 anos) apresentaram média de idade superior a 27 anos, o que indica que nasceram nas décadas de 1970 e 1980, quando os primeiros estudos sobre língua de sinais se iniciaram e a educação dos surdos ainda era feita em bases oralistas. Comparando-se este dado à média de tempo de uso da LIBRAS por estes sujeitos (16 anos de uso), percebe-se que a idade média dos sujeitos quando foram apresentados à LIBRAS foi próxima de 11 anos de idade.

Já os sujeitos com menos de 20 anos apresentaram média de idade de 17 anos, sendo, necessariamente, nascidos na década de 1990, quando a LIBRAS já estava em um processo contínuo de crescimento, incluindo as ações de (re)habilitação, como na Fonoaudiologia, área então tradicionalmente oralista. Comparando-se este dado à média de tempo de uso da LIBRAS pelos sujeitos (11 anos de uso), percebe-se que estes surdos foram iniciados na LIBRAS com uma idade em torno de 6 anos.

4.3 Região

Em relação à variável complexidade do sinal, percebeu-se também grande semelhança entre os sinais realizados pelos participantes de João Pessoa e de Campina Grande. Entre as 60 palavras apresentadas, os sujeitos de João Pessoa realizaram um mínimo de 47 e um máximo de 53 sinais simples, enquanto que os sujeitos de Campina Grande realizaram um mínimo de 44 e um máximo de 50 sinais simples. Os sujeitos de João Pessoa realizaram ainda, entre 7 e 13 sinais compostos, enquanto que os com idade superior a 20 anos realizaram entre 10 e 16 sinais compostos.

As medianas dos dados mostram uma realização pouco maior de sinais simples (49,5) pelos sujeitos de João Pessoa em relação aos de Campina Grande (48,5). A relação entre a complexidade do sinal e a região onde vive o surdo mostrou $p > ,05$ em todas as comparações realizadas. O sinal simples apresentou $p = ,370$ e o sinal composto, $p = ,817$ quando comparada a sua realização pelos sujeitos de João Pessoa e de Campina Grande (Tabela 4).

A análise dos dados, em relação à quantidade de mãos, revelou pequena diferença intergrupar em relação à região. Entre as 60 palavras apresentadas, os sujeitos de João Pessoa realizaram entre 39 e 41 sinais unimanuais, enquanto que os sujeitos de Campina Grande realizaram entre 38 e 42 sinais unimanuais. Já os sinais bimanuais foram realizados em 19 a 21 sinais pelos sujeitos de João Pessoa e em 17 a 22 sinais pelos sujeitos de Campina Grande.

As medianas dos dados mostram uma ligeira tendência ao surdo de João Pessoa (19,0) usar mais sinais bimanuais do que o surdo de Campina Grande (18,5), apesar da diferença não-significante ($p = ,179$). Já os sinais unimanuais, segundo o teste estatístico empregado, apresentaram grande semelhança entre surdos das duas cidades (40,5 nos dois grupos), revelando um $p = ,986$ (Tabela 4).

Em relação à localização, percebeu-se grande diferença intergrupar dos dados relacionados aos sujeitos de João Pessoa e Campina Grande. Entre as 60 palavras apresentadas, os surdos de João Pessoa realizaram entre 23 e 35 sinais superiores e os de Campina Grande realizaram entre 21 e 28 sinais superiores. Além disso, os surdos de João Pessoa realizaram de 25 a 37 sinais inferiores e os surdos de Campina Grande realizaram de 32 a 39 sinais inferiores.

A análise da localização dos sinais dos sujeitos deste estudo permitiu a constatação de que há diferença estatisticamente significativa entre a realização dos sinais superiores e inferiores pelos surdos de João Pessoa e Campina Grande.

As medianas dos dados mostram uma relação direta entre essas duas variáveis: os surdos de João Pessoa realizam mais sinais superiores (28,5) do que os surdos de Campina Grande (23,0) ($p < ,05$) e os surdos de Campina Grande realizam mais sinais inferiores (35,5) do que os surdos de João Pessoa (31,5) ($p < ,05$) (Tabela 4).

Tabela 4 – Relação entre região e variáveis dependentes de complexidade do sinal, quantidade de mãos e localização (João Pessoa e Campina Grande, 2012).

	João Pessoa	Campina Grande	P
	Mediana [Mínimo-Máximo]	Mediana [Mínimo-Máximo]	
Sinal simples	49,5 [47-53]	48,5 [44-50]	,370
Sinal composto	10,5 [7-13]	10,0 [10-16]	,817
Sinal unimanual	40,5 [39-41]	40,5 [38-42]	,986
Sinal bimanual	19,0 [19-21]	18,5 [17-22]	,179
Sinal superior	28,5 [23-35]	23,0 [21-28]	< ,05
Sinal inferior	31,5 [25-37]	35,5 [32-39]	< ,05

*Valor de p em Teste U de Mann-Whitney.

A variável região tem sido referida pelos estudiosos da área como sendo influenciadora da escolha da variante linguística e, com isso, importante para o estudo da variação linguística (WOODWARD; ERTING; OLIVER, 1976; WOODWARD; DESANTIS, 1977; BAYLEY; LUCAS; ROSE, 2000, 2002; LUCAS *et al.*, 2002; MCKEE; MCKEE; MAJOR, 2008, 2011; SCHEMBRI; JOHNSTON, 2007; SCHEMBRI *et al.*, 2009; MCKEE; MCKEE, 2011; GERACI *et al.*, 2011; FENLON *et al.*, 2013).

Apesar de essa variável ser referida como mais fraca do que a variável idade, na presente pesquisa, a região foi uma variável mais forte, discordando dos estudos citados anteriormente, considerando que a localização do sinal apresentou diferença estatisticamente significativa em relação às regiões estudadas: a localização superior é mais realizada pelos surdos de João Pessoa e a localização inferior é mais realizada pelos surdos de Campina Grande.

Com o objetivo de estudar a variação fonológica em relação à configuração de mão em “1”, Bayley, Lucas e Rose (2002) afirmam que a região constituiu o principal fator interferente na escolha da variante. Segundo o estudo, sinalizadores da Califórnia, Kansas/Missouri, Louisiana e Massachusetts tendem a favorecer a forma canônica, enquanto os sinalizadores de Maryland, Virgínia e do estado de

Washington tendem a desfavorecer a forma canônica. Lucas, Bayley e Rose (2002), ainda em relação à ASL, afirmam que sujeitos de áreas rurais, tendem a favorecer a forma canônica do sinal, em relação aos sujeitos de áreas urbanas.

McKee, McKee e Major (2008) referem que a região foi o segundo fator mais importante em pesquisa sobre a variação sociolinguística da NZSL. Os autores afirmam que os sinalizadores do norte de Nova Zelândia tendem, ligeiramente, a preferir formas não-canônicas em relação aos sinalizadores do centro e do sul do país. Da mesma forma, foi o segundo fator mais forte na Auslan, segundo Schembri *et al.* (2009), que verificaram que os surdos de Adelaide, Brisbane e Perth (AUS) favorecem a forma canônica dos sinais, enquanto os sinalizadores de Sydney e Melbourne desfavorecem-na. Ainda em relação à Auslan, Schembri e Johnston (2007) afirmam que os sujeitos de Adelaide e Sydney desfavorecem o uso do alfabeto manual, enquanto os sujeitos de Perth, Brisbane e Melbourne favorecem-no.

Outras pesquisas referem apenas a diferença entre os sinais realizados em diferentes partes do país, como Sutton-Spence, Woll e Allshop (1990), que referem que os sinalizadores de Manchester (UK) usam um sistema de sinais para números diferente do utilizado em outras partes do Reino Unido, e Kennedy *et al.* (1997), que identificaram variação associada aos três locais com maior concentração de surdos na Nova Zelândia: norte (Auckland), centro (Wellington) e sul do país (Christchurch). McKee e McKee (2011), também em relação à NZSL, observaram que os sujeitos do norte do país tendem a favorecer a inovação na língua. Nenhum dos estudos, no entanto, justifica o fato.

Na LIS, Geraci *et al.* (2011) referem que sinalizadores do centro da Itália, em cidades como Roma e Florença, tendem a favorecer mais a forma canônica do que os sinalizadores do norte (Bolonha, Brescia, Milão e Turim) e do sul (Bari, Catanzaro e Salerno) do país. A presente tese, por apresentar dados regionais, não permite inferências sobre as diversas regiões do Brasil.

Já na BSL, de acordo com Fenlon *et al.* (2013), os sujeitos da cidade de Cardiff foram os que mais favoreceram a variação na configuração da mão, seguidos

pelos sujeitos de Belfast e Bristol. Já os sujeitos de Manchester e Birmingham foram os que mais desfavoreceram a variação e, numa posição intermediária, encontraram-se os sujeitos de Glasgow e Londres. Stamp *et al.* (submetido), também em relação à BSL, referem, da mesma forma, a existência de diferentes sinais realizados por surdos de diferentes regiões.

De forma diferente aos achados acima, a presente tese foi realizada apenas em uma região do Brasil, o que não permite a conclusão acerca da variação entre os diversos lugares do país. Percebe-se, no entanto, que não há um padrão (relacionado à região) referido pela literatura como sendo favorecedor da variação linguística.

No presente estudo, verificou-se que os surdos de João Pessoa tendem a usar mais sinais superiores (acima da linha média do queixo), enquanto os surdos de Campina Grande tendem a usar mais sinais inferiores (abaixo da linha média do queixo), o que se mostra uma importante informação que servirá como o início dos estudos sobre a variação da LIBRAS na Paraíba.

Segundo Karnopp (1994), em pesquisa acerca da aquisição da LIBRAS, o parâmetro que mais sofre variação no período de aquisição é a configuração de mão. Na presente pesquisa, observou-se que a configuração de mão é o parâmetro que mais sofreu variação.

Também em relação ao processo aquisicional da língua de sinais, de acordo com Siedlecki Jr e Bonvillian (1993), o movimento é o parâmetro mais rapidamente adquirido pela criança e que menos sofre variação. Os resultados da presente pesquisa mostram que o movimento foi o parâmetro que menos variou, na amostra estudada.

De forma geral, foi verificada significância estatística para a relação entre duas variáveis dependentes e duas variáveis independentes (quantidade de mãos x idade, localização do sinal x região). Percebeu-se, que os surdos com mais de 20 anos tendem a usar mais sinais unimanuais do que os surdos com menos de 20 anos e que os surdos de João Pessoa tendem a realizar mais sinais superiores (até a linha média do queixo) do que os surdos de Campina Grande.

Woodward e DeSantis (1977) atestam a tendência a que os sinais bimanuais realizados na face se transformem em sinais unimanuais, pelo fato de que os sinais realizados superiormente precisam de menos informação para serem percebidos, já que a região é de mais fácil visualização.

Há que se destacar, no entanto, que, como já mencionado, na amostra estudada, os surdos considerados mais velhos são adultos jovens e são classificados, na maior parte das pesquisas sociolinguísticas, como surdos jovens. Assim, pode-se hipotetizar que a mudança, em relação à idade, está sendo liderada pelos adultos jovens.

Na presente pesquisa, os surdos com idade superior a 20 anos tenderam a utilizar mais sinais unimanuais, além do que os surdos de João Pessoa utilizam mais sinais superiores do que os surdos de Campina Grande. Assim sendo, pode-se levantar a possibilidade de que os surdos jovens e os surdos da capital estão comandando o processo de variação linguística na LIBRAS realizada no estado da Paraíba.

Lucas, Bayley e Valli (2001) pontuam que os estudos sobre a linguística das línguas de sinais contribuem para a participação social e exercício da cidadania das pessoas surdas por todo o mundo. É fato que ainda há muito que ser feito em relação à sociolinguística das LS. Até o momento, há poucas certezas sobre os determinantes da variação nessas línguas.

Os grandes estudos sociolinguísticos da ASL, Auslan e NZSL mapearam a realização das LS em boa parte das diferentes regiões dos seus países, mas ainda é muito pouco frente ao já alcançado desenvolvimento dos estudos sociolinguísticos das línguas orais. Se considerada a realidade brasileira, a situação é ainda mais crítica, diante da escassa produção científica na área. Dentre os poucos estudos, podem ser destacados: Xavier (2010), sobre variação fonológica relacionada à alternância no número de articuladores manuais envolvidos na produção dos sinais; Castro Júnior (2011), sobre variação lexical e Delgado (2012) sobre variação estilística.

É importante considerar que a faixa etária considerada neste estudo foi inferior à dos grandes estudos sociolinguísticos da língua de sinais, especialmente, ASL, BSL, Auslan e NZSL, tendo em vista que, no Brasil, o oralismo ainda perdurou até a década de 1980 e, dessa forma, poucos surdos de mais idade tiveram acesso à LIBRAS. O sujeito mais velho participante do estudo, por exemplo, tem 36 anos de idade. Assim sendo, é muito pequena a população de maior idade que utiliza a LIBRAS, o que dificulta a realização de um estudo de acordo com a estratificação social pretendida.

Nos estudos sociolinguísticos da ASL, BSL, Auslan e NZSL, mencionados acima, é comum a inclusão de surdos com idade superior a 70 anos, o que ainda é difícil de ser observado no Brasil.

Duas variáveis eventualmente verificadas nos estudos sociolinguísticos, sejam de línguas orais ou de línguas de sinais, são o grau de instrução e a raça. Estas variáveis são difíceis de ser utilizadas nos estudos sociolinguísticos em LIBRAS, tendo em vista que, no Brasil, a miscigenação intensa impede a diferenciação entre as diversas raças e, há até pouco tempo, os surdos tinham um difícil acesso à universidade.

Schembri *et al.* (2009) alegam a mesma dificuldade em relação à variável grau de instrução nos estudos sobre a Auslan e a NZSL. Os autores afirmam que a existência de instituições universitárias como a Gallaudet University, uma instituição de referência mundial para educação de surdos nos Estados Unidos⁴¹, fez com que os surdos americanos tenham tido acesso à formação universitária há um tempo maior do que os surdos australianos e neozelandeses.

Há poucos anos, os surdos brasileiros obtiveram uma grande vitória educacional ao ser criado o curso de Licenciatura em Letras/LIBRAS. O curso, iniciado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2006, foi rapidamente disseminado para vários estados brasileiros (QUADROS; STUMPF, 2009). Dessa forma, atualmente, os surdos tem acesso a um curso que lhes

⁴¹ A Gallaudet University é uma instituição cuja língua é a ASL e oferece ensino de graduação e pós-graduação (incluindo doutorado) para surdos e para ouvintes. Alunos ouvintes só são aceitos com conhecimento dessa língua.

interessa diretamente, por ter como foco a sua língua natural e cujo aprofundamento lhes facilitará a entrada no mercado de trabalho como professor de LIBRAS, uma disciplina obrigatória por lei a todos os cursos universitários de licenciatura, além dos cursos de Fonoaudiologia e de Educação Especial. Atualmente, há cursos de Licenciatura em Letras/LIBRAS nas modalidades presencial e à distância e acredita-se que esta é uma instância de padronização da LIBRAS em nível nacional.

Acredita-se que, nos próximos anos, com a conclusão do curso de Letras/LIBRAS por vários surdos, seja possível a inclusão dessa variável nos estudos sociolinguísticos. Além disso, o Prolibras, um exame de proficiência em LIBRAS que certifica anualmente docentes, tradutores e intérpretes, tem aumentado o rigor em função da capacitação do profissional para a ministração de aulas e interpretação de LIBRAS, o que, provavelmente, trará benefícios em um futuro próximo em termos de melhora no ensino e comunicação dos surdos. O Prolibras, por ser um exame realizado em nível nacional, pode ser considerado uma outra instância de unidade da LIBRAS.

O Brasil viveu sob forte domínio do oralismo até a década de 1980 e, até hoje, essa é uma filosofia muito presente na educação dos surdos brasileiros. Relatos informais de pessoas que convivem intensamente com surdos, especialmente intérpretes de línguas de sinais, sinalizam para o uso intenso de gestos (e não LIBRAS) por parte da população surda com mais de 40 anos.

Dessa forma, não são numerosos os surdos com mais de 40 anos que possuem domínio da LIBRAS, pelo fato de terem crescido em um momento histórico de dominação oralista. Desde a década de 1990, o bilinguismo tem ganhado espaço no contexto da educação de surdos, o que faz com que tenhamos, no momento, muitos surdos usuários fluentes da LIBRAS na faixa etária dos 20 e dos 30 anos.

Ainda há que se considerar alguns aspectos sociais dos surdos no Brasil. Um deles é o fato de que a grande maioria das crianças surdas nasce em famílias de ouvintes, não tendo a LIBRAS como L1. Ainda nos dias atuais, muitas crianças surdas não possuem o diagnóstico precoce da surdez, de forma que não recebem a

atenção devida da equipe escolar e não são introduzidas em um ambiente bilíngue para que possam adquirir a língua de sinais com naturalidade.

Esse foi mais um dificultador da seleção dos participantes do estudo, pois nem todos os sujeitos são considerados bons conhecedores da LIBRAS pela equipe escolar (provavelmente pela demora na inserção em ambiente bilíngue e, consequentemente, demora em desenvolver a língua de sinais).

Além disso, poucos foram os sujeitos com mais de 30 anos encontrados nas instituições onde a pesquisa foi realizada. Quando considerada a necessidade de estratificação social, percebe-se a grande dificuldade de composição de amostra nesta faixa etária.

É importante destacar que as duas instituições que serviram de base para a presente pesquisa são consideradas referência na atuação com surdos em nível estadual. No entanto, a presença de uma representação local do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) na região, poderia contribuir ainda mais para a disseminação da LIBRAS (maior quantidade de surdos usuários, com maior conhecimento e apropriação da língua).

O presente estudo se propôs a estudar algo inédito: as variações da LS realizadas dentro do estado da Paraíba. Em nível regional, pode ser destacado o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (CAVALCANTE *et al.*, não publicado), realizado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), com o propósito de descrever a variação da LIBRAS realizada nos estados da Paraíba e Pernambuco. Em nível nacional, são raras as iniciativas sobre o assunto, o que pode ser comprovado pela escassa bibliografia publicada por brasileiros, em português ou inglês.

Se considerada, ainda, a especificidade do foco do trabalho em variação fonológica, pode-se afirmar, sem dúvida, que este é um dos primeiros trabalhos desenvolvidos em âmbito nacional. Acreditamos que essa é apenas a ponta de um *iceberg*, com inúmeras questões ainda a serem desveladas e que, certamente,

contribuirão para a compreensão da LIBRAS em nível paraibano e brasileiro e para a sua consolidação enquanto língua natural dos surdos.

5 CONCLUSÕES

A valorização ou discriminação de uma variante inovadora é fortemente condicionada pelos próprios contextos estruturais de variação (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968[2006]).

A primeira conclusão a que este estudo chegou é a de que existe variação sociolinguística em todos os níveis fonológicos verificados (configuração de mão, localização, movimento e orientação da palma da mão) e em algumas das variáveis investigadas (complexidade do sinal e quantidade de mãos utilizadas para a língua de sinais) da LIBRAS utilizada na Paraíba.

De forma geral, os resultados deste estudo corroboram a literatura no sentido de identificar variação relacionada à região onde mora o surdo (o fator social mais forte na amostra do estudo) e à idade. O mesmo não aconteceu em relação à variável sexo, também confirmando os achados da literatura.

A idade mostrou-se relacionada à quantidade de mãos utilizadas para a execução do sinal, assim como a região apresentou relação com a localização do sinal. Percebeu-se que os surdos com mais de 20 anos tendem a usar mais sinais unimanuais do que os surdos com menos de 20 anos e que os surdos de João Pessoa tendem a realizar mais sinais superiores (até a linha média do queixo) do que os surdos de Campina Grande. Considerando a tendência a que os sinais se tornem, com o passar do tempo, unimanuais, pode-se afirmar que os surdos com idade superior a 20 anos estão comandando a variação linguística da LIBRAS utilizada na Paraíba.

Assim, podem-se confirmar as hipóteses previamente determinadas de que (a) a LIBRAS varia em função da mesorregião em que estes surdos residem e à idade e (b) os parâmetros fonológicos da LIBRAS sofrem variação tendo em vista que o seu sistema linguístico está submetido ao princípio da facilidade articulatória, em termos de economia gestual, a exemplo do que acontece com as línguas orais em relação ao sistema fonológico.

Não se pode esquecer, ainda, da existência de fatores linguísticos que motivem a variação na LIBRAS, tal qual as línguas orais, fenômeno não investigado no presente estudo.

O fato de a língua de sinais ser ágrafa, apesar dos esforços para que o *sign writing* seja amplamente utilizado pelos surdos, pode sugerir a razão para que a mudança linguística da LS seja, talvez, mais ampla e rápida do que das línguas orais que possuem escrita. Além disso, a criação de sinais pelos próprios surdos acontece de forma mais ampla do que a criação dos neologismos nas línguas orais.

Não se espera que, com este estudo, os sinais de uma das duas cidades em questão definam a língua de sinais-padrão dos surdos da Paraíba, tendo em vista que as diferenças observadas levam em conta a cultura dos surdos e da região a que pertencem. A Sociolinguística Variacionista considera e valoriza as diferenças dialetais e, além disso, ao utilizar um dialeto em detrimento de outro(s) por questões culturais, os usuários deste(s) outro(s) dialeto(s) podem recusar tal imposição. Este é um dos motivos pelos quais algumas comunidades de surdos rejeitam dicionários de línguas de sinais, pois a sua variante não é incluída e valorizada.

Os resultados aqui expostos promovem evidência adicional de que a variação linguística é característica de todas as línguas naturais, independentemente da modalidade em que é expressa. Além disso, assim como nas línguas orais, a variação das línguas de sinais se mostra não-aleatória, mas condicionada por fatores sociais.

Este é um estudo pioneiro no Brasil, considerando que não são conhecidas as publicações envolvendo estas variáveis em âmbito nacional, e seu objetivo é iniciar as questões acerca da variação da LIBRAS. Dessa forma, ainda há muito a ser aprofundado em relação a questões fonológicas, além das morfológicas, sintáticas e pragmáticas dessa língua. Além disso, muitas das questões discutidas são, possivelmente, explicáveis considerando-se a história dos surdos e, particularmente, o papel das línguas de sinais na educação de surdos.

A partir da realização deste trabalho, considerando a especificidade do objeto de estudo e a necessidade de se aprofundar os estudos sobre a estrutura da

LIBRAS e a sua variação, seguem algumas sugestões de investigações futuras que, certamente, ajudarão a caracterizar a LIBRAS utilizada no Brasil:

- 1) Realização de um trabalho na linha da Linguística Histórica em que se investigue a realização dos sinais pelos surdos mais velhos para compreender as mudanças que a LIBRAS realizada na Paraíba vem sofrendo;
- 2) Desenvolvimento de um método de coleta de dados totalmente em LIBRAS para que se atenue a interferência do conhecimento da língua portuguesa para a aquisição de dados de LIBRAS;
- 3) Investigação acerca da influência das variáveis linguísticas (como função gramatical, contexto anterior e contexto seguinte) na variação da LIBRAS, assunto em que já há publicações brasileiras;
- 4) Estudo da variação linguística da LIBRAS em nível nacional, considerando que não há, até o momento, uma clara imagem da geografia dialetal dessa língua ou as variáveis linguísticas que os sinalizadores percebem como socialmente salientes, em nível fonológico, morfológico, sintático e lexical. Para responder a estas questões, sugere-se atentar para uma adequada quantidade de participantes das diversas regiões do país, maior amplitude de faixa etária (inclusão de surdos idosos, por exemplo) e outras questões sócio-demográficas de interesse (nível de escolaridade, idade em que foi exposto à LIBRAS e *background* linguístico, por exemplo).
- 5) Aprofundamento dos estudos dos processos fonológicos ocorrentes na LIBRAS, como assimilação, metátese, epêntese e apagamento, alguns assuntos dos quais também já há publicações brasileiras.
- 6) Aprofundamento do estudo da variação estilística da LIBRAS, em que também já há publicações brasileiras.

6 REFERÊNCIAS

ALDERSSON, R.R.; MCENTEE-ATALIANIS, L.J. A lexical comparison of signs from Icelandic and Danish sign languages. **Sign Language Studies**, Washington, v. 9, n. 1, p. 45-87, fall. 2008.

AL-FITYANI, K.; PADDEN, C. A lexical comparison of sign languages in the arab world. *In*: QUADROS, R.M. (Org.) **9th Theoretical Issues in Sign Language Research – TISLR9**. Petrópolis: Arara Azul, 2008. p. 2-14.

ANDRADE, W.T.L. Cognição e surdez na educação: a língua em questão. **Revista Virtual de Cultura Surda e Diversidade**, v. 6, 2010.

ANN, J. **Frequency of occurrence and ease of articulation in sign language handshapes: the Taiwanese example**. Washington: Gallaudet University Press, 2006.

_____. Influences on phonological processing in Taiwan sign Language. *In*: VAN DER HULST, H.; CHANNON, R. **The phonetics and phonology of sign languages: first SignTyp Conference**. Storrs: University of Connecticut, 2008. p. 4.

APURADO, Y.S.; AGRAVANTE, R.L. The phonology and regional variation of Filipino Sign Language: considerations for language policy. **9th Phillippine Linguistics Congress**, University of the Phillippines, 2006.

ARAMBURO, A.J. Sociolinguistic aspects of the black deaf community. *In*: LUCAS, C. (Ed.). **The sociolinguistics of the deaf community**. San Diego: Academic Press, 1989. p. 103-19.

ARAÚJO, A.D.S. **As expressões e as marcas não manuais na língua de sinais brasileira**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

ARMSTRONG, D.F. The gestural theory of language origins. **Sign Language Studies**, Washington, v. 8, n. 3, p. 289-314, spr. 2008.

_____; KARCHMER, M.A. William C. Stokoe and the study of signed languages. **Sign Language Studies**, Washington, v. 9, n. 4, p. 389-397, sum. 2009.

BAKER, C.; PADDEN, C. **American Sign Language: a look at its history, structure and community**. 20. ed. Carrollton: T.J. Publishers, 2005.

BATTISON, R. Phonological deletion in American Sign Language. **Sign Language Studies**, Washington, n. 5, p. 1-19, 1974.

_____. **Lexical borrowing in American Sign Language.** Silver Springs: Linstok, 1978.

_____. Signs have parts: a simple idea. *In*: BAKER, C.; BATTISON, R. (Ed.). **Sign language and the deaf community: essays in honor of William C. Stokoe.** Washington: National Association of the Deaf, 1980. p. 35-51.

_____; MARKOWICZ, H.; WOODWARD, J.C. A good rule of thumb: variable phonology in American Sign Language. *In*: FASOLD, R.W.; SHUY, R. (Ed.). **Analyzing variation in language.** Washington D.C.: Georgetown University Press, 1975. p. 391-402.

BAYLEY, R.; LUCAS, C.; ROSE, M. Variation in American Sign Language: the case of DEAF. **Journal of Sociolinguistics**, v. 4, n. 1, p. 81-107, 2000.

_____; _____. Phonological variation in American Sign Language. **Language Variation and Change**, v. 14, p. 19-53, 2002.

BELLUGI, U.; SIPLE, P. Remembering in signs. **Cognition**, v. 3, p. 83-125, 1975.

_____; KLIMA, E. Two faces of sign: iconic and abstract. *In*: HARNAD, S.; STEKLIS, H.; LANCASTER, J. (Ed.). **Origins and evolution of language and speech.** New York: New York Academy of Sciences, 1976. p. 514-38.

BERGMAN, B.; ENGBERG-PEDERSEN, E. Transmission of sign languages in the Nordic countries. *In*: BRENTARI, D. (Ed.). **Sign languages.** Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 74-94.

BONVILLIAN, J.D.; RICHARDS, H.C.; DOOLEY, T.T. Early sign language acquisition and the development of hand preference in young children. **Brain and language**, New York, v. 58, p. 1-22, 1997.

_____; SIEDLECKI JR, T. Young children's acquisition of the formational aspects of American Sign Language: parental report findings. **Sign Language Studies**, Washington, n. 1, v. 1, p. 45-64, fall. 2000.

BOYES-BRAEM, P.; RATHMANN, C. Transmission of sign languages in Northern Europe. *In*: BRENTARI, D. (Ed.). **Sign languages.** Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 19-45.

BRENNAN, M. Making borrowing work in British Sign Language. *In*: BRENTARI, D. (Ed.). **Foreign vocabulary in sign language: a cross-linguistic of word formation.** Mahwah: Erlbaum, 2001. p. 49-85.

BRENTARI, D. Sign language phonology: ASL. *In*: GOLDSMITH, J.A. (Ed.). **The handbook of phonological theory.** Cambridge: Blackwell, 1995. p. 615-39.

_____. Modality differences in sign language phonology and morphophonemics. *In*: MEIER, R.P.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. **Modality and structure in signed and spoken languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

_____; ECCARIUS, P. A formal analysis of phonological contrast in sign language handshapes. **Sign Language and Linguistics**, Amsterdam, v. 13, n. 2, p. 156-181, 2010.

BURNIER, V.P.P. The history of the sign language of Brazil. *In*: HOEMANN, H. **The sign language of Brazil**. New York: Mill Neck Foundation, 1981. p. 21-3.

CAPOVILLA, F.C.; RAPHAEL, W.D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira**. São Paulo: Edusp, 2001.

CASTRO JÚNIOR, G. **Variação linguística em Língua de Sinais Brasileira: foco no léxico**. 2011. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

CAVALCANTE, M.C.B. *et al.* **Estudos preliminares para o Inventário Nacional da Diversidade Linguística**. João Pessoa/Recife: IPHAN, não publicado.

CHEN, Y.; TAI, J.H-Y. Lexical variation and change in Taiwan Sign Language. *In*: TAI, J.H-Y.; TSAY, J. (Ed.). **Taiwan Sign Language and beyond**. Taiwan: The Taiwan Institute for the Humanities/National Chung Cheng University, 2009. p. 131-147.

CHOMSKY, N. **Cartesian Linguistics**. New York: Harper & Row, 1966.

CORMIER, K.; SCHEMBRI, A.; TYRONE, M.E. One hand or two?: nativisation of fingerspelling in ASL and BANZSL. **Sign Language & Linguistics**, v. 11, n. 1, p. 3-44, 2008.

_____. *et al.* From corpus to lexical database to online dictionary: issues in annotation of the BSL corpus and the development of BSL SignBank. *In*: CRASBORN, O. *et al.* (Ed.). **5th Workshop on the Representation of Sign Languages: Interactions between Corpus and Lexicon**. Paris: ELRA, 2012, p. 7-12.

COULTER, G.R.; ANDERSON, S.R. Introduction. *In*: COULTER, G.R. (Ed.). **Phonetics and Phonology: current issues in ASL phonology**. Vol. 3. San Diego: Academic Press, 1993. p. 1-17.

CRASBORN, O. The resting hand. *In*: VAN DER HULST, H.; CHANNON, R. **The phonetics and phonology of sign languages: first SignTyp Conference**. Storrs: University of Connecticut, 2008. p. 12-3.

CRUZ, C.R.; LAMPRECHT, R.R. Proposta de instrumento de avaliação da consciência fonológica, parâmetro configuração de mão, para crianças surdas utentes da Língua Brasileira de Sinais, **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 43, n. 3, p. 98-106, jul/set. 2008.

CURRIE, A., MEIER, R.; WALTERS, K. A crosslinguistic examination of the lexicons of four signed languages. *In*: MEIER, R; CORMIER, K.; QUINTO-POZO, D. (Org.) **Modality and structure in signed and spoken language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002. p. 224-36.

DELGADO, I.C. **Uma análise estilística da Língua Brasileira de Sinais**: variações de seu uso no processo interativo. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

DORIA FILHO, U. **Introdução à Bioestatística**. São Paulo: Elsevier, 1999.

DORZIAT, A.; ARAÚJO, J.R. O intérprete da língua de sinais no contexto da educação inclusiva: o pronunciado e o executado. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 18, p. 391-410, 2012.

DUARTE, K. The mechanics of fingerspelling: analyzing Ethiopian Sign Language. **Sign Language Studies**, Washington, v. 11, n. 1, p. 5-21, fall. 2010.

ENGBERG-PEDERSEN, E. **Space in Danish Sign Language**. Hamburg: Signum-Verlag, 1993.

FARACO, C.A. **Linguística histórica**. São Paulo: Ática, 1991.

FASOLD, R. **The sociolinguistics of society**. Oxford: Basil Blackwell, 1984.

_____. **Sociolinguistics of language**. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1991.

FAUROT, K. *et al.* The identity of Mexican sign as a language. **Work Papers of the Summer Institute of Linguistics**, 1999.

FENLON, J. *et al.* Variation in handshape and orientation in British Sign Language: the case of '1' hand configuration. **Language and Communication**, v. 33, n. 1, p. 69-91, 2013.

FERNANDEZ, F.M. **Principios de Sociolingüística y Sociología del lenguaje**. Barcelona: Ariel Lingüística, 1998.

FERREIRA, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

_____; LANGEVIN, R. Sistema Ferreira Brito-Langevin de transcrição de sinais. *In*: FERREIRA, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010. p. 211-42.

FINAU, R. Possíveis encontros entre cultura surda, ensino e linguística. *In*: QUADROS, R.M. (Org.). **Estudos Surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006. p. 216-51.

_____. As marcas linguísticas para as categorias tempo e aspecto na Libras. **Estudos Surdos III**. Petrópolis: Arara Azul, 2008. p. 258-98.

FISCHER, J.L. Social influences on the choice of a linguistic variant. **Word: Journal of the International Linguistic Association**, New York, v. 14, n. 1, p. 47-56, 1958.

FISCHER, S. More than just handwaving: the mutual contributions of sign language and Linguistics. *In*: EMMOREY, K.; LANE, H. **The signs of language revisited: an anthology to honor Ursula Bellugi and Edward Klima**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2000. p. 195-213.

_____; GONG, Q. Variation in East Asian sign language structures. *In*: BRENTARI, D. (Ed.). **Sign Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 499-518.

FOULKES, P.; DOCHERTY, G. The social life of phonetics and phonology. **Journal of Phonetics**, v. 34, p. 409-38, 2006.

FOX-TREE, E. Meemul Tziji: An indigenous sign language complex of Mesoamerica. **Sign Language Studies**, Washington, v. 9, n. 3, p. 324-66, spr. 2009.

FRISHBURG, N. Arbitrariness and iconicity: historical change in American Sign Language. **Language**, v. 51, p. 690-719, 1975.

GARCIA, B.G. The emerging deaf community in the Dominican Republic: an ethnographic study. *In*: LUCAS, C. (Ed.). **Sign language research: theoretical issues**. Washington: Gallaudet University Press, 1990, p. 259-74.

GEER, L. Kinship in Mongolian Sign Language. **Sign Language Studies**, Washington, v. 11, n. 4, p. 594-605, sum. 2011.

GERACI, C. *et al.* The LIS project: a discussion of sociolinguistic variation in the lexicon. **Sign Language Studies**, Washington, v. 11, n. 4, p. 528-74, sum. 2011.

GESSER, A. Do patológico ao cultural na surdez: para além de um e de outro ou para uma reflexão crítica dos paradigmas. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 47, n. 1, p. 223-39, jan./jun. 2008.

_____. **LIBRAS? Que língua é essa?:** crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GUERRA-CURRIE, A.M.P.; MEIER, R.P.; WALTERS, K. A cross-linguistic examination of the lexicons of four signed languages. *In*: MEIER, R.P.; CORMIER, K.; QUINTO-POZOS, D. **Modality and structure in signed and spoken languages**. New York: Cambridge University Press, 2002, p. 65-87.

HEIN, K. The Estonian deaf community. **Sign Language Studies**, Washington, v. 10, n. 3, p. 304-16, spr. 2010.

HORTÊNCIO, G.F.H. **Um estudo descritivo do papel dos intérpretes de LIBRAS no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová**. 2005. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2005.

IBGE. **Unidades da federação**. 2007. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartogramas/mesorregiao.html>>. Acesso em 04. out. 2009.

_____. **IBGE e CORDE abrem encontro internacional de estatísticas sobre pessoas com deficiência**. 2005. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=438&id_pagina=1>. Acesso em 06 out. 2009.

_____. **População residente, por tipo de deficiência permanente, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação**. 2010. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Resultados_Gerais_da_Amostra/tab1.pdf>. Acesso em 21 mar. 2013.

JOHNSON, R.E.; LIDDELL, S.K. Toward a phonetic representation of signs: sequentiality and contrast. **Sign Language Studies**, Washington, v. 11, n. 2, p. 241-74, win. 2010.

_____; _____. Toward a phonetic representation of hand configuration: the fingers. **Sign Language Studies**, Washington, v. 12, n. 1, p. 5-45, fall. 2011.

_____; _____. Toward a phonetic representation of hand configuration: the thumb. **Sign Language Studies**, Washington, v. 12, n. 2, p. 316-33, win. 2012.

JOHNSTON, T. **Auslan: the sign language of the Australian Sign Language**. 1989. Tese de Doutorado, University of Sydney, Sydney, 1989.

_____. **Signs of Australia: a new dictionary of Auslan**. North Rocks: North Rocks Press, 1998.

KARNOPP, L.B. **Aquisição do parâmetro configuração de mão na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS):** estudo sobre quatro crianças surdas, filhas de pais surdos. 1994. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

_____. **Aquisição fonológica na Língua Brasileira de Sinais:** estudo longitudinal de uma criança surda. 1999. 274 f. Tese (Doutorado em Linguística e Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

KELLY, A.B. Fingerspelling use among the deaf senior citizens in Baltimore. *In*: WINSTON, E.A. (Ed.). **Communication Forum 1991**. Washington: Gallaudet University, 1991, p. 90-8.

KENNEDY, G. *et al.* (Ed.). **A dictionary of New Zealand Sign Language**. Auckland: Auckland University Press, 1997.

KIMMELMAN, V. Word order in Russian Sign Language. **Sign Language Studies**, Washington, v. 12, n. 3, p. 414-45, spr. 2012.

KLEINFELD, M.S.; WARNER, N. Gay, lesbian and bisexual signs. *In*: LUCAS, C. (Ed.). **Multicultural aspects of sociolinguistics in deaf communities**. Washington: Gallaudet University Press, 1996. p. 3-35.

KLEINFELD, M.S.; WARNER, N. Lexical variation in the deaf community relating to gay, lesbian, and bisexual signs. *In*: LIVIA, A.; HALL, K. (Ed.). **Queerly phrased: language, gender, and sexuality**. New York: Oxford University Press, 1997, p. 58-84.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The signs of language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

KUBUS, O.; HOHENBERGER, A. The phonetics and phonology of two-handed signs in TID (Turkish Sign Language). *In*: VAN DER HULST, H.; CHANNON, R. **The phonetics and phonology of sign languages: first SignTyp Conference**. Storrs: University of Connecticut, 2008. p. 25-6.

KYLE, J.G.; WOLL, B. **Sign language: the study of the deaf people and their language**. New York: Cambridge University Press, 1998.

LABOV, W. **Principles of linguistic change – internal factors**. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. **Principios del cambio lingüístico – factores sociales**. Madrid: Editorial Gredos, 2006.

LACERDA, C.B.F. Tradutores e intérpretes de Língua Brasileira de Sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 36, p. 133-53, 2010.

LIDDELL, S.K. Structures for representing handshape and local movement at the phonemic level. *In*: FISCHER, S.D.; SIPLE, P. **Theoretical Issues in Sign Language Research**. vol. 1. Chicago: University of Chicago Press, 1991. p. 37-65.

_____. **Grammar, gesture, and meaning in American Sign Language**. New York: Cambridge University Press, 2003.

_____; JOHNSON, R.E. American Sign Language: the phonological base. **Sign Language Studies**, Washington, n. 64, p. 195-278, 1989.

LUCAS, C. The role of variation in lexicography. **Sign Language Studies**, Washington, v. 3, n. 3, p. 322-40, spr. 2003.

_____; VALLI, C. Language contact in American deaf community. *In*: LUCAS, C. (Ed.). **The sociolinguistics of the deaf community**. San Diego: Academic Press, 1989. p. 11-39.

_____; BAYLEY, R.; VALLI, C. **Sociolinguistic Variation in American Sign Language**. Washington: Gallaudet University Press, 2001.

_____; _____. Variation in ASL: the role of grammatical function. *In*: QUADROS, R.M. (Org.) **9th Theoretical Issues in Sign Language Research – TISLR9**. Petrópolis: Arara Azul, 2008. p. 286-313.

_____; _____. Variation in American Sign Language. *In*: BRENTARI, D. (Ed.). **Sign Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 451-76.

_____ *et al.* Sociolinguistic variation. *In*: LUCAS, C. *et al.* **The sociolinguistics of sign languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 61-111.

_____ *et al.* Location variation in American Sign Language. **Sign Language Studies**, Washington, v. 2, n. 4, p. 407-40, sum. 2002.

MARSHALL, C.R. Sign language phonology. *In*: KULA, N.C.; BOTMA, B.; NASUKAWA, K. (Ed.). **Continuum companion to phonology**. London/New York: Continuum International Publishing Group, 2011. p. 254-77.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. Língua e gesto em línguas sinalizadas. **Veredas**, Juiz de Fora, n. 1, p. 289-304, 2011.

MCINTIRE, M.L. The acquisition of American Sign Language hand configurations. **Sign Language Studies**, Washington, v. 16, p. 247-66, 1977.

MCKEE, D.; KENNEDY, G. Sisters or cousins? A lexical comparison of Australian and New Zealand Sign Languages. *In: SCHEMBRI, A. et al. (Ed.). Deaf studies, Sydney, 1998: selected papers from the Australian Deaf Studies Research Symposium.* Sydney: North Rocks Press, 2000. p. 67-77.

_____; _____. The distribution of signs in New Zealand Sign Language. **Sign Language Studies**, Washington, v. 6, n. 4, p. 372-90, sum. 2006.

MCKEE, R. Hand to mouth: the role of mouthing in New Zealand Sign Language. **Australian Sign Language Interpreters.** Sydney: Macquarie University, 2007.

_____; MCKEE, D.; MAJOR, G. Sociolinguistic variation in NZSL numerals. *In: QUADROS, R.M. (Org.) 9th Theoretical Issues in Sign Language Research – TISLR9.* Petrópolis: Arara Azul, 2008. p. 314-28.

_____; _____. Numeral variation in New Zealand Sign Language. **Sign Language Studies**, Washington, v. 12, n. 1, p. 72-97, fall. 2011.

_____; _____. Old signs, new signs, whose signs? Sociolinguistic variation in the NZSL lexicon. **Sign Language Studies**, Washington, v. 11, n. 4, p. 485-527, sum. 2011.

_____ *et al.* Variable “subject” presence in Australian Sign Language and New Zealand Sign Language. **Language Variation and Change**, v. 23, p. 375-98, 2011.

MEIR, I. *et al.* Re-Thinking Sign Language Verb Classes: the body as subject. *In: QUADROS, R.M. (Org.) 9th Theoretical Issues in Sign Language Research – TISLR9.* Petrópolis: Arara Azul, 2008. p. 87-106.

MORALES-LÓPEZ, E. *et al.* The verbal system of Catalan Sign Language (LSC). **Sign Language Studies**, Washington, v. 5, n. 4, p. 441-96, sum. 2005.

MULROONEY, K.J. Variation in ASL fingerspelling. *In: LUCAS, C. (Ed.) Sociolinguistics in deaf communities.* v. 8. Washington: Gallaudet University Press, 2002. p. 3-23.

PADDEN, C. The deaf community and the culture of deaf people. *In: BAKER, C.; BATTISON, R. (Ed.). Sign language and the deaf community: essays in honor of William C. Stokoe.* Washington: National Association of the Deaf, 1980.

_____. The acquisition of fingerspelling by deaf children. *In: FISCHER, S.D.; SIPLE, P. Theoretical Issues in Sign Language Research.* vol. 1. Chicago: University of Chicago Press, 1991. p. 191-210.

_____. **Early bilingual lives of deaf children.** New York: Cambridge University Press, 1996.

_____; PERLMUTTER, D.M. American Sign Language and the architecture of phonological theory. **Natural Language and Linguistic Theory**, Dordrecht, v. 5, p. 335-75, 1987.

_____; GUNSAULS, D.C. How the alphabet came to be used in a sign language. **Sign Language Studies**, Washington, v. 4, n. 1, p. 10-33, fall. 2003.

PARKS, E.; PARKS, J. A sociolinguistic profile of the Peruvian deaf community. **Sign Language Studies**, Washington, v. 10, n. 4, p. 409-41, sum. 2010.

PATRICK, P.; METZGER, M. Sociolinguistic factors in sign language research. *In*: ARNOLD, J. *et al.* (Ed.). **Sociolinguistic Variation: Data, Theory, and Analysis.** Selected papers from NWAV 23 at Stanford. Stanford: Center for the Study of Language and Information, 1996, p. 229-40.

PEREIRA, M.C.C.; VIEIRA, M.I.S. Bilinguismo e educação de surdos. **Intercâmbio**, São Paulo, v. 19, p. 62-7, 2009.

_____ *et al.* **LIBRAS: conhecimento além dos sinais.** São Paulo: Pearson, 2011.

PERLMUTTER, D.M. On the segmental representation of transitional and bidirectional movements in ASL phonology. *In*: FISCHER, S.D.; SIPLE, P. **Theoretical Issues in Sign Language Research.** vol. 1. Chicago: University of Chicago Press, 1991. p. 67-80.

PETTER, M.M.T. **Variedades lingüísticas em contato:** Português Angolano, Português Brasileiro e Português Moçambicano. 2008. 212 f. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

PIETRANDREA, P. Iconicity and arbitrariness in Italian Sign Language. **Sign Language Studies**, Washington, v. 2, n. 3, p. 296-321, spr. 2002.

QUADROS, R.M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____; KARNOPP, L.B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. Gramática da língua de sinais brasileira: os diferentes tipos de verbos e suas repercussões na sintaxe. **Revista da ANPOLL**, São Paulo, v. 1, n.16, p. 289-320, 2004.

_____. Gramática da frase da língua de sinais brasileira: os traços de concordância. *In*: CVEJANOV, S. (Org.). **Lenguas de señas: estudios de lingüística teórica y aplicada**. Neuquén: EDUCO, 2007, p. 55-72.

_____; STUMPF, M.R. O primeiro curso de graduação em letras língua brasileira de sinais: educação à distância. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 10, n. 2, p. 169-185, 2009.

_____; QUER, J. A caracterização da concordância nas línguas de sinais. *In*: LIMA-SALLES, H.M.M.; NAVES, R.R. (Org.). **Estudos Gerativos da língua de sinais brasileira e de aquisição do português (L2) por surdos**. Goiânia: Câne, 2010, p. 33-58.

_____; CAMPELLO, A.R.S. A constituição política, social e cultural da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. *In*: VIEIRA-MACHADO, L.M.C.; LOPES, M.C. **Educação de surdos: políticas, línguas de sinais, comunidade e cultura surda**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010. p. 15-47.

_____; SANTOS, S.A. O tradutor intérprete de língua de sinais: ontem, hoje e amanhã. **Lengua de Senãs e Interpretación**, v. 1, p. 91-114, 2010.

QUINTO-POZOS, D. Sign language contact and interference: ASL e LSM. **Language in society**, v. 37, n. 2, p. 161-89, 2008.

RABELO, A.S. Libras: aspectos linguísticos e usos na terapia fonoaudiológica bilíngue. **Estudos**, Goiânia, v. 33, n. 5/6, p. 369-84, maio/jun. 2006.

RADUTZKY, E. The changing handshape in Italian Sign Language. *In*: EDMONDSON, W.H.; KARLSSON, F. (Ed.). **Papers from the Fourth International Symposium on Sign Language Research**. Hamburg: Fuldaer Verlagsanstalt GmbH, 1987. p. 94-113.

REHFELDT, G.K. Linguistic basis for the description of Brazilian Sign Language. *In*: HOEMANN, H. **The sign language of Brazil**. New York: Mill Neck Foundation, 1981. p. 9-19.

RESENDE, C.S. **Assimilação na língua de sinais brasileira**. 2012. 96 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

ROSA, A.S. **Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. Petrópolis: Arara Azul, 2008.

RUDNER, W.A.; BUTOWSKY, R. Signs used in the deaf gay community. **Sign Language Studies**, Washington, v. 30, p. 36-8, 1981.

SÁNCHEZ, C.M. **La increíble y triste historia de la sordera**. Caracas: Editorial Ceprosord, 1990.

SANDLER, W. Temporal aspects and ASL phonology. *In*: FISCHER, S.D.; SIPLE, P. **Theoretical Issues in Sign Language Research**. vol. 1. Chicago: University of Chicago Press, 1991. p. 7-35.

_____. Hand in hand: the roles of the nondominant hand in sign language phonology. **The Linguistic Review**, v. 10, p. 337-90, 1993.

SCHEMBRI, A. Rethinking 'classifiers' in signed languages. *In*: EMMOREY, K. (Ed.). **Perspectives on classifier constructions in sign language**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2003. p. 3-34.

_____; JOHNSTON, T. Sociolinguistic variation in Auslan: a research project in progress. *In*: VAN HERREWEGHE, M.; VERMEERBERGEN, M. (Ed.). **Ghent in October: Proceedings of the Conference on Sign Language in Flanders – Lexicographical, Educational and Sociocultural Aspects**. Ghent: Fevlado-Diversus, 2004.

_____; _____. Sociolinguistic variation in the use of fingerspelling in Australian Sign Language: a pilot study. **Sign Language Studies**, Washington, v. 7, n. 3, p. 319-47, spr. 2007.

_____; _____. Sociolinguistic aspects of variation and change. *In*: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Ed.) **Sign language: an international handbook**. Berlin: Walter de Gruyter, 2012. p. 788-816.

_____; _____. Sociolinguistic variation and change in sign languages. *In*: BAYLEY, R.; CAMERON, R.; LUCAS, C. (Ed.). **Oxford Handbook of Sociolinguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 503-24.

_____; _____. GOSWELL, D. NAME dropping: location variation in Australian Sign Language. *In*: LUCAS, C. (Ed.). **Multilingualism and sign languages: from the great plains to Australia**. Washington: Gallaudet University Press, 2006, p. 121-56.

_____ *et al.* Phonological variation and change in Australian and New Zealand Sign Language: the location variable. **Language Variation and Change**, v. 21, p. 193-231, 2009.

_____ *et al.* Sociolinguistic variation in British, Australian and New Zealand Sign Language. *In*: BRENTARI, D. (Ed.). **Sign Languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 476-98.

_____; FENLON, J.; RENTELIS, R. Sociolinguistic variation in the 1 handshape in British Sign Language. **NWAV**. 38, University of Ottawa, 2009.

_____; JONES, C.; BURNHAM, D. Comparing action gestures and classifier verbs of motion: evidence from Australian Sign Language, Taiwan Sign Language and non-signers' gestures without speech. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, Oxford, v. 10, n. 3, p. 272-90, sum. 2005.

SCHERMER, T. From variant to standard: an overview of the standardization process of the lexicon of sign language of the Netherlands over two decades. **Sign Language Studies**, Washington, v. 3, n. 4, p. 469-86, sum. 2003.

SHAW, E.; DELAPORTE, Y. New perspectives on the history of American Sign Language. **Sign Language Studies**, Washington, v. 11, n. 2, p. 158-204, win. 2010.

SIEDLECKI JR, T.; BONVILLIAN, J.D. Location, handshape & movement: young children's acquisition of the formational aspects of American Sign Language. **Sign Language Studies**, Washington, n. 78, p. 31-52, spr. 1993.

_____; _____. Young children's acquisition of the location aspect of American Sign Language: parental report findings. **Journal of Communication Disorders**, Amsterdam, n. 29, p. 13-35, 1996.

_____; _____. Young children's acquisition of the handshape aspect of American Sign Language signs: parental report findings. **Applied Psycholinguistics**, New York, v. 18, p. 17-39, 1997.

SILVA, V. Educação de surdos: uma releitura da primeira escola pública para surdos em Paris e do Congresso de Milão em 1880. In: QUADROS, R.M. (Org.). **Estudos surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006. p. 15-37.

SILVA, G.M.O. Coleta de dados. In: MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (Org.) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 117-33.

SKLIAR, C. Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação de surdos. In: SKLIAR, C. (Org.) **Educação & exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 2000. p. 105-53.

SOUZA, D.T. **Língua Brasileira de Sinais: as dificuldades encontradas por utentes de língua portuguesa na execução da marcação não-manual e sua implicação na mudança de significado**. 2008. 55 f. Monografia (Licenciatura em Letras) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

SOUZA, R.B.; SEGALA, R.R. A perspectiva social na emergência das línguas de sinais: a noção de comunidade de fala e idioleto segundo o modelo teórico

laboviano. *In*: QUADROS, R.M.; STUMPF, M. **Estudos surdos IV**. Petrópolis: Arara Azul, 2009. p. 21-48.

SOUZA, R. M.; MARTINS, V.R.O. Intérprete de língua de sinais educacional, para além de um instrumento: rádio (inter)ativo?. **Lengua de Senãs e Interpretación**, v. 2, p. 69-92, 2011.

SPERB, C.C.; LAGUNA, M.C.V. Os sinalários na língua de sinais : como surgem os sinais? *In*: Círculo de Estudos Linguísticos do Sul. 9, 2010, Palhoça. **Anais**, p. 1-15.

STAMP, R. *et al.* Sociolinguistic variation and change in British Sign Language number signs. **Journal of Sociolinguistics**, submetido.

_____ *et al.* Lexical variation and change in British Sign Language, submetido.

STOKOE, W.C. **Sign language structure**: an outline of the visual communication systems of the american deaf. New York: University of Buffalo, 1960.

_____; CASTERLINE, D.; CRONENBERG, C.G. **A dictionary of American Sign Language on linguistic principles**. Washington: Gallaudet College Press, 1965.

_____. Sign language versus spoken language. **Sign Language Studies**, Washington, v. 18, p. 69-90, 1978.

_____. Sign & Speech. **Sign Language Studies**, Washington, v. 6, n. 2, p. 357-72, win. 1996.

STUMPF, M.; QUADROS, R.M. Tradução e interpretação da Língua Brasileira de Sinais: formação e pesquisa. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 26, p. 165-206, 2010.

SUPALLA, T. Sign Language Archeology: Integrating Historical Linguistics with Fieldwork on Young Sign Languages. *In*: QUADROS, R.M. (Org.) **9th Theoretical Issues in Sign Language Research – TISLR9**. Petrópolis: Arara Azul, 2008. p. 25-32.

SUTTON-SPENCE, R.; WOLL, B. The status and functional role of fingerspelling in BSL. *In*: MARSCHARK, M.; CLARK, M.D. (Ed.). **Psychological perspectives on deafness**. Hillsdale: Erlbaum, 1993. p. 185-208.

_____; _____. ALLSHOP, L. Variation and recent change in fingerspelling in British Sign Language. **Language Variation and Change**, v. 2, p. 313-30, 1990.

SWADESH, M. **Mapas de clasificación lingüística de México y las Américas**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1959.

TEMÓTEO, J.G. **Diversidade linguístico-cultural da língua de sinais do Ceará:** um estudo lexicológico das variações da LIBRAS na comunidade de surdos do Sítio Caiçara. 2008. 167 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

TEN HOLT, G.A.; VAN DOORN, A.J.; DE RIDDER, H. Signs in which handshape and hand orientation are either not visible or are only partially visible what is the consequence for lexical recognition? **Sign Language Studies**, Washington, v. 10, n. 1, p. 5-35, fall. 2009.

TORIGOE, T.; TAKEI, W. A descriptive analysis of pointing and oral movements in a home sign system. **Sign Language Studies**, Washington, v. 2, n. 3, p. 281-95, spr. 2002.

TSAY, J.; MYERS, J. The morphology and phonology of Taiwan Sign Language. *In*: TAI, J.H-Y; TSAY, J. (Ed.). **Taiwan Sign Language and beyond**. Taiwan: The Taiwan Institute for the Humanities/National Chung Cheng University, 2009. p. 83-128.

UYECHI, L. **The geometry of visual phonology**. Stanford: CSLI Publications, 1996.

VALLI, C.; LUCAS, C. **Linguistics of American Sign Language:** an introduction. 3. ed. Washington: Gallaudet University Press, 2000.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006.

WILBUR, R.B. **American Sign Language and sign systems**. Baltimore: University Park Press, 1979.

_____. **American Sign Language:** linguistic and applied dimensions. 2. ed. Boston: College-Hill, 1987.

WILCOX, S. **The phonetics of fingerspelling**. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1992.

_____. William C. Stokoe and the gestural theory of language origins. **Sign Language Studies**, Washington, v. 9, n. 4, p. 398-409, sum. 2009.

WOODWARD, J. Sociolinguistic research on American Sign Language: an historical perspective. *In*: BAKER, C.; BATTISON, R. (Ed.). **Sign language and the deaf community:** essays in honor of William C. Stokoe. Washington: National Association of the Deaf, 1980, p. 117-33.

_____. Sign language varieties in Costa Rica. **Sign Language Studies**, Washington, v. 20, n. 73, p. 329-46, win. 1991.

_____. The relationship of sign language varieties in India, Pakistan and Nepal. **Sign Language Studies**, Washington, v. 22, n. 78, p. 15-22, spr. 1993.

_____. Modern standard Thai Sign Language: influence from American Sign Language and its relationship to original Thai sign varieties. **Sign Language Studies**, Washington, v. 25, n. 92, p. 227-52, fall. 1996.

_____; ERTING, C.; OLIVER, S. Facing and hand(l)ing variation in American Sign Language. **Sign Language Studies**, Washington, v. 10, p. 43-52, 1976.

_____; DeSANTIS, S. Two to one it happens: dynamic phonology in two sign languages. **Sign Language Studies**, Washington, v. 17, p. 329-346, 1977.

WURTZBURG, S.; CAMPBELL, L. North American indian sign language: evidence of its existence before European contact. **International Journal of American Linguistics**, v. 61, n. 2, p. 153-67, apr. 1995.

XAVIER, A.N. Variação fonológica na Libras: um estudo-piloto da alternância no número de articuladores manuais envolvidos na produção dos sinais. In: Seminários de Teses em Andamento (SETA). 16, 2010, Campinas. **Caderno de resumos**. Campinas: UNICAMP, p. 119-45.

ZESHAN, U. Roots, leaves and branches – The typology of sign languages. In: QUADROS, R.M. (Org.) **9th Theoretical Issues in Sign Language Research – TISLR9**. Petrópolis: Arara Azul, 2006, p. 33-54.

APÊNDICE A**LISTA DE PALAVRAS USADAS NA COLETA DE DADOS**

Eu	Homem	Rir	Fogo
Nós	Mulher	Ver	Vermelho
O que	Criança	Ouvir	Verde
Onde	Mãe	Saber	Amarelo
Um	Pai	Viver	Branco
Dois	Peixe	Morrer	Preto
Três	Pássaro	Cozinhar	Cinza
Quatro	Cachorro	Dançar	Noite
Cinco	Cobra	Falar	Ano
Seis	Árvore	Sol	Frio
Sete	Abacaxi	Lua	Novo
Oito	Flor	Estrela	Velho
Nove	Osso	Chuva	Bom
Dez	Coração	Rio	Ruim
Grande	Brincar	Céu	Sujo

APÊNDICE B

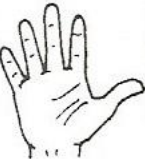
Lista das variantes dos parâmetros de cada palavra apresentada (João Pessoa/Campina Grande, 2012).

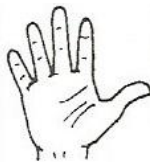
Palavra	Configuração da Mão	Localização	Movimento	Orientação da Mão
Eu	(1)  (2)  (3) 	Forma canônica (busto)	Forma canônica (unimanual)	Forma canônica (para o corpo)
Nós	(1)  (2)  (3) 	Forma canônica (ombros)	Forma canônica (unimanual)	(1) para cima (2) para baixo
O que	Forma canônica 	(1) Queixo (2) Busto	Forma canônica (unimanual)	Forma canônica (para a frente)

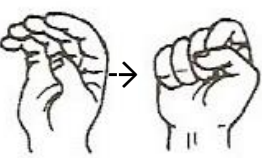
Onde	Forma canônica 	Forma canônica (ombros)	Forma canônica (para baixo)	Forma canônica (para dentro)
Um	(1)  (2) 	(1) Queixo (2) Busto	Forma canônica (unimanual)	(1) Para o corpo (2) Para a frente
Dois	(1)  (2) 	(1) Queixo (2) Busto	Forma canônica (unimanual)	(1) Para o corpo (2) Para a frente
Três	Forma canônica 	(1) Queixo (2) Busto	Forma canônica (unimanual)	(1) Para o corpo (2) Para a frente
Quatro	Forma canônica 	(1) Queixo (2) Busto	Forma canônica (unimanual)	(1) Para o corpo (2) Para a frente
Cinco	Forma canônica 	(1) Boca (2) Busto	Forma canônica (unimanual)	(1) Para a frente (2) Para a lateral
Seis	Forma canônica 	(1) Queixo	Forma canônica	Forma canônica

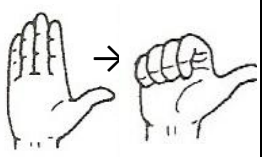
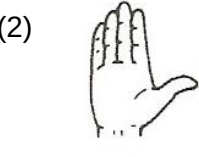
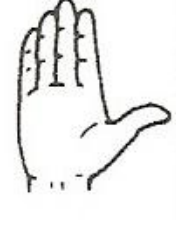
	(letra "O" + polegar para cima)	(2) Estômago	(unimanual)	(para cima)
Sete	Forma canônica 	(1) Queixo (2) Busto	Forma canônica (unimanual)	(1) Para baixo (2) Para a lateral
Oito	Forma canônica 	(1) Queixo (2) Busto	Forma canônica (unimanual)	(1) Para baixo (2) Para a lateral (3) Para o corpo
Nove	Forma canônica (letra "O" + polegar para baixo)	(1) Queixo (2) Busto	Forma canônica (unimanual)	(1) Para baixo (2) Para a lateral
Dez	(1)  +  (2) 	(1) Queixo (2) Busto	(1) Mão parada (2) Giro para frente e para trás	Forma canônica (para dentro)
Grande	(1)  (2) 	(1) Queixo (2) Busto	Forma canônica (distanciamento)	Forma canônica (para dentro)
Homem	Forma canônica 	Forma canônica (queixo)	Forma canônica (unimanual)	Forma canônica (para o corpo)

Mulher	Forma canônica 	Forma canônica (bochecha)	Forma canônica (unimanual)	Forma canônica (para a lateral)
Criança	(1) Skewing (2) Skewing + 	(1) Queixo (2) Estômago	Forma canônica (unimanual)	Forma canônica (para a lateral)
Mãe	Forma canônica 	Forma canônica (bochecha + queixo)	Forma canônica (unimanual)	Forma canônica (para a lateral e para baixo)
Pai	(1)  (2)  	Forma canônica (queixo)	Forma canônica (unimanual)	Forma canônica (para cima e para baixo)
Peixe	(1)  (2) 	(1) Busto (2) Queixo	Forma canônica (unimanual)	(1) Para o corpo (2) Para a lateral

	(3) 			
Pássaro	(1)  (2)  + 	(1) Boca (2) Ombros	(1) Unimanual com dedos abrindo e fechando (2) Bimanual, com mãos para cima e para baixo	Forma canônica (para a frente)
Cachorro	Forma canônica 	Forma canônica (boca)	Forma canônica (unimanual)	Forma canônica (para o corpo)
Cobra	(1)  (2)  (3) 	(1) Boca (2) Ombros (3) Antebraço	(1) Espiralado (2) Para a frente (3) Para trás	Forma canônica (para a frente)

Árvore	Forma canônica 	Forma canônica (busto)	Forma canônica (circular)	Forma canônica (sem orientação específica – mão girando)
Abacaxi	(1)  (2) 	Forma canônica (busto)	Forma canônica (para baixo)	Forma canônica (para o corpo)
Flor	Forma canônica 	Forma canônica (nariz)	Forma canônica (unimanual)	Forma canônica (para a lateral)
Osso	(1)  (2) Apontar para o dente + 	Forma canônica (ombros)	Forma canônica (cruzamento)	Forma canônica (para fora)
Coração	(1)  (2) 	Forma canônica (busto)	Forma canônica (unimanual)	Forma canônica (para a lateral)

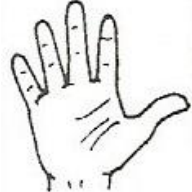
	(3) 			
Brincar	(1)  (2) 	Forma canônica (busto)	(1) Circular (2) Para os lados	Forma canônica (para o corpo)
Rir	Forma canônica 	Forma canônica (queixo)	Forma canônica (unimanual)	Forma canônica (para o corpo)
Ver	Forma canônica 	Forma canônica (olhos)	(1) Reto para a frente (2) Semi-giro para a frente	(1) Para a frente (2) Para o corpo
Ouvir	(1)  (2) 	Forma canônica (orelha)	Forma canônica (unimanual)	Forma canônica (para a frente)

Saber	(1)  (2) 	Forma canônica (lateral da testa)	(1) Batendo na lateral da testa e fechando (2) Batendo na lateral da testa	Forma canônica (para a lateral)
Viver	Forma canônica 	Forma canônica (busto)	Forma canônica (unimanual)	Forma canônica (para cima)
Morrer	(1)  (2)  (3) 	Forma canônica (pescoço)	Forma canônica (unimanual)	Forma canônica (para baixo)
Cozinhar	(1) 	Forma canônica (estômago)	Forma canônica (circular)	(1) Para baixo (2) Para o corpo

	(2)  (3) 			
Dançar	(1)  (2)  + 	(1) Queixo (2) Estômago	(1) Circular (2) Para os lados	Forma canônica (para baixo)
Falar	Forma canônica 	Forma canônica (queixo)	Forma canônica (unimanual)	Forma canônica (para o corpo)
Sol	(1)  + 	Forma canônica (testa)	Forma canônica (unimanual)	Forma canônica (para a lateral)

	(2)  + 			
Lua	Forma canônica  + 	(1) Acima da testa (2) Nariz	(1) Unimanual, com indicador e polegar que se aproximam (2) Bimanual, com indicador e polegar que se aproximam	Forma canônica (para a frente)
Estrela	Forma canônica 	(1) Acima da testa (2) Nariz (3) Boca (4) Queixo (5) Ombros	Forma canônica (alternado)	(1) Para o centro (2) Para a frente
Chuva	Forma canônica 	(1) Testa (2) Nariz (3) Queixo (4) Busto	(1) Unimanual (2) Bimanual	Forma canônica (para baixo)
Rio	(1)  (2) 	Forma canônica (estômago)	(1) Reto (2) Encurvado	Forma canônica (para dentro)

	(3) 			
Céu	Forma canônica 	Forma canônica (acima da cabeça)	Forma canônica (distanciamento)	Forma canônica (para a frente)
Fogo	Forma canônica 	Forma canônica (busto)	Forma canônica (para cima)	Forma canônica (para cima)
Vermelho	(1)  (2)  (3) 	Forma canônica (boca)	Forma canônica (unimanual)	Forma canônica (para o corpo)
Verde	Forma canônica 	Forma canônica (mão)	Forma canônica (para frente e para trás)	Forma canônica (para baixo)

Amarelo	(1)  (2)  (3) 	(1) Sobre o nariz (2) Lateral do nariz	Forma canônica (unimanual)	(1) Para baixo (2) Para a lateral
Branco	(1)  (2)  (3) 	(1) Mão (2) Antebraço	Forma canônica (para os lados)	Forma canônica (para o corpo)
Preto	Forma canônica 	Forma canônica (mão)	Forma canônica (para os lados)	Forma canônica (para baixo)
Cinza	Forma canônica 	(1) Mão (2) Antebraço	Forma canônica (para os lados)	(1) Para a frente (2) Para a lateral

Noite	Forma canônica 	Forma canônica (mão)	Forma canônica (holding)	Forma canônica (para baixo)
Ano	Forma canônica 	Forma canônica (mão)	Forma canônica (circular)	Forma canônica (para o corpo)
Frio	(1)  (2) 	(1) Queixo (2) Busto (3) Braço	(1) Unimanual (2) Mãos cruzadas no busto (3) Mãos para cima e para baixo no braço	(1) Para a lateral (2) Para as extremidades (3) Para o centro
Novo	Forma canônica  	Forma canônica (busto)	Forma canônica (unimanual)	Forma canônica (para a lateral)
Velho	Forma canônica 	Forma canônica (queixo)	Forma canônica (unimanual)	Forma canônica (para o corpo)
Bom	Forma canônica 	Forma canônica (queixo)	Forma canônica (unimanual)	(1) Para cima (2) Para o corpo

Ruim	(1)  (2) 	Forma canônica (queixo)	Forma canônica (unimanual)	Forma canônica (para baixo)
Sujo	(1)  (2) 	Forma canônica (pescoço)	Forma canônica (unimanual)	Forma canônica (para a lateral)

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título: Variação fonológica da LIBRAS: um estudo sociolinguístico de comunidades surdas da Paraíba

Pesquisador responsável: Wagner Teobaldo Lopes de Andrade
Universidade Federal da Paraíba (Programa de Pós-Graduação em Linguística)
Cidade Universitária, Campus I, Castelo Branco – João Pessoa/PB.
E-mail: wagnerteobaldo@ccs.ufpb.br

Orientadores: Prof. Dr. Dermeval da Hora e Prof^a Dr^a Marília Ana de Moura Aguiar.

Convidamos você a participar da pesquisa intitulada Variação fonológica da Língua de Sinais: um estudo sociolinguístico de comunidades surdas da Paraíba, realizada como tese de Doutorado em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. O objetivo desta pesquisa é investigar a diferença na forma de realizar os sinais por surdos do estado da Paraíba, tendo em vista que poucos estudos se dedicam às questões sociolinguísticas da LIBRAS e à sua evolução como uma língua natural. Além disso, não há relatos de estudos desta natureza no estado da Paraíba.

Para isso, você será solicitado a ler algumas palavras em um computador e realizar o sinal desta palavra, em local e horário de sua preferência, previamente agendado com o pesquisador. Esse procedimento contará com a presença de um intérprete de LIBRAS e será gravada em vídeo (filmadora posicionada ao lado do computador) para registrar as informações que posteriormente serão analisadas.

Este trabalho não envolve medicamentos nem qualquer procedimento que o machuque. Não há risco previsível para o tipo de procedimento que será realizado. Espera-se, como benefício, que se compreenda as características da língua de sinais realizada na Paraíba e as diferenças na forma de sinalizar entre surdos de diferentes regiões.

As atividades serão conduzidas pelo pesquisador responsável. As informações que você nos fornecer serão mantidas sob sigilo absoluto e serão acessadas apenas para fins científicos, sem revelar a identidade dos sujeitos.

A sua participação neste estudo é totalmente voluntária, estando assegurada a sua permanência até o momento de sua conveniência, podendo desistir a qualquer momento, bastando comunicar ao pesquisador, sem obrigação alguma de dar satisfações sobre a sua decisão. Não haverá represálias ou qualquer tipo de penalidade em função da sua decisão.

Você não receberá qualquer remuneração nem pagará nada para participar do estudo. Quando ela for concluída, todos os sujeitos serão informados dos resultados.

Em caso de dúvidas adicionais sobre a sua participação no estudo, entre em contato com o pesquisador responsável. Não assine o termo se não concordar em participar ou se suas dúvidas não tiverem sido esclarecidas satisfatoriamente.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Li e entendi as informações e todas as minhas dúvidas foram respondidas satisfatoriamente. Aceito as condições e termos para participar deste estudo e não abro mão, na condição de participante da pesquisa, de nenhum direito legal.

_____, ____ de _____ de 2012.

Assinatura do participante

Pesquisador

Testemunha

Testemunha

CONTATO: Wagner Teobaldo Lopes de Andrade
Programa de Pós-Graduação em Linguística – Universidade Federal da Paraíba
E-mail: wagnerteobaldo@ccs.ufpb.br – Fone: (83) 8865-2948

ANEXO A

PARECER DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA - UFPB
HOSPITAL UNIVERSITÁRIO LAURO WANDERLEY - HULW
**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES
HUMANOS - CEP**

CERTIDÃO

Com base na Resolução nº 196/96 do CNS/MS que regulamenta a ética da pesquisa em seres humanos, o Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Lauro Wanderley - CEP/HULW, da Universidade Federal da Paraíba, em sua sessão realizada no dia 27/07/2010, após análise do parecer do relator, resolveu considerar APROVADO o projeto de pesquisa intitulado VARIAÇÃO FONOLÓGICA DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS: um estudo sociolinguístico de comunidades surdas da Paraíba. Protocolo CEP/HULW nº. 393/10, do pesquisador WAGNER TEOBALDO LOPES DE ANDRADE.

No final da pesquisa, solicitamos enviar ao CEP/HULW, uma cópia desta certidão e da pesquisa, em CD, para emissão da certidão para publicação científica.

João Pessoa, 29 de julho de 2010.

Iaponira Cortez Costa de Oliveira
Coordenadora do Comitê de Ética
em Pesquisa - CEP/HULW

Profª Drª Iaponira Cortez Costa de Oliveira
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa-HULW